

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PUC/SP**

Maria Dolores Fortes Alves

UM PROJETO PEDAGÓGICO TRANSDISCIPLINAR:

Diretrizes para educação em valores humanos.

Ressignificando valores, construindo autoria, despertando a *humanidade do humano*.

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

**São Paulo
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PUC/SP**

Maria Dolores Fortes Alves

**UM PROJETO PEDAGÓGICO TRANSDISCIPLINAR:
Diretrizes para educação em valores humanos.**

Ressignificando valores, construindo autoria, despertando a *humanidade do humano*.

*Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação: Currículo**, sob a orientação da **Prof^a. Dra. Marina Graziela Feldmann**.*

São Paulo

2008

Banca Examinadora

Dedico a papai Abraão Amaro Alves (in memoriam) com seus exemplos de amorosidade, força e determinação, tornou-me diamante...

A mamãe Cleudizia Fortes Alves, pela coragem de carregar-me em seus braços, pelo acolhimento e ternura que fortaleceram minhas asas para que eu pudesse voar...

AGRADECIMENTOS

Dou graças primeiramente a força Sagrada do Universo que cintilante em meu ser, pela força da vida, pela irmandade com todos os seres cósmicos.

Dou graças a meus irmãos queridos (Claudio, Everaldo, Dinho e Roberto), minha "quase" irmã Gercina, e minhas cunhadas (Ana, Val, Juliana e Márcia) por sempre me acolheram quando a força me falta...

Dou graças à constelação de sabedoria amorosa que é minha querida Prof^a **Maria Cândida Borges Moraes**. Cada minuto contigo tornou-se tesouro d'alma iluminando sempre minha autoria e vida. Jamais encontraria palavras para descrever o que Maria Cândida se tornou em mim e para mim. Lágrimas jorram em meus olhos e ofuscam minha visão ao lembrar cada momento que pude tê-la ao meu lado ou mesmo a milhas de distância abençoando-me com suas orientações. Se Deus existe, certamente ela é um pedacinho dele...

Dou graças a minha querida orientadora **Marina** Graziela Feldmann pelo respeito a meus passos, pela acolhida sincera e amorosa, pelos estímulos constantes que me fizeram crer em meu potencial.

Dou graças a minha queridíssima **Ivani** Fazenda. Sem tua luz, teu acolhimento e a força amorosa não teria seguido minha caminhada...

Dou graças a minhas queridas amigas e amigos do **GEPI**, em especial a **Zezé** (Maria José), **Célia** e Ir. **Ivone** sempre tão presentes e amorosas levando-me ao pódio da vida.

Dou graças a meu querido Prof^o. **Ruy** (Ruy Cezar do Espírito Santo) pela beleza poética da vida e de teus ensinamentos desde muito...dou graças por outorgar e permitir a poesia em mim tornando meu mundo e escrita um jardim de flores...

Dou graças a Prof^a **Adriana** Bruno Peçanha por tão preciosos saberes e orientações ao meu trabalho, a sua sabedoria em ajudar-me a lidar com o caos...

Dou graças a todos os **professores** do programa de Educação: currículo que em algum momento e de muitas maneiras creram em meu potencial...

Dou graças cheia de graça e alegria a meus queridos colegas de disciplina e de muitas caminhadas, em especial a minhas amigas **Van** (Vanessa) e **Jujuba** (Julia

Dojas) ricos tesouros de companheirismo, solidariedade, acolhimento e... não há palavras meninas...vocês São Super especiais!

Dou graças aos presidentes da Fundação Peirópolis, em especial a minha querida amiga Solange Borges. Somente quem tem tão amor no coração é que pode dividi-lo com tantos, multiplicando-o sempre. Solange é nossa grande mestra em Educação e Valores Humanos. Foi luz em minha alma fazendo renascer em mim a esperança amorosa de seguir por caminhos que muitas vezes foram tão árduos..

Dou graças todos os professores e alunos do curso de Educação e Valores Humanos da Fundação Peirópolis por tão gentilmente permitirem minhas construções, ressignificações e pesquisa. Em especial, as coordenadoras do curso: Raquel e Maristela que tão gentilmente me acolheram, estimularam e me abençoaram com sabedoria e amorosidade. Muito contribuíram a este trabalho.

Dou graças a minha pequena Graciely por muitas madrugadas a seguir comigo a PUC e me auxiliar tão carinhosamente

. Dou graças a todos os colegas e amigos motoristas, metroviários e tantos outros portadores de bondade de alma...

Dou graças a meu querido Prof^o Carlos Rodrigues Brandão. Também não tenho palavras para agradecer tão grandiosa riqueza que permitiste a mim. Beijos de luz, meu sábio poeta e pastor de alegria que nos ensina por gestos poéticos que Amor se aprende no viver.

Dou graças a Paulo Freire, mestre dos mestres razão de nossa luta por liberdade, amorosidade e justiça.

A meu querido Joao Beauclair...companheiro constante, amigo verdadeiro, de muitas tessituras e sonhos. Obrigada pela doação amorosa de teu coração que, muitas vezes me acolheu... me confortou e incondicionalmente me amou...Dou graças!!!!!!!!!!!!mesmo tão distante estamos sempre muito perto...

Dou graças a meu querido editor Pedro. Lindeza de moço sempre humano e amoroso buscando caminhos para uma vida amorosa e sábia. Pedro é filósofo de luz, semeador de estrelas...jardineiro de vida...

Dou graças a todos que, direta ou indiretamente contribuíram comigo acolhendo-me na dor, nutrindo-me na fome de alimento e saber, nos sorrisos e abraços que dão sabor a vida!

Agradeço imensamente a PUC e ao CAPES por viabilizarem caminhos de construção, conhecimentos da magnânima qualidade e sabedoria...

RESUMO

UM PROJETO PEDAGÓGICO TRANSDISCIPLINAR: Diretrizes para Educação em Valores Humanos. Ressignificando valores, construindo autoria, despertando a *humanidade do humano*.

Diante de um quadro em que fervilham infinitas informações muitas vezes, mascaradas pela beleza vazia de sabedoria, imposições à nossa forma de pensar que seduzem e embriagam egos frágeis, além de múltiplas verdades e formas de arrazoar pouco estruturadas, encontramos-nos diante de uma crise de valores. Sem nortes diante de tantas incertezas, seja no âmbito educativo, político, social ou mesmo familiar, uma vez, que até mesmo o modelo de família patriarcal foi substituído por novas formas de relacionamento. Segundo Morin (2002), a humanidade caminha para o caos ou para transformação. A esperança, o renascer do *humano do humano* está intrinsecamente relacionado à conexão, ao entendimento de que não existe um ser bipartido e sim, um ser humano complexo, transversalizado pela afetividade, emoção e cognição, com suas partes inter-relacionadas. Sabemos que, a educação não é a cura para todos os males bem como, o educador não é o salvador da pátria e da humanidade. Contudo, educação bem como educador, configuram-se como protagonistas de importância ímpar na formação e transformação dos valores presentes na sociedade. Quando nossos valores e sonhos são congruentes com nossa práxis e a habitamos, estabelecemos uma coerência interna e externa com os valores humanos universais imprescindíveis para a manutenção da vida humana e planetária. No caminho que se fez ao caminhar, fundamentado no pensamento Transdisciplinar, realizou-se uma pesquisa qualitativa em um curso de Educação em Valores Humanos (EVH). Visou-se encontrar o sentido e o significado dos valores nas mensagens dos sujeitos, bem como, identificar as diretrizes que nortearam o projeto do curso. Percebemos que, através do autoconhecimento, na convivência amorosa e solidária, da integração das aprendizagens, os participantes do curso de EVH tiveram a possibilidade de construir novos significados de suas vivências. Concomitantemente, favoreceram-se modificações significativas de atitudes, valores e competências. Tais modificações possivelmente projetar-se-ão na vida cotidiana, nas relações político-sociais e laborais dos sujeitos que a vivenciaram, Moraes e Torre (2004). A escuta sensível do outro e de si mesmo, aprimoram a abertura das "janelas internas", favorecem o autoconhecimento, possibilitam que o sujeito também ouça o outro com quem convive e, perceba-se como um ser sistêmico. Compreender-se, compreender, ressignificar e reelaborar nossos valores ampliam-nos a consciência a respeito do educador que somos, dos educadores que carregamos dentro de nós transformando o educador que somos hoje. Essas descobertas nos proporcionavam um sentido de inteireza, de consistência e coerência interna, o que nos instiga a avançar com mais lucidez e determinação, bem como, desperta-nos a nossa verdadeira autoria. Portanto, valores e atitudes como: *paz, amor, conhecimento pertinente, o aprendizagem integrada, coerência interna, cooperação, espírito de pesquisa, escuta sensível, não-violência, ação-correta e verdade*, deveriam ser diretrizes de um currículo ecossistêmico e transdisciplinar para que se favoreça o desvelar do humano do humano, a autoria de vida e a amorosidade do ser.

Palavras chaves: transdisciplinaridade, complexidade, autoria, valores, educação.

ABSTRACT

A TRANSDISCIPLINAR PEDAGOGIC PROJEC: Guiding for Education and Human Values. Re-signifying values, building authorship, and stimulating humanity on the *human beings*.

Due to the fact that we are facing a huge number of information, in many times hidden behind an empty knowledge, impositions to our way of thinking that seduces and enchants fragile egos, manners low structured, we are now facing a crises value. With no directions among many uncertainties, on educational, political, social or on the familiar ambit, even the patriarchal family was substituted to new manners of relationship. According to Morin (2202), humanity walks towards to chaos or to a transformation. The hope, to revive from human to human is related to a connection, an understanding that does not exists a bi-party, what really exist is a complex human being, converted by affectivities, emotions and cognition, combined and inter-related. We already know that education is not the cure to all the illness, the educator is not a hero to the humanity; however, education and educator are considered protagonists that have a main importance on the formation and transformation of actual society values. .When our values are congruent with our praxis, we establish an internal and external congruency, with a universal human values necessary to maintain a human and planetary life. On the way was built a structured transdisciplinary thoughts, a qualitative research was made in an Education Human Values Course. The Idea was do find a sense and meaning values on the subject messages, as well as identify directions to guide the Project course. We perceive that through the self-knowledge, on the supportive loving companies of the integrated knowledge, the participants of the EVH Course had the possibility of build new meanings of its experiences. Concomitantly, they were beneficiated by significant changes of attitudes, values and competences. Such modifications possibly will project itself in the routine life, in the political-social relations and to labor of the subjects experienced, Moraes and Torres (2004). . The sensible own listening and another, improve the opening "internal vision", favoring the self-knowledge, enable the subject also to listen the others and, perceive-it as a systemic being. It understands itself to understand the meaning and re-elaborate our values extending us the conscience as an educator that we carry inside transforming become the educator that are today. Those discoveries provided us a sense of entirety, consistency and internal coherence, which instigates us to advance with higher lucidity and determination, as well like, awakes-us to our true authorship. Therefore, values and attitudes such as: peace, love, pertinent knowledge, the integrated learning, internal coherence, cooperation, spirit of research, sensible listening, not- violence, correct action and truth, should be directions for an eco-systemic and trans-disciplinary resume in order to arise from human to the human, the authorship of life and the tenderness of the human being.

Keywords: transdisciplinary, complexity, authorship, values, education.

“O desafio da transdisciplinaridade é gerar uma civilização, em escala planetária, que por força do diálogo intercultural, se abra para a singularidade de cada um e para a inteireza do ser”.
(UNESCO)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. Origem do Problema	15
2. Problema de Pesquisa	18
3. Delimitação do Problema	19
4. Objetivo	20
5. Objetivos Específicos	20
6. Relevância Social e Científica do Problema	21
7. Quem nos Acompanha nesta Jornada	28
8. Metodologia	32

CAPITULO I.

A COMPREENSÃO DOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO E DE SEUS VALORES. Apontando novas trajetórias.....

34

1.1. Refletindo sobre o os valores. Refletindo sobre o valor de viver: o valor de Ser.....	35
1.2. Breve histórico dos caminhos da educação: os caminhos de nossos valores.....	42
1.3. Tempo de ressignificar valores: encontrar-se no mais dentro, proclamando a autoria de pensamento.....	55
1.4. Tecendo caminhos do Pensamento Complexo, Eco-Sistêmico, Transdisciplinar: religando-se com a teia da Vida.....	61

CAPITULO II

CONTEMPORANEIDADE: O ALVORECER DO NOVO PARADIGMA INTER E TRANSDISCIPLINAR. Ressignificando Valores.....

70

2.1. Multidisciplinaridade.....	71
2.2. Pluridisciplinaridade.....	71
2.3 .Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade.	72
2.4 Interdisciplinaridade: a maiêutica do si-mesmo.....	74
2.4.1. O Homem, cósmico. O homem eco-sistêmico.....	76
2.5. Metáfora Multi, Pluri, Inter e Transdisciplinaridade.....	83
2.6. <i>Construção de novos cenários de aprendizagem</i>.....	84
2.6.1. Entre a Ciência e a Consciência	84
2.6.2. Entre a efetividade e a afetividade	85
2.6.3. Entre a objetividade e a subjetividade: os valores como norteadores.....	88
2.6.4. Do Ser Físico ao Quântico.....	91

CAPITULO III

III. O MÉTODO: O CAMINHO QUE SE CONSTRÓI CAMINHANDO.....	96
3.1. Como estamos e o que levamos.....	96
3.2. Quem nos abraça.....	99
3.3. Que paisagem miramos.....	100
3.4. Quem nos abraça e nos norteia por alguns caminhos.....	101
3.5. Nossos nortes.. ..	102
3.6. Sobre as categorias.....	104

CAPITULO IV

DESVELANDO AS DIRETRIZES DE UM PROJETO PEDAGÓGICO TRANSDISCIPLINAR. Resignificando valores, construindo autoria, despertando a <i>humanidade do humano</i>.....	107
4.1. Re-significando valores, construindo novos caminhos.....	107
4.2. Diretrizes norteadoras do projeto de Educação em Valores Humanos.....	112
4.3. Refletindo um pouquinho mais sobre um Projeto Pedagógico Transdisciplinar.....	121

CAPITULO V

UM CURRÍCULO DO INÉDITO VIÁVEL: O DESVELAR DO *HUMANO DO HUMANO*, A AMOROSIDADE DO SER.....127

- 5.1. Um Currículo do Inédito Viável.....127
- 5.2. O currículo-caminho- jornada.....129
- 5.3. A espiritualidade e amorosidade no currículo.....130
- 5.4. Os sujeitos em um espaço de amorosidade.....131

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Caminho Que Se Fez Caminhando.....135

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....137

ANEXO 1.....146

ANEXO 2.....148

Introdução

*“O medo vê limites,
enquanto o amor vê possibilidades”*

Louise Hay

No final do século XX bem como no início deste século XXI cresceram as diferenças entre países. O individualismo foi institucionalizado passando a ser considerado como liberdade individual. A justiça e a solidariedade, em uma ordem internacional, parecem estar cada vez mais longe de serem alcançadas, bem como as desigualdades sociais continuam a prevalecer de maneira ainda mais desumana, IMBERNÓN (2000).

Ao olharmos para a educação percebemos a violência simbólica - decorrente da exclusão social, de uma autonomia mascarada por falsas aberturas - sendo projetada cada vez com mais força neste futuro imediato.

Percebemos ainda, de modo bem aparente, a submissão cultural dos professores e a avaliação seletiva que enfatiza ainda mais a supressão social dos menos favorecidos. Vê-se também, uma profunda e crescente dependência e subordinação dos países de terceiro mundo aos de primeiro mundo. Este quadro torna-se ainda mais fortalecido pelos altos juros dos grandes bancos impostos ao mercado, composto em sua maioria por pequenas empresas que vivem à margem das grandes multinacionais.

Conforme IMBERNÓN (2000), o século que se encerrou foi certamente o mais carregado de violência. Restam-nos poucas esperanças de que este novo século possa trazer-nos um novo tempo em que às riquezas mundiais sejam distribuídas de maneira mais eqüitativa e que laços de solidariedade floresçam e se fortaleçam.

E o século XXI já começa mais documentado do que qualquer um dos anteriores, mas também é o mais incerto para grande parte da humanidade do que o século XX. Embora a incerteza faça parte intrínseca do tempo em que vivemos, embora seja parte do presente, as sociedades e povos inteiros que não estão preparados para enfrentá-lo. Não há nada seguro sobre o solo: encontramos-nos diante de uma nova forma de ver o tempo, o poder, o trabalho, a comunicação, a relação entre as pessoas, a

informação, as instituições, a velhice, a solidariedade. (IMBERNÓN, 2000, p.19).

Diante deste quadro em que fervilham infinitas informações mascaradas pela beleza vazia de sabedoria, imposições à nossa forma de pensar que seduzem e embriagam egos frágeis, além de múltiplas verdades e formas de arrazoar pouco estruturadas, encontramos-nos diante de uma crise de valores. Sem nortes diante de tantas incertezas, seja no âmbito educativo, político, social ou mesmo familiar uma vez que até mesmo o modelo de família patriarcal foi substituído por novas formas de relacionamento.

Atualmente, sentimos que, sem perder de modo algum nosso sentimento de pertencer à nossa pátria, quer sejamos franceses, alemães, portugueses, italianos etc., precisamos de um sentimento de solidariedade com relação à Europa e com relação à Humanidade. Com efeito, toda uma série de ameaças paira sobre a humanidade nesta passagem de milênio: os perigos nucleares e ecológicos, assim como o desregramento da economia mundializada, a droga, AIDS e possíveis novos vírus.. (MORIN, 2003, p. 36).

Por onde começar neste imenso mar de incertezas?

“(...) a sociedade informacional requer uma educação intercultural quanto aos conhecimentos e aos valores, assim como a vontade de corrigir a desigualdade das situações e das oportunidades.” (MORIN, 2003, p. 27)

Vamos começar por nós mesmos, resgatando os valores que nos humanizam para que sejamos espelhos que refletem a essência da humanidade. Faróis que iluminam caminhos e trazem novas esperanças de que valores como solidariedade, amor e "humanidade" ainda valem a pena.

Não temos nenhuma certeza, nenhuma prova irrefutável de que haverá progresso, não temos nenhuma promessa, mas temos, apesar de tudo, finalidades e valores. Nós podemos apostar neles. E nutrir uma esperança. Uma esperança do improvável. [...] Esperar o improvável, apostar e trabalhar na direção de nossas finalidades e de nossos valores é mais reconfortante do que se curvar diante do fato consumado e apenas **sobreviver**. (MORIN, 2003, p. 37).

A Educação não é a cura para todos os males bem como o Educador não é o salvador da pátria e da humanidade. Contudo, a Educação bem como o Educador, configuram-se como protagonistas de importância impar na formação e na transformação dos valores presentes na sociedade.

Pensamos: que amanhã desejamos? Será um futuro de seres humanos perdidos, impotentes diante sua própria razão e emoção, com sua subjetividade fragmentada? Teremos seres humanos com um mundo interno totalmente desconhecido? Como este educador terá autoria de pensamento se ele não aprendeu a pensar, a produzir seus próprios caminhos? Neste momento tão amplo de *saberes*, desejamos lançar luz sobre a importância do professor conhecer seus

próprios valores inerentes as suas matrizes pedagógicas¹ (FURLANETTO, 2002), as quais constantemente se traduzem em emoções, na práxis, que contribuem na formação dos valores dos homens de amanhã.

Propomos a re-significação dos valores não para que sejamos os rígidos e obedientes à escala ou hierarquia destes valores, mas para que possamos nos libertar e deixar fluir a nossa autoria. Quando conhecermos os valores que nos orientam, que são nossos princípios mais verdadeiros, que nos humanizam e nos confraternizam com a nossa verdadeira essência, possivelmente seremos mais livres para podermos sonhar e criar sem nos perdermos nos caminhos e descaminhos da própria vida.

Como diz o velho adágio chinês “somente caminha com passos firmes quem sabe onde quer chegar”. Assim, dizemos que educação se faz com educador que tem consciência dos valores que carrega. Parafraseando Rubem Alves: Educação se faz com amor e educação se faz de saberes com sabor.

1- Origem do problema

A investigação a que me proponho estudar tem origem em minha busca pessoal por norteadores, valores e princípios que significam o viver.

No período em que escolhi fazer iniciação científica, lembrei-me de quanto havia sido importante a tomada de consciência de meus valores, o quanto os valores dirigem nossas vidas, mesmo que não tenhamos consciência deles. Este fato se fez importante em vista da necessidade de desenvolver-me em harmonia diante das dimensões material, mental e espiritual. Portanto, diante dos valores os quais julgo como supremos.

Este questionar de “valores” tomou relevância inicialmente em minha vida no momento em que me propus através de trabalhos com neurolingüística, análise e auto-análise, a tomar os rumos de meu viver. Deparando-me com minha escala de valores, percebi quais eram os de maior importância para mim e quais foram as pessoas que mais influenciaram neste aprendizado Assim, veio-me a percepção de que muitos desses valores, os quais foram aprendidos e apreendidos, além de terem

¹ As matrizes pedagógicas podem ser simbolicamente consideradas em espaços, nos quais a prática dos professores é gestada. Conteúdos do mundo interno encontram-se com os do mundo externo e são por eles fecundados, originando o novo. A matriz, além de configurar-se como local de fecundação e gestação, também se apresenta como possibilidade de retorno em busca da regeneração e da transformação. (FURLANETTO, 2003, p.27)

origem no seio da família, encontraram significado e ressignificado com meus grandes mestres: os educadores.

Embora a coragem e a tenacidade tenham sido preponderantes em minha vida diante de obstáculos como: minha deficiência física, educação familiar bastante autoritária, carência cultural e financeira, etc., foram grandes exemplos e ações de sabedoria, bondade, solidariedade e amorosidade que fundaram e outorgaram em mim, valor e valores. Educadores (as) maravilhosos (as) e outras grandes pessoas fortaleceram estes valores e polenizaram flores no jardim da consciência e dos meus pensamentos, contribuindo na edificação e iluminando a minha autoria...

Pensando nisto, veio-me a seguinte questão no momento inicial do meu processo de iniciação científica: se os professores tinham conhecimento de suas escalas de valores e se esses eram valores que tornam a pessoa humana mais humana tais como: amor, compreensão, solidariedade, respeito ao todo, etc. Como reflexões para pesquisa, eu pensava- e penso- ser importante que os projetos pedagógicos tenham como "base" o interesse na paz, no amor, na solidariedade e na união, valores humanos indispensáveis para a educação e formação do caráter do indivíduo e de um ser humano mais humano.

Naquela época, tive o primeiro contato com esta problemática. Percebi no diálogo com colegas e em congressos nos quais apresentei meus trabalhos², o quanto esta questão era emergente. Na busca entre muitos teóricos, encontrei grande afinidade com o pensamento de EDGAR MORIN (2002), dizendo em seu livro "*Método 5: A humanidade da humanidade*", que todo ser humano carrega em si valores como amor, carinho..., e que estes valores quando presentes na prática pedagógica, refletem na vida do aluno propiciando a formação do *humano do humano*.

Lendo também autores como Steiner, da Pedagogia Waldorf, certifico-me de que a criança aprende mais pelo exemplo do que pelas palavras vazias.

² ALVES, Maria Dolores Fortes; BRANCO, Sandra Cristina P. **Valores humanos em educação: Uma Ética do óbvio**. 53º CONGRESSO DO S.B.P.C. Salvador; UFBA. **Anais da 53º Reunião anual de iniciação científica**. Salvador-B. A: SBPC, 2001.

_____; PEREIRA-AUGUSTO, Maria Alice. **Valores humanos em educação: uma proposta para o curso de Pedagogia**. CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNISA. **Anais n.º 4**, 2001. São Paulo: UNISA, 2001.

Já, na pesquisa de mestrado (ALVES, 2004)³, na qual foram entrevistados 27 professores de diversas instituições públicas e particular (classe média-baixa) do Ensino Fundamental I região sul e leste⁴, preocupa-me o fato de pouquíssimos – menos de 20%⁵ - tomarem valores como amor, solidariedade e paz, importantes na sua vida e em seu fazer pedagógico.

Outro fato muito interessante que também justifica minha apreensão com a questão dos valores dos professores se dá em verificar o quanto os primeiros mestres marcam a vida do educando⁶.

Encontro-me neste novo momento, a questionar sobre quais os caminhos para a aprendizagem de valores, visto que, pouquíssimos professores disseram ter como importantes para sua prática valores como amor, solidariedade, não-violência.

Sabemos que valores são ensinados no viver: o amor no ato de amar, a solidariedade no ato de solidarizar, a não-violência no ato de ser tolerante e ter um bom agir com o outro. O corpo, os gestos expressam mais que a própria linguagem oral. O discurso vazio não ressoa na alma do educando, ou diríamos, provoca sim, a fratura de vínculos saudáveis (PICHON-RIVIERE, 1998).

Portanto, sigo procurando a canção que canta e encanta a alma. A canção que soa e harmoniza-nos em gestos poéticos com o Todo, com o Universo. A canção que acalme a dissonância e violência tão freqüente em nossas salas de aula, na sociedade... nos corações e quiçá, no discurso científico...para que dele brotem sonhos de vida, alegria, respeito e ética.

Em minha busca por caminhos para o autoconhecimento, para a ressignificação de valores e construção de autoria de vida, em 2005 realizei os cursos de Educação em Valores Humanos da Fundação Peirópolis. Seguidamente tenho retornado ao curso como professora palestrante. E, não só como aluna, mas também como professora, tenho percebido a relevância da Educação em Valores para os objetivos a que me propus alcançar.

³ Publicada em 2006 pela Editora WAK sob o título “**De Professor a Educador**. Contribuições da Psicopedagogia: ressignificar os valores e despertar a autoria”

⁴ As instituições e os professores foram escolhidos aleatoriamente, para que pudéssemos ter uma melhor representatividade do pensamento do professor que trabalha com o aluno proveniente da cidade de São Paulo, nos dias atuais.

⁵ Ver Anexo 1

⁶ Anexo 1

O corpo do Educador chora, a alma chora e um forte grito pedindo socorro, pedindo amor, que se traduz e acolhimento, confiança, bem viver, paz... soa no cosmos!

Venho então, nessa nova pesquisa procurar a canção que ressignifique os valores e toque a alma e o coração.

Começamos nossa caminhada por diretrizes que objetivem a ressignificação dos valores numa práxis que se eterniza na alma de muitos educandos: a práxis pedagógica.

2- Problema de pesquisa.

Como foi tratado em ALVES, (2004, 2006) o professor que foi treinado tecnicamente dentro de um paradigma positivista para administrar conteúdos, com suas verdades prontas e rígidas, encontra-se, hoje, sem respaldo, sem "verdades" a serem seguidas. Acostumado a receitas do "como fazer", não consegue sequer ser autor de si próprio, construir sua autoria. Foi treinado a partir de padrões e formas do que era "ser professor" a partir do referencial positivista. Atualmente, sente a perda do solo firme, de sua arrogância e onipotência de "tudo saber".

Formar-se professor, não implica ainda hoje em conhecer seus princípios e valores para construir junto com seu aluno a prática pedagógica. Prática esta que deixou de ser produzida a priori para ser criada a posteriori, pensada e criada em cima das incertezas. Nós educadores, construímos o hoje com o pouco que pensamos ontem porque o pensamento de ontem não era nosso, acomodamos verdades que nos deram e acreditamos serem nossas, e a única certeza que temos é de que amanhã tudo irá mudar. Neste rumo incerto, de verdades mutáveis temos de tomar cuidado para não nos despedaçarmos, não nos fragmentarmos, para que a educação não perca sua finalidade básica. (ALVES, 2004, p.10 e 11)

A partir da Complexidade, da Transdisciplinaridade e do Pensamento Ecosistêmico emerge a questão da pesquisa: **Como e quais as diretrizes que podem contribuir para resgatar, no contexto pedagógico, valores qualitativos como: amorosidade, cooperação, solidariedade, respeito ao diferente e consciência ética?**

Como proclama Basarab Nicolescu e todos os nossos companheiros de jornada na transdisciplinaridade, os valores qualitativos são valores que despertam nas pessoas o compromisso com a construção de uma cultura de paz e a vivência da espiritualidade no cotidiano.

Desejamos mostrar caminhos para uma práxis pedagógica congruente com aquilo que somos, sonhamos e vivemos e que nos integra ao Todo.

Pretende-se apresentar estas diretrizes como fontes para se criar estratégias de aprendizagem que poderão vir a colaborar com os projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito da **Rede Internacional Ecologia dos Saberes**, da qual participam Maria Cândida Moraes, Saturnino De La Torre, Ivani Fazenda, Gaston Pineau, Raul Domingo Motta, entre outros pesquisadores.

3. Delimitação do problema

Sabemos que a nossa maneira de ser, de sentir, pensar e agir, nossos valores, hábitos, atitudes e demais representações internas que permeiam as nossas relações com a realidade, refletem a visão que temos do mundo. As representações interiores guardadas na memória se explicitam através de conversações, negociações e diálogos que estabelecemos uns com os outros, com a natureza e com o Sagrado. (MORAES E TORRE, 2004).

Furlanetto (2003) explica isto como, os registros sensoriais, emocionais, cognitivos e simbólicos vividos por nós na interação com nossos ensinantes⁷, que necessariamente não necessitam equivaler-se a nossos professores. O arquétipo do que é ser professor é gestado-construído e guardado em nós na/pela nossa relação intersubjetiva com estes sujeitos. Assim, podemos dizer que nossos ensinantes são nossos modelos que fundam nossas matrizes pedagógicas.

Tornamo-nos professores não só com o conhecimento teórico acadêmico, mas fundamos, gestamos o *Ser Professor*, no espaço simbólico de afetos, valores, na relação com o outro e seguimos sendo semeadores de sonhos e matrizes dos sujeitos que estiverem em relação conosco em nossa práxis. Destarte, vivenciamos novos caminhos, estabelecemos relações mais saudáveis e profundas com a Vida quando nossos valores e sonhos são congruentes com nossa práxis, quando a habitamos, quando estabelecemos uma coerência interna e externa com os valores humanos universais imprescindíveis para a manutenção da vida humana e planetária.

Para tanto, estamos optando pelos fundamentos teóricos presentes na Transdisciplinaridade, no Pensamento Complexo e no Pensamento Eco-sistêmico.

4. Objetivo

A partir da observação participativa no curso de Educação em Valores Humanos da FUNDAÇÃO PEIRÓPOLIS, bem como análise de documento de alguns documentos da UNESCO e outros que versam sobre o assunto, pretende-se demonstrar **caminhos de uma Educação (Transdisciplinar) em Valores Humanos na formação do Professor-Educador. Apresentar diretrizes e estratégias de um projeto pedagógico Transdisciplinar em E.V.H. (Educação em Valores Humanos) para a formação de professores.**

Como em uma caminhada transdisciplinar, cada viajante descobre o caminho ao caminhar, pretende-se apresentar algumas diretrizes de um projeto em que a criatividade floresça e fortaleça a esperança do despertar do Educador para *si-mesmo*, para sua humanização, para que, a autoria de pensamento, autoria de Vida e a consciência planetária tornem-se possíveis.

5. Objetivos específicos.

- Compreender as implicações dos valores humanos Universais tais como amor, solidariedade, não – violência, paz, entre outros, a partir da Complexidade e da Transdisciplinaridade.
- Apontar a importância de uma educação em valores humanos para a construção da autoria de pensamento, para a “humanização”, ou melhor, da consciência de si em relação ao triângulo da vida (conhecimento do humano do humano Morin, (2002).
 - Apresentar algumas estratégias para ressignificação de valores.
 - Apresentar diretrizes de um curso Transdisciplinar em E.V.H.
 - Estimular a construção de espaços Transdisciplinar de reflexão-ação.

Assim sendo, tomamos como caminho que se faz ao caminhar, buscando respostas para nossas angústias nesta nova proposta: **“Um Projeto Pedagógico**

Transdisciplinar. Diretrizes para educação em valores humanos: Ressignificando valores, construindo autoria, despertando a *humanidade do humano*".

6. Relevância social e científica do problema

A utopia e o sonho nos movem. Os valores nos orientam. São nossos nortes, nossos princípios, nossos desejos íntimos de realizar algo, de conquistar algo. Muitas vezes, estamos seguindo por um determinado caminho e percebemos incongruentes com os caminhos de nosso coração, e, terrivelmente, nos auto-sabotamos. Este não era o caminho do nosso sonho, não era o caminho do coração de nossos desejos íntimos...

O corpo é sábio. A alma e o coração também são sábios. Quando percebemos que estamos indo em um caminho que não nos legitima, que não legitima nossos sonhos e valores mais profundos, sentimos que não devemos seguir por aí. Como nos diz Moraes (2003, 2004, 2005), somos seres auto-eco-organizadores. Também o é nosso planeta: quando a dança da vida não está em sintonia com seus fluxos nutritivos o sistema entra em desequilíbrio. Assim, percebo sob o ponto de vista pessoal, a relação dos nossos valores com nossa autenticidade, como guia - muitas vezes inconsciente - de nossa práxis. O questionamento que me acompanha desde os tempos de Iniciação Científica: Quem és tu professor? Que valores te guiam? Que mundo desejas para amanhã? Tens consciência da influência que teus valores provocam em teus educandos? Como lidar com o medo líquido (BAUMAN, 2008), com a insegurança, com as incertezas e as emergências da vida?

A desvalorização da vida e a falta de condições básicas para viver com dignidade e feliz são questionamentos presentes em nossa realidade atual. São também resultantes de um mundo globalizado que abre fronteiras, porém, muitas vezes inibe sonhos, quebra vínculos humanizadores do contato com o *ser do ser*. Conhecemos (ou pensamos que conhecemos) outros países, outras fronteiras, mas desconhecemos nossos vizinhos e, muitas vezes, desconhecemos até a nós mesmos.

A violência exacerbada, retratada pelas estatísticas e pela mídia todos os dias, nos mostra isso com muita clareza.

O Brasil é considerado um dos países mais violentos do mundo. O índice de assaltos, seqüestros, extermínios, violência doméstica e contra a mulher é super alto e contribui para tal consideração. Suas causas são sempre as mesmas: miséria, pobreza, má distribuição de renda, desemprego e desejo de vingança.

A repressão usada pela polícia para combatê-la gera conflitos e insegurança na população que nutrida pela corrupção das autoridades não sabem em quem confiar e decide se defender a próprio punho perdendo seu referencial de segurança e sua expectativa de vida.⁸

O governo, por sua vez, concentra o poder nas mãos de poucos deixando de lado as instituições que representam o povo. A estrutura governamental torna a violência necessária em alguns aspectos para a manutenção da desigualdade social. Não se sabe ao certo onde a violência se concentra, pois se são presos sofrem torturas, maus tratos, descasos, perseguições e opressões fazendo com que tenham dentro de si um desejo maior e exagerado de vingança.

A questão da violência e as violações dos direitos humanos no Brasil, especialmente as que atingem a vida e a integridade física dos indivíduos, além de serem amplamente divulgadas na sociedade em geral, aparecendo com bastante ênfase nos meios de comunicação de massa, constituem-se, segundo as pesquisas de opinião pública, em uma das maiores preocupações da população nas grandes cidades. O interesse dos meios de comunicação por esta temática encontra sua maior justificativa em dados estatísticos bastante alarmantes. Nos últimos quinze anos, os homicídios triplicaram no Brasil e matam-se 50% mais jovens em São Paulo do que em Nova Iorque, sendo esta uma das cidades mais violentas entre as cidades de países desenvolvidos.

Situações de violência, de vários gêneros, seguem acontecendo nas escolas, na sociedade, no mundo.. Lembremos aqui, Mario Sérgio Cortella (2006) dizendo-nos que a sociedade reproduz a cultura e a cultura reproduz a sociedade e ainda, complementa Moraes (2004), se redes de componentes, redes de interdependências caracterizam o nosso mundo biofísico e sociocultural, (p. 17)

Um levantamento da APEOESP feito com 684 professores do Estado de São Paulo apontou que 87% deles disseram que conhecem histórias de violência nas escolas. Em 93% dos casos, os responsáveis são os alunos. O estudo aponta, também, as principais causas dessa violência: 76% estão relacionados a conflitos entre os estudantes, 63% por causa de drogas e álcool e 45,6% pobreza generalizada⁹.

Será que resolveremos a violência com atitudes de mais violência? Certamente que não. Urge sairmos deste ciclo vicioso que espalha o medo em todas as direções. Já é tempo de refletir e de começar a mudar. A mão que pode destruir, também serve para plantar, para reformar, para ecologizar, para acariciar a terra, o

⁸ (<http://www.brasilecola.com/sociologia/violencia-no-brasil.htm>) acesso em outubro de 2007

⁹ Publicado no Site da Globo.com em 27/06/2007 acesso outubro 2007.

outro e o planeta...*"Estamos enraizados em nosso universo e em nossa vida, mas nos desenvolvemos para, além disso. É nesse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e da desumanidade da humanidade"*. (MORIN, 2002,p.50).

Sabemos que a construção da cidadania e da sustentabilidade ecológica e social (MORAES, 2003) não é tarefa fácil, pois implica grandes investimentos e o cultivo de valores humanizadores:

Para viver, o homem não precisa só de pão. Ele precisa de dignidade e também de valores, de sonhos e utopias. Pior ainda é o homem sentir tais carências e não contar com um conjunto coerente de valores para nortear a luta pelo que não tem, nos limites e possibilidades da ética. Os valores constituem a maior riqueza que nutrem e que fazem brotar o viver, o construir e o sonho é o que faz brotar a vida.

Como consta em nossa constituição, na carta da UNESCO e em diversos outros documentos, *democracia, justiça, solidariedade, generosidade, dignidade, cidadania, igualdade de oportunidades, respeito às diferenças* são alguns dos valores almejados pela sociedade brasileira - se não também da comunidade planetária- que devem ser alvos das ações dos membros da comunidade escolar em busca de sua construção e disseminação.

Também, na Carta da Transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999) temos algo corroborando com nosso olhar, justificando nossa pesquisa,

A visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o campo das ciências exatas devido ao seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual.

Necessitamos, urgentemente, de cidadãos com consciência social e planetária, com responsabilidade e iniciativa, com atitude e valores de democracia, de justiça, de solidariedade e de autonomia, pessoas que lutem por uma vida auto-sustentável para si e para todos. É imprescindível que, irremediavelmente, pensemos em outro tipo de educação. Uma educação que se nutra da cultura, da sociedade e da vida, que vá além dos muros escolares, para poder a ela retornar enriquecida com novos valores, com entusiasmo e alegria de viver (MORAES e TORRE, 2006).

Assim a conscientização, a ressignificação dos valores se inicia com o Educador¹⁰, com a construção de uma consciência transdisciplinar, almejando uma sociedade e uma Ciência mais justa, inclusiva, amorosa, norteada por Valores Humanos Universais que visem a totalidade e plenitude humana e planetária.

O autoconhecimento, desvelado pelos caminhos da transdisciplinaridade, contribui para que o educador viva processos que contemplem a construção do conhecimento em sua complexidade, o desenvolvimento do potencial humano e a vivência dos valores humanitários, gerando uma atuação, uma práxis mais competente e amorosa.

Como estamos “carecas de saber”, conforme os quatro pilares de uma Educação para o Futuro, promulgados pela UNESCO, Aprender a conhecer: ou seja, levar o aluno a dominar os instrumentos para o conhecimento, em vez de adquirir um repertório de saberes codificados.

- ◆ Aprender a fazer: preparar o aluno para colocar em prática os conhecimentos e adaptar a educação ao trabalho futuro.

- ◆ Aprender a viver juntos: construir um contexto igualitário para os alunos perseguirem projetos comuns, em vez de apenas propiciar a comunicação entre membros de grupos diferentes.

- ◆ Aprender a ser: desenvolver-se integralmente como pessoa em suas potencialidades: intelectual, em sua sensibilidade, sentido estético, responsabilidade e espiritualidade. (UNESCO, *apud* DELORS, 2000).

Aprender a ser, a viver-conviver... eis a base para todos os outros pilares, incluindo um quinto pilar fundamentado no amor e na solidariedade (BEAUCLAIR, 2004).

Quando o educador aprende a se amar, a ser ele mesmo, aprende a se autoconhecer e também aprende a ser junto com o outro, a conviver em harmonia, a pôr em congruência a práxis e o discurso.

Côncios e apoiados na sabedoria de Carlos Brandão (2005), ao dizer que o amor é um afeto que se aprende ao se viver, bem como outros valores como solidariedade, união, bondade, etc. o professor ensinará pela coerência de sua práxis, pelo respeito, reverência a si mesmo e ao ser de seu educando.

¹⁰ Usaremos aqui o termo Educar para definirmos o profissional da educação que ensina, conduz o processo educativo não apenas com métodos e técnicas mas, também com amorosidade e sabedoria, como visto em Alves, 2006.

Como nos diz Cipriano Luckesi (2003), a nossa forma-em-ação tem o poder de comunicar o que somos. Assim, para haver o respeito pelo outro como legítimo outro, como nos sugere Humberto Maturana (1997), é necessário que haja o respeito pelo meu “eu” - pelo meu *eu* como legítimo eu - pelo ser *si-mesmo* de cada ser.

A Declaração do Milênio entrelaça e atualiza os valores essenciais ao relacionamento internacional no século XXI, selecionando como fundamentos a liberdade, a igualdade, a solidariedade, a tolerância, o respeito pela natureza e a responsabilidade compartilhada pelo desenvolvimento econômico e social, pela paz e pela segurança. Observa-se que, nas últimas décadas, esses valores e princípios têm sido reiterados num mundo cada vez mais interdependente, apesar das contradições da ação em determinados tempos e lugares. Desse modo, um dos efeitos positivos da globalização é que pode estar configurando-se um direito comum da humanidade ou o direito dos direitos (Delmas-Marty, 1996). Assim, esses valores basilares estariam em processo de inscrever-se nesse direito comum. Sob vários aspectos a Declaração do Milênio ratifica as preocupações da Cimeira de Copenhague, no que se refere ao desenvolvimento social. (GOMES, 2001)

Esta pesquisa preconiza os objetivos indicados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997, p.7, fundamentados nos artigos referente a Educação firmados na Carta Magna artigos 205, 206, 207 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96) que visam Formação do cidadão Ético, consciente de seus direitos e deveres.

De acordo com a LDBN 9394/96

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância; V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - garantia de padrão de qualidade.

Sabemos que uma formação humana mais eficiente está muito além dos conteúdos pedagógicos. Assim, dando continuidade ao tema da dissertação “De

Professor a Educador: Caminhos da Autoria. Uma contribuição da Psicopedagogia para a ressignificação dos valores do professor.”, (ALVES, 2004, 2006). Pretende-se caminhar um pouco mais, tamanha a relevância atual deste tema neste mundo constituído pela complexidade, para a formação de professores que se transcendem como *educadores e como autores de seus caminhos*, bem como, educadores que são referências de valores para seus educandos.

Esta nova práxis, em que os nossos valores são revelados por nossas ações libertas de nossas angústias, é o que desejamos mostrar aos educadores que anseiam percorrer caminhos de sua autoria.

Segundo RODRIGUES (2004) encontramos na transdisciplinaridade uma expressão, uma necessidade coletiva e um apelo do mundo contemporâneo. Esta necessidade justifica-se porque os sistemas educacionais formativos, as disciplinas eram organizadas e estruturadas a partir de um tipo de especialização positivista, fragmentada e excludente.

A transdisciplinaridade surge como uma necessidade para atuarmos criticamente sobre os novos saberes que viemos construindo através dos tempos, pensarmos sobre os valores que mantêm estes novos saberes e modos de praticá-los, transportando nossos olhares em diversas perspectivas que visem o respeito e a nossa integridade humana.

O alargamento do olhar através da transdisciplinaridade traz-nos a possibilidade de um retomo aos sinais que a história nos deixou. Fazendo uso desta herança, teremos com a experiência, fundamentais reflexões para a reorientação das práticas de ensino e na projeção de nosso destino enquanto educadores conscientes desta práxis pedagógica.

Vislumbramos a tessitura de novos caminhos. Vislumbramos pelo olhar da transdisciplinaridade, novos rumos para a educação bem como para a humanidade.

“(...) é necessário ensinar os preciosos saberes da navegação da ciência. Mas é necessário apontar os imprecisos sinais para os destinos da navegação”. (ALVES, 2002, p. 189).

A Transdisciplinaridade pode permitir a elaboração de uma *Declaração dos Valores Humanos*: baseado nos direitos inalienáveis e nos valores *interiores* do ser humano. Para fazer uma sociedade decidida a objetivar a sustentabilidade, (NICOLESCU, 1997). A ressignificação de valores intenciona o florescimento do humano do humano e de um espírito de paz.

Tornou-se vital que nossas mentes se elevem a nossa consciência política e planetária e possam tomar o controle de um futuro cego. Ou destino humanitário será jogado, portanto, no terreno da consciência e da inteligência humana”. (*ibid*, p. 175)

São nossos valores que nos significam por inteiro, traduzindo-se em uma postura atitudinal de nossa relação com o mundo, diante de si, do outro e de uma nova *humanidade* que anseia por nascer.

Já não é mais tempo de fragmentar e excluir, é tempo de religar, de conceber o diferente como fios de uma imensa trama integradora, única, singular, complementar e completa desta comunidade planetária, como nos prega MORIN (2002).

Neste processo de aprender em ação sobre os Pensamentos Eco-sistêmico, Complexo, sobre a Transdisciplinaridade, os Valores Humanos e a Autoria de Pensamento, propõe-se nos caminhos e miradas deste trabalho, construir pontes entre a objetividade e a subjetividade, entre a ciência e a consciência, entre a efetividade e a afetividade, do ser físico e quântico, e da compreensão do ser que aprende e do significado dessa aprendizagem para a sua humanização.

Lembremos de fechar os olhos para melhor enxergarmos. Mirarmos em outra dimensão: a dimensão que nos religa, que nos une, que reencanta a vida através de laços amorosos de acolhimento...

Abracei a mim...

Acolhi-me...

Fortaleci-me...

Encontrei-me...

E encontrei a ti em mim...

Acolhi a ti...Acolheste a mim...

Para então...

Encontrarmo-nos todos

Em comunhão cósmica.

Percebemo-nos não mais como um

Mas como um em mil

Um em cem mil

E cem mil em um.

Sem mil seres

Cem mil mundos

Cem mil cosmos

Vibrando e eternizando a vida

Nutrindo-nos de amor!

7- Quem nos acompanha nesta jornada

Nosso caminhar dar-se-á à luz de autores como Edgar Morin, Basarab Nicolescu, Humberto Maturana, Carlos Brandão, Ivani Fazenda, Paulo Freire, Nádya Ap. Bossa, Alicia Fernandez, Maria Cândida Moraes e muitos outros que versam sobre o assunto e outros ainda que iremos descobrindo em nosso trilhar científico de fazer, sentir, pensar e viver.

Edgar Morin - este grande, contemporâneo filósofo e poeta - traz-nos esclarecimentos - entre outros- de questões como: a humanização do humano, ou seja, a identidade humana, a complexidade numa linha bio-antropo-físico-filo-sócio-epistemológica.

A questão de que a humanidade caminha para o caos ou para transformação (MORIN, 2002) para um novo renascer do humano do humano está intrinsecamente relacionado a conexão, ao entendimento de que não existe um ser bipartido, dividido em uma cabeça e corpo e sim, a um ser humano complexo, transversalizado pela afetividade, emoção e cognição, com suas partes inter-relacionadas. Um ser que é portador de uma cultura, que vive em uma sociedade e nela interage, estando ambos em constante processo de transformação. Assim, vamos junto com Edgar Morin, sincronizarmo-nos com a religação dos saberes. Esta reflexão surge uma vez que, tão mais freqüentemente buscamos a não-fragmentação do ser humano bem como das disciplinas. Assim, sairemos do reducionismo e fragmentação, do homem cartesiano para em um encontro de passado, presente e perspectivas de futuro, e entendermos o ser humano em sua complexidade e singularidade na qual a religação dos saberes se faz tão necessária. Afinal, o todo é muito mais que a soma das partes, e somos um todo complexo.

Seguindo este caminho com o autor, falaremos sobre Pensamento Complexo para que possamos nos entender como seres humanos unos e múltiplos, integrantes de um todo em que o todo está nas partes e as partes estão no todo holograficamente; muitas são as janelas e portas que dão acesso à leitura do mundo feita por nós e de muitos modos. Tudo neste imenso universo se interliga.

Ivani Fazenda, Paulo Freire, Humberto Maturana, Saturnino de La Torre, bem como Maria Cândida Moraes encontram ressonância em nosso pensamento falando-nos da biologia do amor, da nossa formação humana como seres amorosos desde nossa criação como espécie que se fez através da cooperação e amorosidade, de uma teoria sistêmica em que todos os sistemas fazem trocas entre si para garantir sua sobrevivência. A brilhante obra “Sentipensar” de Moraes e Torre (2006), será como um guia de magnânima importância para este projeto.

Através destes novos pensamentos vamos entender as leis do Universo e descobriremos uma nova compreensão dos muitos aspectos de nossa vida. Destarte, encontraremos novos referenciais que ressaltam a condição de inter-relação e interdependência essencial entre os fenômenos, principalmente, entre a vida humana entre o querer e o *ser*.

Com Carlos Brandão primeiramente, teremos esclarecimentos do que é Educação porque, esta, é normalmente pensada em um campo limitado como a alfabetização, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Universidade, Supervisão, ou seja, no domínio escolar. Na maioria das vezes, ela não é analisada em seu cotidiano cultural. A educação, propriamente dita, é um conjunto de idéias e práticas geradas pelas diferenças entre as diversas realidades sociais (tão ricamente temos como exemplo a educação indígena, que é transmitida pelo pajé aos curumins).

Como veremos com este autor, mais que pensar a educação em domínios restritos, é necessário pensá-la no seu modo de ser e nas várias formas e situações que ela possui hoje em dia: a educação na comunidade primitiva, no ensino público, nas classes populares e na sociedade igualitária. A educação pode ser tanto uma forma de opressão quanto uma forma de libertação. Isto depende apenas de como ela é pensada e praticada.

O professor pode lançar mão da criatividade e da consciência de construção de diferentes mundos sociais, uma vez que, não é - ou não deveria ser - capacitado somente para exercer o trabalho profissional que o qualifica instrumentalmente. A educação, como diz este autor, pode ajudar a transformar o mundo que temos no mundo que queremos, e o professor/educador tem importância basilar neste processo.

Adiante, Carlos Rodrigues Brandão irá analisar os alicerces de uma educação para a paz na qual a confiança, o diálogo, a solidariedade e a qualidade de vida são formas vivas de expressão. Brandão nos mostrará como é possível

ensinar aos seres humanos gestos poéticos e atos políticos que comecem por modificar pessoas e terminem por participar com elas da transformação de suas vidas. E, estes gestos poéticos e atos de amor, irão se traduzir em uma educação para paz, ao desejarmos com muita vontade plantar as sementes.

Basarab Nicolescu e Ubiratan D'Ambrósio e Ivani Fazenda nos trarão os conhecimentos sobre a inter e a transdisciplinaridade, áreas em que se está avançando o pensamento científico e, congruentemente, transita e se identifica à Psicopedagogia.

Numa abordagem científica, cultural, espiritual e social, estes autores visam a compreensão do mundo presente em que um dos imperativos é a unidade do conhecimento. Também, expõe o pensamento de vários especialistas sobre a importância da transdisciplinaridade na busca de novos caminhos e novas possibilidades de ver e analisar em maior profundidade a complexidade dos tempos atuais.

Nádia Bossa, juntamente com Alicia Fernandez, Hannah Arendt e outros, vêm nos trazer o conhecimento do que é Autoria de Pensamento¹¹, autoria de vida. Enquanto Educadora-Psicopedagoga e pesquisadora transdisciplinar, contemplo a bibliografia consultada, as experiências no curso de Educação em Valores Humanos e a práxis pedagógica, tomo emprestado alguns instrumentais desta área e a sabedoria dos autores citados bem como de outros, para criar algumas ferramentas para o desenvolvimento de nosso projeto.

Estes pesquisadores e educadores acima citados, além de uma ampla contribuição científica, enfeitarão e nutrirão nossos sonhos, palavras e ações de saberes e sabores, de magia, poesia e alegria e enche nosso coração de esperança ao objetivar a realização da escola que sempre sonhamos. Sendo, portanto, provocadores de uma nova realidade pedagógica da amorosidade de nossa pesquisa em ação.

Ressignificando valores pela ação do projeto pedagógico transdisciplinar teremos o clarear de que os valores que temos são os valores que refletiremos no mundo, ou mais especificamente, no mundo de nossos educandos.

Todos vêm no mundo e nas pessoas algo do que são, do que pensam e de nossa maneira de ser. O mundo tem o valor que lhe damos através dos nossos corações. Se nossas mentes estão escurecidas pelo pessimismo, tudo à nossa volta nos parecerá escuro. Se nossos corações estão escurecidos por valores negativos, tudo à nossa volta expressará desvalor e dissabor de coisas não apreciadas. Mas, se ao contrário, em nossas mentes e corações tivermos valores de otimismo, sentiremos que em todas as situações haverá aspectos positivos. Se o entusiasmo é o clarear de nossas mentes, perceberemos a vida em muitos tons e sons, com matizes de luzes e cores, sabores e amores. A cor e o valor do mundo dependem do nosso olhar e de nosso amar... O mundo ao meu redor são luzes dos meus pensamentos... assim... sonhamos com a possibilidade de que uma nova educação inclusiva, transcendente, em que a autoria de pensamento- do ser *si mesmo* - e a humanidade do humano sejam possíveis.

Nosso caminho far-se-á através do diálogo e reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual, transcendente, cósmica: do reencontro com o sagrado. Uma educação transdisciplinar que pode abrir um caminho em direção à educação integral. De seres humanos que necessariamente transmitam a busca de sentido, de um norte, que leve à autoconsciência, *auto-ética*, (MORIN, 2004) orientada em direção ao conhecimento de si mesmo, à unidade do conhecimento, e à criação de uma nova arte de viver e assim, acordar o Homem para a harmonia entre os seres e as coisas da Natureza.

8- Metodologia:

¹¹ Define-se aqui como “o processo e o ato produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção” (FERNANDEZ, 2001, p. 90).

Eu defino autoria como a potencialidade de ser, estar e viver no eterno presente, no eterno agora.

Como caminho que se faz ao caminhar, fundamentado no pensamento Transdisciplinar, realizar-se-á uma pesquisa qualitativa no curso de Educação em Valores Humanos (EVH) da Fundação Peirópolis. Serão usadas estratégias de observação participativa, entrevista semi-estruturada, através da qual far-se-á uma análise de conteúdo visando encontrar o sentido e o significado dos valores nas mensagens dos sujeitos, para identificação dos valores presentes em suas respostas bem como as diretrizes que norteiam o curso..

A escolha da pesquisa qualitativa fundamentada na transdisciplinaridade sustenta-se porque a realidade em que se dá no decorrer do curso é a tessitura de diferentes fluxos nutridores da vida e de seus processos relacionais, interdependentes e auto-organizadores, (MORAES, 2004).

Entre os integrantes, a dinâmica é relacional, indeterminada, não-linear, difusa e imprevisível. Uma realidade multidimensional, constituída de diferentes níveis, o macrofísico, o microfísico, possuidora de uma natureza complexa. Assim, a complexidade deste curso-espaco-relacional é responsável por esta tessitura apresentada, que integra e permeia os diferentes níveis de realidade.

A estratégia de observação participativa encontra respaldo em minha presença como integrante da ecologia cognitiva, emocional e energética no ambiente pesquisado, uma vez que, a minha participação, mesmo aparentemente passiva, influencia os fluxos nutridores e energéticos desta realidade eco-sistêmica. Ainda mais, pelo fato de eu ter uma realidade absolutamente singular, enquanto portadora de deficiência física, trabalhadora e pesquisadora.

O método, o caminho que se faz ao caminhar, se articula com minha trajetória de vida, com minha subjetividade, com a intersubjetividade dos participantes e construímos novos caminhos-verdades-provisórias numa dinâmica recursiva, integradora de respeito-reverência e amorosidade cósmica. Construímos caminhos, ressignificamos valores, cada vez mais tornamo-nos conscientes da inteireza humana e de nossa responsabilidade como agentes na construção de uma cultura da paz, sustentabilidade, não-violência, solidariedade e respeito a todas as formas de vida.

Os sujeitos da pesquisa foram professores-educadores que participaram do curso de Educação em Valores Humanos da Fundação Peirópolis, Campus XXI - Mairinque.

O curso é realizado semestralmente e os participantes ficam em imersão no local por um período de seis dias. O propósito para tal é desenvolver cooperação, a solidariedade e o respeito ao diferente, considerando todas as culturas e tradições, promovendo a consciência transdisciplinar, resgatando a

ética, despertando o compromisso com a construção de uma cultura de paz e a vivência da espiritualidade no cotidiano.

No capítulo IV, apresentamos melhores esclarecimentos sobre as questões metodológicas.

INTRODUÇÃO

“O medo vê limites, enquanto o amor vê possibilidades”

Louise Hay

No final do século XX bem como no início deste século XXI cresceram as diferenças entre países. O individualismo foi institucionalizado passando a ser considerado como liberdade individual. A justiça e a solidariedade, em uma ordem internacional, parecem estar cada vez mais longe de serem alcançadas, bem como as desigualdades sociais continuam a prevalecer de maneira ainda mais desumana, IMBERNÓN (2000).

Ao olharmos para a educação percebemos a violência simbólica - decorrente da exclusão social, de uma autonomia mascarada por falsas aberturas - sendo projetada cada vez com mais força neste futuro imediato.

Percebemos ainda, de modo bem aparente, a submissão cultural dos professores e a avaliação seletiva que enfatiza ainda mais a supressão social dos menos favorecidos. Vê-se também, uma profunda e crescente dependência e subordinação dos países de terceiro mundo aos de primeiro mundo. Este quadro torna-se ainda mais fortalecido pelos altos juros dos grandes bancos impostos ao mercado, composto em sua maioria por pequenas empresas que vivem à margem das grandes multinacionais.

Conforme IMBERNÓN (2000), o século que se encerrou foi certamente o mais carregado de violência. Restam-nos poucas esperanças de que este novo século possa trazer-nos um novo tempo em que às riquezas mundiais sejam distribuídas de maneira mais equitativa e que laços de solidariedade floresçam e se fortaleçam.

E o século XXI já começa mais documentado do que qualquer um dos anteriores, mas também é o mais incerto para grande parte da humanidade do que o século XX. Embora a incerteza faça parte intrínseca do tempo em que vivemos, embora seja parte do presente, as sociedades e povos inteiros que não estão preparados para enfrentá-lo. Não há nada seguro sobre o solo: encontramos-nos diante de uma nova forma de ver o tempo, o poder, o trabalho, a comunicação, a relação entre as pessoas, a informação, as instituições, a velhice, a solidariedade. (IMBERNÓN, 2000, p.19).

Diante deste quadro em que fervilham infinitas informações mascaradas pela beleza vazia de sabedoria, imposições à nossa forma de pensar que seduzem e embriagam egos frágeis, além de múltiplas verdades e formas de arrazoar pouco estruturadas, encontramos-nos diante de uma crise de valores. Sem nortes diante de tantas incertezas, seja no âmbito educativo, político, social ou mesmo familiar uma vez que até mesmo o modelo de família patriarcal foi substituído por novas formas de relacionamento.

Atualmente, sentimos que, sem perder de modo algum nosso sentimento de pertencer à nossa pátria, quer sejamos franceses, alemães, portugueses, italianos etc., precisamos de um sentimento de solidariedade com relação à Europa e com relação à Humanidade. Com efeito, toda uma série de ameaças paira sobre a humanidade nesta passagem de milênio: os perigos nucleares e ecológicos, assim como o desregramento da economia mundializada, a droga, AIDS e possíveis novos vírus.. (MORIN, 2003, p. 36).

Por onde começar neste imenso mar de incertezas?

“(...) a sociedade informacional requer uma educação intercultural quanto aos conhecimentos e aos valores, assim como a vontade de corrigir a desigualdade das situações e das oportunidades.” (MORIN, 2003, p. 27)

Vamos começar por nós mesmos, resgatando os valores que nos humanizam para que sejamos espelhos que refletem a essência da humanidade. Faróis que iluminam caminhos e trazem novas esperanças de que valores como solidariedade, amor e "humanidade" ainda valem a pena.

Não temos nenhuma certeza, nenhuma prova irrefutável de que haverá progresso, não temos nenhuma promessa, mas temos, apesar de tudo, finalidades e valores. Nós podemos apostar neles. E nutrir uma esperança. Uma esperança do improvável. [...] Esperar o improvável, apostar e trabalhar na direção de nossas finalidades e de nossos valores é mais

reconfortante do que se curvar diante do fato consumado e apenas **sobreviver**. (MORIN, 2003, p. 37).

A Educação não é a cura para todos os males bem como o Educador não é o salvador da pátria e da humanidade. Contudo, a Educação bem como o Educador, configuram-se como protagonistas de importância impar na formação e na transformação dos valores presentes na sociedade.

Pensamos: que amanhã desejamos? Será um futuro de seres humanos perdidos, impotentes diante sua própria razão e emoção, com sua subjetividade fragmentada? Teremos seres humanos com um mundo interno totalmente desconhecido? Como este educador terá autoria de pensamento se ele não aprendeu a pensar, a produzir seus próprios caminhos? Neste momento tão amplo de *saberes*, desejamos lançar luz sobre a importância do professor conhecer seus próprios valores inerentes as suas matrizes pedagógicas¹ (FURLANETTO, 2002), as quais constantemente se traduzem em emoções, na práxis, que contribuem na formação dos valores dos homens de amanhã.

Propomos a re-significação dos valores não para que sejamos os rígidos e obedientes à escala ou hierarquia destes valores, mas para que possamos nos libertar e deixar fluir a nossa autoria. Quando conhecermos os valores que nos orientam, que são nossos princípios mais verdadeiros, que nos humanizam e nos confraternizam com a nossa verdadeira essência, possivelmente seremos mais livres para podermos sonhar e criar sem nos perdermos nos caminhos e descaminhos da própria vida.

Como diz o velho adágio chinês “somente caminha com passos firmes quem sabe onde quer chegar”. Assim, dizemos que educação se faz com educador que tem consciência dos valores que carrega. Parafraseando Rubem Alves: Educação se faz com amor e educação se faz de saberes com sabor.

¹ As matrizes pedagógicas podem ser simbolicamente consideradas em espaços, nos quais a prática dos professores é gestada. Conteúdos do mundo interno encontram-se com os do mundo externo e são por eles fecundados, originando o novo. A matriz, além de configurar-se como local de fecundação e gestação, também se apresenta como possibilidade de retorno em busca da regeneração e da transformação. (FURLANETTO, 2003, p.27)

1- Origem do problema

A investigação a que me proponho estudar tem origem em minha busca pessoal por norteadores, valores e princípios que significam o viver.

No período em que escolhi fazer iniciação científica, lembrei-me de quanto havia sido importante a tomada de consciência de meus valores, o quanto os valores dirigem nossas vidas, mesmo que não tenhamos consciência deles. Este fato se fez importante em vista da necessidade de desenvolver-me em harmonia diante das dimensões material, mental e espiritual. Portanto, diante dos valores os quais julgo como supremos.

Este questionar de “valores” tomou relevância inicialmente em minha vida no momento em que me propus através de trabalhos com neurolingüística, análise e auto-análise, a tomar os rumos de meu viver. Deparando-me com minha escala de valores, percebi quais eram os de maior importância para mim e quais foram as pessoas que mais influenciaram neste aprendizado. Assim, veio-me a percepção de que muitos desses valores, os quais foram aprendidos e apreendidos, além de terem origem no seio da família, encontraram significado e ressignificado com meus grandes mestres: os educadores.

Embora a coragem e a tenacidade tenham sido preponderantes em minha vida diante de obstáculos como: minha deficiência física, educação familiar bastante autoritária, carência cultural e financeira, etc., foram grandes exemplos e ações de sabedoria, bondade, solidariedade e amorosidade que fundaram e outorgaram em mim, valor e valores. Educadores (as) maravilhosos (as) e outras grandes pessoas fortaleceram estes valores e polenizaram flores no jardim da consciência e dos meus pensamentos, contribuindo na edificação e iluminando a minha autoria...

Pensando nisto, veio-me a seguinte questão no momento inicial do meu processo de iniciação científica: se os professores tinham conhecimento de suas escalas de valores e se esses eram valores que tornam a pessoa humana mais humana tais como: amor, compreensão, solidariedade, respeito ao todo, etc. Como reflexões para pesquisa, eu pensava- e penso- ser importante que os projetos pedagógicos tenham como "base" o interesse na paz, no amor, na solidariedade e

na união, valores humanos indispensáveis para a educação e formação do caráter do indivíduo e de um ser humano mais humano.

Naquela época, tive o primeiro contato com esta problemática. Percebi no diálogo com colegas e em congressos nos quais apresentei meus trabalhos², o quanto esta questão era emergente. Na busca entre muitos teóricos, encontrei grande afinidade com o pensamento de EDGAR MORIN (2002), dizendo em seu livro “*Método 5: A humanidade da humanidade*”, que todo ser humano carrega em si valores como amor, carinho..., e que estes valores quando presentes na prática pedagógica, refletem na vida do aluno propiciando a formação do *humano do humano*.

Lendo também autores como Steiner, da Pedagogia Waldorf, certifico-me de que a criança aprende mais pelo exemplo do que pelas palavras vazias.

Já, na pesquisa de mestrado (ALVES, 2004)³, na qual foram entrevistados 27 professores de diversas instituições públicas e particular (classe média-baixa) do Ensino Fundamental I região sul e leste⁴, preocupa-me o fato de pouquíssimos – menos de 20%⁵ - tomarem valores como amor, solidariedade e paz, importantes na sua vida e em seu fazer pedagógico.

Outro fato muito interessante que também justifica minha apreensão com a questão dos valores dos professores se dá em verificar o quanto os primeiros mestres marcam a vida do educando⁶.

Encontro-me neste novo momento, a questionar sobre quais os caminhos para a aprendizagem de valores, visto que, pouquíssimos professores disseram ter como importantes para sua prática valores como amor, solidariedade, não-violência.

² ALVES, Maria Dolores Fortes; BRANCO, Sandra Cristina P. **Valores humanos em educação: Uma Ética do óbvio**. 53º CONGRESSO DO S.B.P.C. Salvador; UFBA. **Anais da 53ª Reunião anual de iniciação científica**. Salvador-B. A: SBPC, 2001.

_____; PEREIRA-AUGUSTO, Maria Alice. **Valores humanos em educação: uma proposta para o curso de Pedagogia**. CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNISA. **Anais n.º 4**, 2001. São Paulo: UNISA, 2001.

³ Publicada em 2006 pela Editora WAK sob o título “**De Professor a Educador**. Contribuições da Psicopedagogia: ressignificar os valores e despertar a autoria”

⁴ As instituições e os professores foram escolhidos aleatoriamente, para que pudéssemos ter uma melhor representatividade do pensamento do professor que trabalha com o aluno proveniente da cidade de São Paulo, nos dias atuais.

⁵ Ver Anexo 1

⁶ Anexo 1

Sabemos que valores são ensinados no viver: o amor no ato de amar, a solidariedade no ato de solidarizar, a não-violência no ato de ser tolerante e ter um bom agir com o outro. O corpo, os gestos expressam mais que a própria linguagem oral. O discurso vazio não ressoa na alma do educando, ou diríamos, provoca sim, a fratura de vínculos saudáveis (PICHON-RIVIERE, 1998).

Portanto, sigo procurando a canção que canta e encanta a alma. A canção que soa e harmoniza-nos em gestos poéticos com o Todo, com o Universo. A canção que acalme a dissonância e violência tão freqüente em nossas salas de aula, na sociedade... nos corações e quiçá, no discurso científico...para que dele brotem sonhos de vida, alegria, respeito e ética.

Em minha busca por caminhos para o autoconhecimento, para a ressignificação de valores e construção de autoria de vida, em 2005 realizei os cursos de Educação em Valores Humanos da Fundação Peirópolis. Seguidamente tenho retornado ao curso como professora palestrante. E, não só como aluna, mas também como professora, tenho percebido a relevância da Educação em Valores para os objetivos a que me propus alcançar.

O corpo do Educador chora, a alma chora e um forte grito pedindo socorro, pedindo amor, que se traduz e acolhimento, confiança, bem viver, paz... soa no cosmos!

Venho então, nessa nova pesquisa procurar a canção que ressignifique os valores e toque a alma e o coração.

Começemos nossa caminhada por diretrizes que objetivem a ressignificação dos valores numa práxis que se eterniza na alma de muitos educandos: a práxis pedagógica.

2- Problema de pesquisa.

Como foi tratado em ALVES, (2004, 2006) o professor que foi treinado tecnicamente dentro de um paradigma positivista para administrar conteúdos, com suas verdades prontas e rígidas, encontra-se, hoje, sem respaldo, sem "verdades" a

serem seguidas. Acostumado a receitas do “como fazer”, não consegue sequer ser autor de si próprio, construir sua autoria. Foi treinado a partir de padrões e formas do que era “ser professor” a partir do referencial positivista. Atualmente, sente a perda do solo firme, de sua arrogância e onipotência de “tudo saber”.

Formar-se professor, não implica ainda hoje em conhecer seus princípios e valores para construir junto com seu aluno a prática pedagógica. Prática esta que deixou de ser produzida a priori para ser criada a posteriori, pensada e criada em cima das incertezas. Nós educadores, construímos o hoje com o pouco que pensamos ontem porque o pensamento de ontem não era nosso, acomodamos verdades que nos deram e acreditamos serem nossas, e a única certeza que temos é de que amanhã tudo irá mudar. Neste rumo incerto, de verdades mutáveis temos de tomar cuidado para não nos despedaçarmos, não nos fragmentarmos, para que a educação não perca sua finalidade básica. (ALVES, 2004, p.10 e 11)

A partir da Complexidade, da Transdisciplinaridade e do Pensamento Ecosistêmico emerge a questão da pesquisa: **Como e quais as diretrizes que podem contribuir para resgatar, no contexto pedagógico, valores qualitativos como: amorosidade, cooperação, solidariedade, respeito ao diferente e consciência ética?**

Como proclama Basarab Nicolescu e todos os nossos companheiros de jornada na transdisciplinaridade, os valores qualitativos são valores que despertam nas pessoas o compromisso com a construção de uma cultura de paz e a vivência da espiritualidade no cotidiano.

Desejamos mostrar caminhos para uma práxis pedagógica congruente com aquilo que somos, sonhamos e vivemos e que nos integra ao Todo.

Pretende-se apresentar estas diretrizes como fontes para se criar estratégias de aprendizagem que poderão vir a colaborar com os projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito da **Rede Internacional Ecologia dos Saberes**, da qual participam Maria Cândida Moraes, Saturnino De La Torre, Ivani Fazenda, Gaston Pineau, Raul Domingo Motta, entre outros pesquisadores.

3. Delimitação do problema

Sabemos que a nossa maneira de ser, de sentir, pensar e agir, nossos valores, hábitos, atitudes e demais representações internas que permeiam as nossas relações com a realidade, refletem a visão que temos do mundo. As representações interiores guardadas na memória se explicitam através de conversações, negociações e diálogos que estabelecemos uns com os outros, com a natureza e com o Sagrado. (MORAES E TORRE, 2004).

Furlanetto (2003) explica isto como, os registros sensoriais, emocionais, cognitivos e simbólicos vividos por nós na interação com nossos ensinantes⁷, que necessariamente não necessitam equivaler-se a nossos professores. O arquétipo do que é ser professor é gestado-construído e guardado em nós na/pela nossa relação intersubjetiva com estes sujeitos. Assim, podemos dizer que nossos ensinantes são nossos modelos que fundam nossas matrizes pedagógicas.

Tornamo-nos professores não só com o conhecimento teórico acadêmico, mas fundamos, gestamos o *Ser Professor*, no espaço simbólico de afetos, valores, na relação com o outro e seguimos sendo semeadores de sonhos e matrizes dos sujeitos que estiverem em relação conosco em nossa práxis. Destarte, vivenciamos novos caminhos, estabelecemos relações mais saudáveis e profundas com a Vida quando nossos valores e sonhos são congruentes com nossa práxis, quando a habitamos, quando estabelecemos uma coerência interna e externa com os valores humanos universais imprescindíveis para a manutenção da vida humana e planetária.

Para tanto, estamos optando pelos fundamentos teóricos presentes na Transdisciplinaridade, no Pensamento Complexo e no Pensamento Eco-sistêmico.

4. Objetivo

A partir da observação participativa no curso de Educação em Valores Humanos da FUNDAÇÃO PEIRÓPOLIS, bem como análise de documento de alguns

documentos da UNESCO e outros que versam sobre o assunto, pretende-se demonstrar **caminhos de uma Educação (Transdisciplinar) em Valores Humanos na formação do Professor-Educador. Apresentar diretrizes e estratégias de um projeto pedagógico Transdisciplinar em E.V.H. (Educação em Valores Humanos) para a formação de professores.**

Como em uma caminhada transdisciplinar, cada viajante descobre o caminho ao caminhar, pretende-se apresentar algumas diretrizes de um projeto em que a criatividade floresça e fortaleça a esperança do despertar do Educador para *si-mesmo*, para sua humanização, para que, a autoria de pensamento, autoria de Vida e a consciência planetária tornem-se possíveis.

5. Objetivos específicos.

- Compreender as implicações dos valores humanos Universais tais como amor, solidariedade, não – violência, paz, entre outros, a partir da Complexidade e da Transdisciplinaridade.
- Apontar a importância de uma educação em valores humanos para a construção da autoria de pensamento, para a “humanização”, ou melhor, da consciência de si em relação ao triângulo da vida (conhecimento do humano do humano Morin, (2002).
 - Apresentar algumas estratégias para ressignificação de valores.
 - Apresentar diretrizes de um curso Transdisciplinar em E.V.H.
 - Estimular a construção de espaços Transdisciplinar de reflexão-ação.

Assim sendo, tomamos como caminho que se faz ao caminhar, buscando respostas para nossas angústias nesta nova proposta: **“Um Projeto Pedagógico Transdisciplinar. Diretrizes para educação em valores humanos:** Ressignificando valores, construindo autoria, despertando a *humanidade do humano*”.

6. Relevância social e científica do problema

A utopia e o sonho nos movem. Os valores nos orientam. São nossos nortes, nossos princípios, nossos desejos íntimos de realizar algo, de conquistar algo. Muitas vezes, estamos seguindo por um determinado caminho e percebemos incongruentes com os caminhos de nosso coração, e, terrivelmente, nos auto-sabotamos. Este não era o caminho do nosso sonho, não era o caminho do coração de nossos desejos íntimos...

O corpo é sábio. A alma e o coração também são sábios. Quando percebemos que estamos indo em um caminho que não nos legitima, que não legitima nossos sonhos e valores mais profundos, sentimos que não devemos seguir por aí. Como nos diz Moraes (2003, 2004, 2005), somos seres auto-eco-organizadores. Também o é nosso planeta: quando a dança da vida não está em sintonia com seus fluxos nutridores o sistema entra em desequilíbrio. Assim, percebo sob o ponto de vista pessoal, a relação dos nossos valores com nossa autenticidade, como guia - muitas vezes inconsciente - de nossa práxis. O questionamento que me acompanha desde os tempos de Iniciação Científica: Quem és tu professor? Que valores te guiam? Que mundo desejas para amanhã? Tens consciência da influência que teus valores provocam em teus educandos? Como lidar com o medo líquido (BAUMAN, 2008), com a insegurança, com as incertezas e as emergências da vida?

A desvalorização da vida e a falta de condições básicas para viver com dignidade e feliz são questionamentos presentes em nossa realidade atual. São também resultantes de um mundo globalizado que abre fronteiras, porém, muitas vezes inibe sonhos, quebra vínculos humanizadores do contato com o ser do ser. Conhecemos (ou pensamos que conhecemos) outros países, outras fronteiras, mas desconhecemos nossos vizinhos e, muitas vezes, desconhecemos até a nós mesmos.

A violência exacerbada, retratada pelas estatísticas e pela mídia todos os dias, nos mostra isso com muita clareza.

O Brasil é considerado um dos países mais violentos do mundo. O índice de assaltos, seqüestros, extermínios, violência doméstica e contra a mulher é super alto e contribui para tal consideração. Suas causas são sempre as

mesmas: miséria, pobreza, má distribuição de renda, desemprego e desejo de vingança.

A repressão usada pela polícia para combatê-la gera conflitos e insegurança na população que nutrida pela corrupção das autoridades não sabem em quem confiar e decide se defender a próprio punho perdendo seu referencial de segurança e sua expectativa de vida.⁸

O governo, por sua vez, concentra o poder nas mãos de poucos deixando de lado as instituições que representam o povo. A estrutura governamental torna a violência necessária em alguns aspectos para a manutenção da desigualdade social. Não se sabe ao certo onde a violência se concentra, pois se são presos sofrem torturas, maus tratos, descasos, perseguições e opressões fazendo com que tenham dentro de si um desejo maior e exagerado de vingança.

A questão da violência e as violações dos direitos humanos no Brasil, especialmente as que atingem a vida e a integridade física dos indivíduos, além de serem amplamente divulgadas na sociedade em geral, aparecendo com bastante ênfase nos meios de comunicação de massa, constituem-se, segundo as pesquisas de opinião pública, em uma das maiores preocupações da população nas grandes cidades. O interesse dos meios de comunicação por esta temática encontra sua maior justificativa em dados estatísticos bastante alarmantes. Nos últimos quinze anos, os homicídios triplicaram no Brasil e matam-se 50% mais jovens em São Paulo do que em Nova Iorque, sendo esta uma das cidades mais violentas entre as cidades de países desenvolvidos.

Situações de violência, de vários gêneros, seguem acontecendo nas escolas, na sociedade, no mundo.. Lembremos aqui, Mario Sérgio Cortella (2006) dizendo-nos que a sociedade reproduz a cultura e a cultura reproduz a sociedade e ainda, complementa Moraes (2004), se redes de componentes, redes de interdependências caracterizam o nosso mundo biofísico e sociocultural, (p. 17)

Um levantamento da APEOESP feito com 684 professores do Estado de São Paulo apontou que 87% deles disseram que conhecem histórias de violência nas escolas. Em 93% dos casos, os responsáveis são os alunos. O estudo aponta, também, as principais causas dessa violência: 76% estão relacionados a conflitos entre os estudantes, 63% por causa de drogas e álcool e 45,6% pobreza generalizada⁹.

⁸ (<http://www.brasilecola.com/sociologia/violencia-no-brasil.htm>) acesso em outubro de 2007

⁹ Publicado no Site da Globo.com em 27/06/2007 acesso outubro 2007.

Será que resolveremos a violência com atitudes de mais violência? Certamente que não. Urge sairmos deste ciclo vicioso que espalha o medo em todas as direções. Já é tempo de refletir e de começar a mudar. A mão que pode destruir, também serve para plantar, para reformar, para ecologizar, para acariciar a terra, o outro e o planeta... "*Estamos enraizados em nosso universo e em nossa vida, mas nos desenvolvemos para, além disso. É nesse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e da desumanidade da humanidade*". (MORIN, 2002,p.50).

Sabemos que a construção da cidadania e da sustentabilidade ecológica e social (MORAES, 2003) não é tarefa fácil, pois implica grandes investimentos e o cultivo de valores humanizadores:

Para viver, o homem não precisa só de pão. Ele precisa de dignidade e também de valores, de sonhos e utopias. Pior ainda é o homem sentir tais carências e não contar com um conjunto coerente de valores para nortear a luta pelo que não tem, nos limites e possibilidades da ética. Os valores constituem a maior riqueza que nutrem e que fazem brotar o viver, o construir e o sonho é o que faz brotar a vida.

Como consta em nossa constituição, na carta da UNESCO e em diversos outros documentos, *democracia, justiça, solidariedade, generosidade, dignidade, cidadania, igualdade de oportunidades, respeito às diferenças* são alguns dos valores almejados pela sociedade brasileira - se não também da comunidade planetária- que devem ser alvos das ações dos membros da comunidade escolar em busca de sua construção e disseminação.

Também, na Carta da Transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999) temos algo corroborando com nosso olhar, justificando nossa pesquisa,

A visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o campo das ciências exatas devido ao seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual.

Necessitamos, urgentemente, de cidadãos com consciência social e planetária, com responsabilidade e iniciativa, com atitude e valores de democracia, de justiça, de solidariedade e de autonomia, pessoas que lutem por uma vida auto-sustentável para si e para todos. É imprescindível que, irremediavelmente, pensemos em outro tipo de educação. Uma educação que se nutra da cultura, da sociedade e da vida, que vá além dos muros escolares, para poder a ela retornar enriquecida com novos valores, com entusiasmo e alegria de viver (MORAES e TORRE, 2006).

Assim a conscientização, a ressignificação dos valores se inicia com o Educador¹⁰, com a construção de uma consciência transdisciplinar, almejando uma sociedade e uma Ciência mais justa, inclusiva, amorosa, norteada por Valores Humanos Universais que visem a totalidade e plenitude humana e planetária.

O autoconhecimento, desvelado pelos caminhos da transdisciplinaridade, contribui para que o educador viva processos que contemplem a construção do conhecimento em sua complexidade, o desenvolvimento do potencial humano e a vivência dos valores humanitários, gerando uma atuação, uma práxis mais competente e amorosa.

Como estamos “carecas de saber”, conforme os quatro pilares de uma Educação para o Futuro, promulgados pela UNESCO, Aprender a conhecer: ou seja, levar o aluno a dominar os instrumentos para o conhecimento, em vez de adquirir um repertório de saberes codificados.

- ◆ Aprender a fazer: preparar o aluno para colocar em prática os conhecimentos e adaptar a educação ao trabalho futuro.

- ◆ Aprender a viver juntos: construir um contexto igualitário para os alunos perseguirem projetos comuns, em vez de apenas propiciar a comunicação entre membros de grupos diferentes.

- ◆ Aprender a ser: desenvolver-se integralmente como pessoa em suas potencialidades: intelectual, em sua sensibilidade, sentido estético, responsabilidade e espiritualidade. (UNESCO, *apud* DELORS, 2000).

¹⁰ Usaremos aqui o termo Educar para definirmos o profissional da educação que ensina, conduz o processo educativo não apenas com métodos e técnicas mas, também com amorosidade e sabedoria, como visto em Alves, 2006.

Aprender a ser, a viver-conviver... eis a base para todos os outros pilares, incluindo um quinto pilar fundamentado no amor e na solidariedade (BEAUCLAIR, 2004).

Quando o educador aprende a se amar, a ser ele mesmo, aprende a se autoconhecer e também aprende a ser junto com o outro, a conviver em harmonia, a pôr em congruência a práxis e o discurso.

Côncios e apoiados na sabedoria de Carlos Brandão (2005), ao dizer que o amor é um afeto que se aprende ao se viver, bem como outros valores como solidariedade, união, bondade, etc. o professor ensinará pela coerência de sua práxis, pelo respeito, reverência a si mesmo e ao ser de seu educando.

Como nos diz Cipriano Luckesi (2003), a nossa forma-em-ação tem o poder de comunicar o que somos. Assim, para haver o respeito pelo outro como legítimo outro, como nos sugere Humberto Maturana (1997), é necessário que haja o respeito pelo meu "eu" - pelo meu *eu* como legítimo eu - pelo ser *si-mesmo* de cada ser.

A Declaração do Milênio entrelaça e atualiza os valores essenciais ao relacionamento internacional no século XXI, selecionando como fundamentos a liberdade, a igualdade, a solidariedade, a tolerância, o respeito pela natureza e a responsabilidade compartilhada pelo desenvolvimento econômico e social, pela paz e pela segurança. Observa-se que, nas últimas décadas, esses valores e princípios têm sido reiterados num mundo cada vez mais interdependente, apesar das contradições da ação em determinados tempos e lugares. Desse modo, um dos efeitos positivos da globalização é que pode estar configurando-se um direito comum da humanidade ou o direito dos direitos (Delmas-Marty, 1996). Assim, esses valores basilares estariam em processo de inscrever-se nesse direito comum. Sob vários aspectos a Declaração do Milênio ratifica as preocupações da Cimeira de Copenhague, no que se refere ao desenvolvimento social. (GOMES, 2001)

Esta pesquisa preconiza os objetivos indicados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997, p.7, fundamentados nos artigos referente a Educação firmados na Carta Magna artigos 205, 206, 207 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96) que visam Formação do cidadão Ético, consciente de seus direitos e deveres.

De acordo com a LDBN 9394/96

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância; V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - garantia de padrão de qualidade.

Sabemos que uma formação humana mais eficiente está muito além dos conteúdos pedagógicos. Assim, dando continuidade ao tema da dissertação "*De Professor a Educador: Caminhos da Autoria. Uma contribuição da Psicopedagogia para a ressignificação dos valores do professor.*", (ALVES, 2004, 2006). Pretende-se caminhar um pouco mais, tamanha a relevância atual deste tema neste mundo constituído pela complexidade, para a formação de professores que se transcendem como *educadores e como autores de seus caminhos*, bem como, educadores que são referências de valores para seus educandos.

Esta nova práxis, em que os nossos valores são revelados por nossas ações libertas de nossas angústias, é o que desejamos mostrar aos educadores que anseiam percorrer caminhos de sua autoria.

Segundo RODRIGUES (2004) encontramos na transdisciplinaridade uma expressão, uma necessidade coletiva e um apelo do mundo contemporâneo. Esta necessidade justifica-se porque os sistemas educacionais formativos, as disciplinas

eram organizadas e estruturadas a partir de um tipo de especialização positivista, fragmentada e excludente.

A transdisciplinaridade surge como uma necessidade para atuarmos criticamente sobre os novos saberes que viemos construindo através dos tempos, pensarmos sobre os valores que mantêm estes novos saberes e modos de praticá-los, transportando nossos olhares em diversas perspectivas que visem o respeito e a nossa integridade humana.

O alargamento do olhar através da transdisciplinaridade traz-nos a possibilidade de um retomo aos sinais que a história nos deixou. Fazendo uso desta herança, teremos com a experiência, fundamentais reflexões para a reorientação das práticas de ensino e na projeção de nosso destino enquanto educadores conscientes desta práxis pedagógica.

Vislumbramos a tessitura de novos caminhos. Vislumbramos pelo olhar da transdisciplinaridade, novos rumos para a educação bem como para a humanidade.

“(...) é necessário ensinar os preciosos saberes da navegação da ciência. Mas é necessário apontar os imprecisos sinais para os destinos da navegação”. (ALVES, 2002, p. 189).

A Transdisciplinaridade pode permitir a elaboração de uma *Declaração dos Valores Humanos*: baseado nos direitos inalienáveis e nos valores *interiores* do ser humano. Para fazer uma sociedade decidida a objetivar a sustentabilidade, (NICOLESCU, 1997). A ressignificação de valores intenciona o florescimento do humano do humano e de um espírito de paz.

Tornou-se vital que nossas mentes se elevem a nossa consciência política e planetária e possam tomar o controle de um futuro cego. Ou destino humanitário será jogado, portanto, no terreno da consciência e da inteligência humana”. (*ibid*, p. 175)

São nossos valores que nos significam por inteiro, traduzindo-se em uma postura atitudinal de nossa relação com o mundo, diante de si, do outro e de uma nova *humanidade* que anseia por nascer.

Já não é mais tempo de fragmentar e excluir, é tempo de religar, de conceber o diferente como fios de uma imensa trama integradora, única, singular, complementar e completa desta comunidade planetária, como nos prega MORIN (2002).

Neste processo de aprender em ação sobre os Pensamentos Eco-sistêmico, Complexo, sobre a Transdisciplinaridade, os Valores Humanos e a Autoria de Pensamento, propõe-se nos caminhos e miradas deste trabalho, construir pontes entre a objetividade e a subjetividade, entre a ciência e a consciência, entre a efetividade e a afetividade, do ser físico e quântico, e da compreensão do ser que aprende e do significado dessa aprendizagem para a sua humanização.

Lembremos de fechar os olhos para melhor enxergarmos. Mirarmos em outra dimensão: a dimensão que nos religa, que nos une, que reencanta a vida através de laços amorosos de acolhimento...

Abracei a mim...

Acolhi-me...

Fortaleci-me...

Encontrei-me...

E encontrei a ti em mim...

Acolhi a ti...Acolheste a mim...

Para então...

Encontrarmo-nos todos

Em comunhão cósmica.

Percebemo-nos não mais como um

Mas como um em mil

Um em cem mil

E cem mil em um.

Sem mil seres

Cem mil mundos

Cem mil cosmos

Vibrando e eternizando a vida

Nutrindo-nos de amor!

7- Quem nos acompanha nesta jornada

Nosso caminhar dar-se-á à luz de autores como Edgar Morin, Basarab Nicolescu, Humberto Maturana, Carlos Brandão, Ivani Fazenda, Paulo Freire, Nádia Ap. Bossa, Alicia Fernandez, Maria Cândida Moraes e muitos outros que versam sobre o assunto e outros ainda que iremos descobrindo em nosso trilhar científico de fazer, sentir, pensar e viver.

Edgar Morin - este grande, contemporâneo filósofo e poeta - traz-nos esclarecimentos - entre outros- de questões como: a humanização do humano, ou seja, a identidade humana, a complexidade numa linha bio-antropo-físico-filo-sócio-epistemológica.

A questão de que a humanidade caminha para o caos ou para transformação (MORIN, 2002) para um novo renascer do humano do humano está intrinsecamente relacionado a conexão, ao entendimento de que não existe um ser bipartido, dividido em uma cabeça e corpo e sim, a um ser humano complexo, transversalizado pela afetividade, emoção e cognição, com suas partes inter-relacionadas. Um ser que é portador de uma cultura, que vive em uma sociedade e nela interage, estando ambos em constante processo de transformação. Assim, vamos junto com Edgar Morin, sincronizarmo-nos com a religação dos saberes. Esta reflexão surge uma vez que, tão mais freqüentemente buscamos a não-

fragmentação do ser humano bem como das disciplinas. Assim, sairemos do reducionismo e fragmentação, do homem cartesiano para em um encontro de passado, presente e perspectivas de futuro, e entendermos o ser humano em sua complexidade e singularidade na qual a religação dos saberes se faz tão necessária. Afinal, o todo é muito mais que a soma das partes, e somos um todo complexo.

Seguindo este caminho com o autor, falaremos sobre Pensamento Complexo para que possamos nos entender como seres humanos unos e múltiplos, integrantes de um todo em que o todo está nas partes e as partes estão no todo holograficamente; muitas são as janelas e portas que dão acesso à leitura do mundo feita por nós e de muitos modos. Tudo neste imenso universo se interliga.

Ivani Fazenda, Paulo Freire, Humberto Maturana, Saturnino de La Torre, bem como Maria Cândida Moraes encontram ressonância em nosso pensamento falando-nos da biologia do amor, da nossa formação humana como seres amorosos desde nossa criação como espécie que se fez através da cooperação e amorosidade, de uma teoria sistêmica em que todos os sistemas fazem trocas entre si para garantir sua sobrevivência. A brilhante obra “Sentipensar” de Moraes e Torre (2006), será como um guia de magnânima importância para este projeto.

Através destes novos pensamentos vamos entender as leis do Universo e descobriremos uma nova compreensão dos muitos aspectos de nossa vida. Destarte, encontraremos novos referenciais que ressaltam a condição de inter-relação e interdependência essencial entre os fenômenos, principalmente, entre a vida humana entre o querer e o *ser*.

Com Carlos Brandão primeiramente, teremos esclarecimentos do que é Educação porque, esta, é normalmente pensada em um campo limitado como a alfabetização, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Universidade, Supervisão, ou seja, no domínio escolar. Na maioria das vezes, ela não é analisada em seu cotidiano cultural. A educação, propriamente dita, é um conjunto de idéias e práticas geradas pelas diferenças entre as diversas realidades sociais (tão ricamente temos como exemplo a educação indígena, que é transmitida pelo pajé aos curumins).

Como veremos com este autor, mais que pensar a educação em domínios restritos, é necessário pensá-la no seu modo de ser e nas várias formas e situações

que ela possui hoje em dia: a educação na comunidade primitiva, no ensino público, nas classes populares e na sociedade igualitária. A educação pode ser tanto uma forma de opressão quanto uma forma de libertação. Isto depende apenas de como ela é pensada e praticada.

O professor pode lançar mão da criatividade e da consciência de construção de diferentes mundos sociais, uma vez que, não é - ou não deveria ser - capacitado somente para exercer o trabalho profissional que o qualifica instrumentalmente. A educação, como diz este autor, pode ajudar a transformar o mundo que temos no mundo que queremos, e o professor/educador tem importância basilar neste processo.

Adiante, Carlos Rodrigues Brandão irá analisar os alicerces de uma educação para a paz na qual a confiança, o diálogo, a solidariedade e a qualidade de vida são formas vivas de expressão. Brandão nos mostrará como é possível ensinar aos seres humanos gestos poéticos e atos políticos que comecem por modificar pessoas e terminem por participar com elas da transformação de suas vidas. E, estes gestos poéticos e atos de amor, irão se traduzir em uma educação para paz, ao desejarmos com muita vontade plantar as sementes.

Basarab Nicolescu e Ubiratan D'Ambrósio e Ivani Fazenda nos trarão os conhecimentos sobre a inter e a transdisciplinaridade, áreas em que se está avançando o pensamento científico e, congruentemente, transita e se identifica à Psicopedagogia.

Numa abordagem científica, cultural, espiritual e social, estes autores visam a compreensão do mundo presente em que um dos imperativos é a unidade do conhecimento. Também, expõe o pensamento de vários especialistas sobre a importância da transdisciplinaridade na busca de novos caminhos e novas possibilidades de ver e analisar em maior profundidade a complexidade dos tempos atuais.

Nádia Bossa, juntamente com Alicia Fernandez, Hannah Arendt e outros, vêm nos trazer o conhecimento do que é Autoria de Pensamento¹¹, autoria de vida.

¹¹ Define-se aqui como "o processo e o ato produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção" (FERNANDEZ, 2001, p. 90).

Eu defino autoria como a potencialidade de ser, estar e viver no eterno presente, no eterno agora.

Enquanto Educadora-Psicopedagoga e pesquisadora transdisciplinar, contemplo a bibliografia consultada, as experiências no curso de Educação em Valores Humanos e a práxis pedagógica, tomo emprestado alguns instrumentais desta área e a sabedoria dos autores citados bem como de outros, para criar algumas ferramentas para o desenvolvimento de nosso projeto.

Estes pesquisadores e educadores acima citados, além de uma ampla contribuição científica, enfeitarão e nutrirão nossos sonhos, palavras e ações de saberes e sabores, de magia, poesia e alegria e enche nosso coração de esperança ao objetivar a realização da escola que sempre sonhamos. Sendo, portanto, provocadores de uma nova realidade pedagógica da amorosidade de nossa pesquisa em ação.

Ressignificando valores pela ação do projeto pedagógico transdisciplinar teremos o clarear de que os valores que temos são os valores que refletiremos no mundo, ou mais especificamente, no mundo de nossos educandos.

Todos vêm no mundo e nas pessoas algo do que são, do que pensam e de nossa maneira de ser. O mundo tem o valor que lhe damos através dos nossos corações. Se nossas mentes estão escurecidas pelo pessimismo, tudo à nossa volta nos parecerá escuro. Se nossos corações estão escurecidos por valores negativos, tudo à nossa volta expressará desvalor e dissabor de coisas não apreciadas. Mas, se ao contrário, em nossas mentes e corações tivermos valores de otimismo, sentiremos que em todas as situações haverá aspectos positivos. Se o entusiasmo é o clarear de nossas mentes, perceberemos a vida em muitos tons e sons, com matizes de luzes e cores, sabores e amores. A cor e o valor do mundo dependem do nosso olhar e de nosso amar... O mundo ao meu redor são luzes dos meus pensamentos... assim.... sonhamos com a possibilidade de que uma nova educação inclusiva, transcendente, em que a autoria de pensamento- do ser *si mesmo* - e a humanidade do humano sejam possíveis.

Nosso caminho far-se-á através do diálogo e reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual, transcendente, cósmica: do reencontro com o sagrado. Uma educação transdisciplinar que pode abrir um caminho em direção à educação integral. De seres humanos que necessariamente transmitam a busca de sentido, de um norte, que leve à autoconsciência, *auto-ética*, (MORIN, 2004) orientada em direção ao conhecimento de si mesmo, à unidade do conhecimento, e à criação de uma nova

arte de viver e assim, acordar o Homem para a harmonia entre os seres e as coisas da Natureza.

8- Metodologia:

Como caminho que se faz ao caminhar, fundamentado no pensamento Transdisciplinar, realizar-se-á uma pesquisa qualitativa no curso de Educação em Valores Humanos (EVH) da Fundação Peirópolis. Serão usadas estratégias de observação participativa, entrevista semi-estruturada, através da qual far-se-á uma análise de conteúdo visando encontrar o sentido e o significado dos valores nas mensagens dos sujeitos, para identificação dos valores presentes em suas respostas bem como as diretrizes que norteiam o curso..

A escolha da pesquisa qualitativa fundamentada na transdisciplinaridade sustenta-se porque a realidade em que se dá no decorrer do curso é a tessitura de diferentes fluxos nutridores da vida e de seus processos relacionais, interdependentes e auto-organizadores, (MORAES, 2004).

Entre os integrantes, a dinâmica é relacional, indeterminada, não-linear, difusa e imprevisível. Uma realidade multidimensional, constituída de diferentes níveis, o macrofísico, o microfísico, possuidora de uma natureza complexa. Assim, a complexidade deste curso-espaço-relacional é responsável por esta tessitura apresentada, que integra e permeia os diferentes níveis de realidade.

A estratégia de observação participativa encontra respaldo em minha presença como integrante da ecologia cognitiva, emocional e energética no ambiente pesquisado, uma vez que, a minha participação, mesmo aparentemente passiva, influencia os fluxos nutridores e energéticos desta realidade eco-sistêmica. Ainda mais, pelo fato de eu ter uma realidade absolutamente singular, enquanto portadora de deficiência física, trabalhadora e pesquisadora.

O método, o caminho que se faz ao caminhar, se articula com minha trajetória de vida, com minha subjetividade, com a intersubjetividade dos participantes e construímos novos caminhos-verdades-provisórias numa dinâmica recursiva, integradora de respeito-reverência e amorosidade cósmica. Construímos

caminhos, ressignificamos valores, cada vez mais tornamo-nos conscientes da inteireza humana e de nossa responsabilidade como agentes na construção de uma cultura da paz, sustentabilidade, não-violência, solidariedade e respeito a todas as formas de vida.

Os sujeitos da pesquisa foram professores-educadores que participaram do curso de Educação em Valores Humanos da Fundação Peirópolis, Campus XXI - Mairinque.

O curso é realizado semestralmente e os participantes ficam em imersão no local por um período de seis dias. O propósito para tal é desenvolver cooperação, a solidariedade e o respeito ao diferente, considerando todas as culturas e tradições, promovendo a consciência transdisciplinar, resgatando a ética, despertando o compromisso com a construção de uma cultura de paz e a vivência da espiritualidade no cotidiano.

No capítulo IV, apresentamos melhores esclarecimentos sobre as questões metodológicas.

CAPÍTULO I

A COMPREENSÃO DOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO E DE SEUS VALORES.

Apontando novas trajetórias.

"Tão importante quanto o que se ensina e se aprende é como se ensina e como se aprende".

(César Coll)

Acompanhando a história da educação, bem como a formação do professor, perceberemos que, em bem poucos ou raros momentos, este se fez protagonista de sua história.

Veremos que nos primórdios da educação de nosso país, cabia ao professor somente ministrar conteúdos que lhe eram dados, bem como ao aluno recebê-los passivamente.

Na atualidade exige-se que o professor forme seu aluno para ser um cidadão autônomo, autor, consciente de seus direitos e deveres. O professor tem de ser um mediador, um agente fomentador da construção de conhecimento.

Percebemos também que os valores qualitativos tem sido relegado a segundo plano em favor de valores quantitativos: do ter, do fazer, da ação que em muitas vezes se fez sem reflexão e sem consciência da ligação de todos com o Todo.

Sabemos que cada sujeito possui um modo de assimilar e interiorizar o conhecimento. Ou seja, para que se dê a aprendizagem é necessário um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interfiram na forma de relação do sujeito com o meio, sendo que essas conjunturas interferem e também são influenciadas pelas condições sócio-culturais do sujeito e do meio. (BOSSA, 2002)

Portanto, é preciso também, que o professor saiba o que é ensinar e o que é aprender; como interferem nos sistemas e métodos educativos; bem como saber

que os **valores se aprendem no viver**, no modo de relação sujeito-sujeito, Moraes(2003) e Maturana e Rezepka (2000).

À família, à sociedade e também à escola e ao professor, cabe a possibilidade da construção e da reconstrução de vínculos mais eficazes dentro de uma nova proposta pedagógica reflexiva, gestora de autoria e humanizadora.

Varela nos diz que,

Adquirimos o nosso comportamento ético da mesma maneira que todos os outros modos de comportamento: tornam-se-nos transparentes enquanto crescemos na sociedade. Eis o motivo por que a aprendizagem, como sabemos, é circular: aprendemos o que supostamente nós somos para nos aceitarem como estudantes. (VARELA, 1992, p.32)

1.1. Refletindo sobre o os valores. Refletindo sobre o valor de viver: o valor de Ser...

Valor é uma palavra de origem grega- *axia*, ou *axioma*¹. Estes são tão antigos quanto a humanidade. A partir do momento em que o homem passa a atribuir valor, a dar valoração, a demonstrar preferência por algo, inicia-se uma escala de valores. Preferimos isto ou aquilo, isto a aquilo.

Como dito em Alves, *“Valores como aquelas qualidades características dos objetos, das ações e das instituições atribuídas e preferidas, selecionadas ou elogiadas de maneira livre, consciente, que servem para o indivíduo orientar seus comportamentos e ações.”* (2006, p. 24). Ou seja, somos mobilizados pela afetividade e afetados por algo, temos valores, de atração ou de repulsa. Isto consiste em dizer que os objetos possuem algum valor, se não nos são indiferentes. Aranha (1993) fala que esta não indiferença é a essência do valer, é o valor Existem diversos tipos de valores: espirituais, humanos, éticos, morais, estéticos, econômicos, vitais, etc. A diferença está na importância que cada “valor” tem na vida da pessoa.

¹ Optamos por não fazer novamente um reporte histórico do axioma “valor” visto que o mesmo já foi discutido no trabalho “D Professor a Educador. ALVES, 2004, 2006.

A diferença está se estes valores são quantitativos ou qualitativos.

Os valores quantitativos são aqueles pelos quais elegemos como melhores para nossa vida, ter objetos materiais: um carro luxuoso, um casa enorme em um bairro igualmente luxuoso, os mais caros moveis e utensílios, eletrônicos e eletrodomésticos melhores e mais novos, mais, mais e mais. Substitui-se muitas vezes, o que falta dentro por objetos externos.

Os valores qualitativos são aqueles pelos quais elegemos o que é melhor não só para nossa vida física, mas também para nossa vida espiritual, humana e planetária. São escolhas valorativas como amorosidade, solidariedade, carinho, doação, não-violência, coerência interna, respeito a todas as formas de vida, culturas, etc.

Falaremos aqui sobre valores no sentido humanista, portanto, discorreremos sobre os valores que fazem com que o homem seja como tal, sem o qual se perderia a humanidade ou parte dela. O valor se refere a uma excelência ou uma perfeição. Falar de valores humanos significará neste trabalho, conceber o homem como o supremo valor entre todas as coisas e que não supera a nenhum outro valor terreno, dinheiro, estado ou ideologia. Colocará o homem em conexão com a natureza, não acima dela. Portanto, trataremos do homem enquanto um ser ecossistêmico.

Falaremos de valores enquanto referenciais de construção de uma ética da vida. E, como nos diz a grande defensora e estudiosa dos valores humanos, Lia Diskin em seus muitos escritos² hoje não é mais possível falar em ética, em ética da vida, como defende Leonardo Boff, sem fazer referência à teoria dos valores. Contudo, ao abordarmos os valores, temos de ponderar sobre o repertório de valores característicos de cada cultura, etnia, comunidade ou credo.

Levando em consideração os valores de diversas culturas, refletiremos aqui sobre os valores humanos, qualitativos do existir. Valores humanos, valores para uma ética da vida.

Como dia Paulo Freire, não podemos existir sem a reflexão da mão que faz, da razão que a mente é capaz e da emoção que o coração apraz.

² Disponível em <http://www.palathena.org>. acesso em abril de 2008.

Não podemos existir sem nos interrogar sobre o amanhã, sobre o que virá, a favor de que, contra que, a favor de quem, contra quem virá; sem nos interrogar em torno de como fazer o concreto o 'inédito viável' demandando de nós a luta por ele. (FREIRE, 2005, p. 98)

A vida é uma eterna troca, onde eu só me vejo presente na relação com o outro, se o outro não me afeta, não faz *sentir-me*. *Se eu não* eu não tenho afetos, assim não terei *valores*, não estabecerei a compreensão para com o outro conviver. As emoções, a troca e o valor estão em todas as minhas relações sociais e afetivas, onde eu me enriqueço em criação e cooperação porque com a troca há construção. No entanto, sem ela existe a subordinação e o abuso do homem para com a natureza e o próprio homem, e como decorrência, sua própria destruição.

Os valores são os objetos que nos afetam, nos significam e significam o nosso caminhar, o nosso mirar adiante e seguir, porque temos um norte. Eles são intrínsecos em nossa subjetividade e perpassam a intersubjetividade de nossa prática pedagógica, influenciando aqueles que nos assistem.

Ilustramos este olhar com a fala de Souza-Neto (2002) dizendo que a aprendizagem se realiza na intersubjetividade. Que o aprendizado necessita de testemunhos, de modelos. *"Não se aprende pela simples experiência, mas numa relação de confiança, de amizade, de crédito, que se estabelece com o outro, com aquele que cativou a disponibilidade do aprendiz"* (p.24).

Também, como apóia-nos Brandão (2005) dizendo que valores como amor e solidariedade se aprendem na relação amorosa e solidária. Amar se aprende amando, como viver se aprende vivendo. Não está em manuais ou cartilhas, está imbricado na vivência subjetiva de cada ser.

Podemos também ver reflexos desta relação intersubjetiva e da significação dos valores na ação do sujeito através do pensamento de Bossa:

A dependência que a criança tem do adulto em seus primeiros anos de vida é uma questão interpessoal na qual o adulto passa a ser como uma lente

por meio da qual a criança vê o mundo e o veículo mediante o qual ela constrói todos os valores no início da vida. (2002, p.141).

Em nossa proposta nos inserimos em questionamentos: que **valores queremos?** Para quê Para quem? Por quê? Contra o quê e contra quem? Quais os caminhos ou quais as diretrizes que norteiam os caminhos da construção de valores qualitativos?

Se olharmos pela janela ou adentrarmos os portões da maioria das escolas públicas, ou mesmo em uma morada humana, perceberemos, até mesmo de olhos cerrados, que existe uma crise de valores que compactou-se história adentro e humano adentro, desumanizando o humano.

O desejo insaciável pelo capital financeiro transformou o homem em um produto, alguns de mais valia outros de valia nenhuma. Um desejo narcíseo de poder, pela beleza e formosura espelhadas em arquétipos irrealis e inúmeras vezes, aéticos.

A floresta está pegando fogo, o homem está pegando fogo, a água da vida humana está se esvaecendo... é urgente e necessário mudar de curso, mudar o curso...

O curso que a vida humana exige e necessita é um curso de sensibilidade, de sentipensar¹, sentir-amar, sentir-sonhar sentir-irmanar, cooperar, solidarizar...

Como veremos a seguir, as bases axiológicas da escola são produtos da visão de mundo e de educação que se possui em cada época e local. No ensino tradicional, os valores eram reproduzidos, transmitidos sem questionamentos, transmitindo-se assim, a herança e hierarquia social. No escolanovismo, subjetivavam-se os valores sociais, as escolhas pessoais e conservavam-se os valores já existentes. Na educação progressista, priorizava-se a vivência e a eleição de valores coletivos em detrimento dos individuais, visando a transformação social, mantendo-se os conteúdos indissociáveis da vida social assim como a escola, que deveria ter valores historicamente significativos, (SILVA, 2000, *apud*. ALVES, 2006)

Que valores queremos para uma transformação eco-social, eco-pedagógica, eco-sistêmica, para a religação dos saberes da humanidade e para a sua transcendência? Queremos valores renovados ou re-acordados (re-acordemos o humano de seu sonho de poder sem alma...). Queremos valores que construam e edifiquem o Humano do humano para que consigam experimentar a vida de uma maneira alegre, prazerosa, pelo simples fato de *estar junto* com outro humano. Como diz Cortella (2006) ser humano é *estar junto de outro humano, é ser junto*. Portanto, nossa liberdade acaba quando acaba a liberdade do outro. Quando o humano perde sua liberdade todos a perdem também. Ser humano é integrar a humanidade no Ser. Semente da humanidade Humana.

Ser ecológico...

Ser que ama,

Ser que se ama,

Ser que soma,

Ser que divide, multiplica.

Ser que age inter-age;

Transforma, forma, integra, reintegra,

Ser-mente, semente.

Ser autor: ser com amor.

Ser vida: ser Teia da Vida.

(ALVES, 2006, p.58)

O outro me fez, o outro me faz. Brandão (2005)

Queremos os valores que sejam guias da humanidade para sua realeza e beleza interior e, não valores que constroem um falso progresso mesmo a custo de vidas e lágrimas... O ser não é máquina. O ser é essência, é partícula integradora deste Universo (possível). Queremos valores fortalecidos contra os malogros violentos que provocam a perda brutal de vidas e uma destruição cada vez mais exacerbada do Planeta mãe.

Não podemos existir sem nos interrogar sobre que amanhã deixaremos para os nossos filhos, primos, vizinhos, irmãos... Não podemos existir sem a humildade que permite ao saber circular, florescer, crescer. Não podemos existir sem a seqüência de diálogos, palavras, gestos, atos, fatos, sensibilidades interativas e a reflexão que caminha junto com a emoção, significados por nossos valores e saberes criando e construindo a vida da vida, a beleza do viver. Eis o sentido da vida, viver com outro, sentir o olhar do outro que significa a minha humanidade, a minha singularidade e constrói minha subjetividade. Eis o humano se fazendo humano através do olhar de outro humano!

O homem faz a cultura e a cultura faz o homem. Este processo recursivo, reflexivo, somente faz sentido e significado quanto humaniza o humano.

O *eu* sem *outro* não se constitui um verdadeiro *eu humano* porque o homem enquanto humano é um ser de relações e cooperações. De acordo com Maturana e Rezepka (2000), quando competimos, negamos o outro. A cultura construiu a competição. O ser humano, enquanto construção biológica, é um ser de cooperação (*ibidem*). Assim também é o ser social, um ser de relações. Experimentamos com o outro a significação do meu *eu*. Sem o outro, sou um corpo vazio sem referência de minha existência, sem um espelho ou modelo para moldar minha imagem. Assim, o homem encontra o seu *eu* no outro e com o *outro*. O outro traz-nos sustentabilidade à vida.

Não podemos existir sem marcar nossa existência com pegadas de beleza que engrandecem o caminhar dos que virão como a integridade, a paz, a amorosidade, uma árvore plantada, uma flor semeada e uma lágrima enxugada pela força da esperança renovada.

Não podemos existir sem a consciência de nossas certezas incertas porque a única certeza que temos é a da mudança. Cada dia somos novos, em cada minuto, em cada respiração ou piscar de olhos nos renovamos e o presente torna-se passado em uma fração de segundo. Não podemos existir sem a consciência da intenção do hoje e do amanhã. Um amanhã no qual não existem certezas e sim verdades provisórias, *possibilidades*, Cortella (2006).

Não podemos existir sem duvidarmos de nossas dúvidas, sem cogitarmos sobre nossas verdades verdadeiras porque a verdadeira verdade é que verdades são passageiras, mutáveis, transitórias, somente reais em um tempo-contexto e por um minuto ou segundo.

Em uma lógica quântica, o tempo e o pensamento são não-lineares. Não devemos nos prender no tempo ou engessar pensamentos, nos prendermos em velhos paradigmas. A construção do pensamento transita e navega simultaneamente no ontem, no hoje e na possibilidade do amanhã. Constrói-se na complexidade dos tempos: dos tempos pensados e refletidos. O ser e saber humano se constroem na liberdade do pensar-agir-sentir. E assim, constitui-se na possibilidade da autoria: do ser, estar e viver no eterno presente, no eterno agora (ALVES, 2006).

Não podemos existir sem o cógito sobre nossa ação-emoção que se fez na inter-cooperação com o outro nosso irmão e que são experiências que criam e recriam o significado de nossa própria existência.

Não podemos existir sem nossa luta de uma Educação a favor da liberdade, da dialogicidade, da não-opressão, da preservação do ecossistema; a favor da poesia da alegria, a favor da autoria e autonomia, da construção da subjetividade, a favor da expressão máxima da vida: o amor. Irmanado, cósmico, sagrado, condutor basilar da teia da vida.

"Não se pode falar de educação sem amor"

(Paulo Freire)

Não podemos existir sem a luta por uma escola ou espaço-construção que creia na paz acima de qualquer ideologia, acima de qualquer crença ou religião; que

o interesse e ações pela paz possam ser maiores do que qualquer interesse pessoal ou coletivo, sinônimos de comunhão e amorosidade.

Não podemos existir sem estarmos a favor de uma luta, de uma Educação que contribua de forma efetiva para resgatar nos seres humanos valores como a cooperação, a solidariedade e o respeito ao diferente; considerando todas as culturas e tradições, promovendo o desenvolvimento humano com consciência e ética, despertando nas pessoas o compromisso com a construção de uma cultura de paz e a vivência da espiritualidade no cotidiano.

"O educador como partejador de futuro é um educador que procura realizar as possibilidades que a Educação tem de colaborar na conquista de uma realidade social superadora das desigualdades." (CORTELLA, 2006, p.158)

Como nos alertava Paulo Freire, nós educadores, não podemos existir sem a luta contra a contradição opressor-oprimido; contra a opressão, contra a fragmentação humana, contra a destruição de Gaia; contra a destruição humana, contra a destruição do *humano do humano*.

Não podemos existir sem reafirmamos a esperança a favor da "Humanidade do humano", a favor de um ser amoroso, fraterno, compreensivo, (porém não passivo), solidário e partidário da vida humana, a favor de um ser que vive a essência de seu Ser.

Não podemos existir sem alvitarmos a luta contra a maldade humana, a ganância descabida, a dor sem ferida, mas que sangra...

A dor da alma que chora, que implora, pelo pão que demora...

Um pão para quem tem fome e não tem nome...

Contra um ser sem Ser, sem essência e sem decência...

Um homem sem humanização, sem uma humana-ação, sem coração...

Um ser sem canção e sem sincronia com a dor e a alegria do "outro" que é seu irmão...

Um homem feito de sal que a água não dissolve...

Não podemos existir sem acordamos na luta contra um ser que impõe, que corrompe, que rompe, que fragmenta, que apoquenta, que arrebenta.

Não podemos existir sem ao outro darmos a mão... Ou não somente a mão, também o pensamento, o ouvido, a voz, a troca em dialogo e a ação.

Não podemos existir sem *repartirmos idéias para que todos tenham pão!* (Cortella, 2006). Assim pergunto, que valores queremos?

1.2. Breve histórico dos caminhos da educação, os caminhos de nossos valores.

"Não devemos transformar a mediocridade em valor de vida"

.(Lauro de Oliveira Lima)

" Ler não é decifrar, escrever não é copiar".

(Emília Ferreiro)

Retomaremos aqui alguns momentos da História da Educação no Brasil e da Formação de Professores para que o leitor perceba quanto as ideologias hegemônicas e os políticos do capitalismo subverteram **os valores da educação** e do educador, bem como rechaçaram a autoria de pensamento do educador e do educando à uma segunda condição. Este olhar às raízes da formação do educador se faz necessário a reflexividade para que, como nos diz Paulo Freire (2001), percebamos que somos seres condicionados, mas não determinados e a Historia é o tempo de possibilidades e não de determinismos. E, olhando o passado, sabemos que não é possível reconstruí-lo. Contudo, desapegando-nos de nossa. Inexorabilidade, revestindo-nos de esperanças enquanto verbo esperar, de novas utopias e sonhos, podemos construir um novo presente e fazermo-no brilhar na aurora do futuro.

Comecemos a mirada...

Em um primeiro momento, estaremos falando brevemente sobre o percurso da educação no Brasil. Para tal, faremos uso do grande mestre Carlos Rodrigues Brandão.

Perguntamo-nos: o que é educação? Brandão responde-nos que a educação está em todos os lugares, na rua, na igreja, na escola. Não existe em um único modelo de educação, nem uma forma única de se educar. A escola não é um único lugar em que a educação se faz presente e ensinada. E o professor não é um único ensinante. Estamos aprendendo a cada minuto com todas as pessoas e com a reflexão de nossas próprias ações. Há infinitos modos de se aprender, bem como, diversas maneiras de se ensinar, tão diversas como são as subjetividades humanas. Dizendo em uma linguagem psicopedagógica: há diversas modalidades de aprendizagem.

Educação, do latim 'educare', que significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento e crescimento dos seres vivos, nem mesmo com a adaptação do indivíduo ao meio. É a atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz a preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica, e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É o processo contínuo, que começa nas origens do ser humano que se estende até à morte. (Enciclopédia Brasileira de Moral e Civismo, editada pelo Ministério da Educação e Cultura. *Apud.* BRANDÃO, p. 63 e 64)

A educação é um dos meios que os homens lançam mão para criar guerreiros ou burocratas. Ela ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através do passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e idéias, de qualificações e especialidades que envolvem símbolos, bens e poderes

que, em conjunto, constitui-se em tipos de sociedades. E esta é a sua força. (BRANDÃO, 1983)

A educação se dá com o homem em seu contínuo trabalho na, por e pela vida. A educação existe onde não há a escola. Para haver educação não é necessário haver um modelo de ensino ou estabelecimento que o centralize. Em qualquer lugar pode existir redes, grupos, comunidades, pessoas que transmitem seus ensinamentos de uma geração a outra. A vida que se transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie. A educação transmite os princípios através dos quais a própria vida aprende em ensina a sobreviver e a evoluir em cada e para cada tipo de ser.

Na espécie humana, a educação não constitui apenas no trabalho durante e para sustentáculo de vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. Todavia, a seu estilo, ela continua no homem, o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo (quiçá) mais humano.

Tomamos consciência de que a educação que serve para nós "homens brancos" não é a mesma educação que serve para os índios assim como nos deixou registrado Benjamin Franklin em uma carta enviada a pelos índios

...nós estamos convencidos, portanto, que os senhores e desejam o bem para nós e agradecemos que todo coração.

Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes noções têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa.

Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam tudo a vossa ciência. Mas, quando eles soltavam para nós, eles deram mal os corredores, ignorantes da vida da floresta e incapaz de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores o como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta, embora não possamos a aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores da Virginia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos deles, homens. (*aput.* BRANDÃO, 1998, p. 8 e 9)

Podemos dizer que nestes novos tempos nós homens brancos temos muito para aprender sobre educação com os povos indígenas, principalmente no que se refere aos cuidados que o respeito com a mãe Terra. Assim vemos na carta escrita, em 1854, pelo chefe Seattle ao presidente dos EUA, Franklin Pierce, quando este propôs comprar grande parte das terras de sua tribo, oferecendo, em contrapartida, a concessão de outra "reserva". Este documento - dos mais belos e profundos pronunciamentos já feitos a respeito da defesa do meio ambiente - vem sendo intensamente divulgado pela ONU (Organização das Nações Unidas):

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra?

Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência do meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho. Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas.

Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia, são nossos irmãos. Os picos rochosos, os sucos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro, e o homem - todos pertencem a mesma família.

Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós. O Grande Chefe diz que nos reservará um lugar onde possamos viver satisfeitos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, nós vamos considerar sua oferta de comprar nossa terra.

Mas isso não será fácil. Esta terra é sagrada para nós. Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada, e devem ensinar as suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo.

O murmúrio das águas é a voz dos meus ancestrais. Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos, e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem a noite e extrai da terra aquilo que necessita. A

terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa pra trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Tratam sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiros ou enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.

Eu não sei, nossos costumes são diferentes dos seus. A visão de suas cidades fere os olhos do homem vermelho. Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e não compreenda. Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas a primavera ou o bater das asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O ruído parece somente insultar os ouvidos.

E o que resta da vida se um homem não pode ouvir um choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa, a noite? Eu sou um homem vermelho e não compreendo. O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro - o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao mau cheiro. Mas se vendermos nossa terra ao homem branco, ele deve lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda vida que mantém. O vento que deu a nosso avô seu primeiro inspirar também recebi seu último suspiro. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem mantê-la intacta e sagrada, como um lugar onde até mesmo o homem branco possa ir saborear o vento açucarado pelas flores dos prados.

Portanto, vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo qualquer outra forma de agir. Vi um milhar de búfalos apodrecendo na planície, abandonados pelo homem branco que os alvejou de um trem ao passar. Eu sou um selvagem e não compreendo como é que o fumegante cavalo de ferro pode ser mais importante que o búfalo, que sacrificamos somente para permanecer vivos.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo.

Vocês devem ensinar as suas crianças que o solo a seus pés, é a cinza de nossos avôs. Para que respeitem a terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas de nosso povo. Ensinem as suas crianças, o que ensinamos as nossas, que a terra é nossa mãe. Tudo que acontecer a terra, acontecerá aos seus filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspiendo em si mesmos.

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem pertence a terra.

Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo. O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo.

Mas quando de sua desapareição, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força do Deus que os trouxe a esta terra e por alguma razão especial lhes deu o domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho. Este destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos secretos da floresta densa impregnada do cheiro de muitos homens, e a visão dos morros obstruída por fios que falam.

Onde está o arvoredo? Desapareceu.

Onde está a águia? Desapareceu.

É o final da vida e o início da sobrevivência.

Conforme Brandão nos relata, existem muitas formas vivas e comunitárias de ensinar-e-aprender, que tem sido chamado com vários nomes. Estas aprendizagens perpetram, em conjunto, o contorno da identidade, da ideologia do modo de vida de um grupo social. Elas fazem também, do ponto de vista de cada um de nós, aquilo que somos, sabemos, fazemos e amamos. A socialização realiza em sua esfera as necessidades e projetos da sociedade, e realiza, em cada um de seus membros, grande parte daquilo que eles precisam para serem reconhecidos como "sujeitos" sociais e para existirem dentro dela.

A criança - desde bem pequenino - já se constrói conhecimentos desde as primeiras experiências. Vê, sente, entende, imita e aprende a sabedoria que existe no próprio gesto de *fazer a coisa*. Segue a observar e sentir o mundo: fundando sua aprendizagem.

São também situações de aprendizagem aquelas em que as pessoas do grupo troca bens materiais entre si ou trocam serviços significados. Este processo inicia-se em tenra infância, nas trocas e negociações de figurinhas, carinhos, bichinhos... Eis aí, momentos ímpares de educação.

Quando há a teorização da educação (*pedagogia*), criando-se situações próprias para o seu exercício, produzindo-se métodos, estabelecendo-se regras e tempos, e constituindo-se os agentes para sua execução como sujeitos especializados, nomeia-se a isto de *ensino formal*. Neste momento é quando aparecem a escola, o aluno e o professor...

E aparecem as ideologias... Pensamentos ideológicos que se reproduzem pela educação quando o trabalho que produz os *bens* e quando o *poder* que reproduz a *ordem* são divididos e, começam a gerar hierarquias sociais. Também o saber comum se divide, começa a se distribuir desigualmente e pode passar a servir ao uso político de reforçar a *diferença*, no lugar de um saber anterior, que afirmava a *comunidade, a troca, a partilha...*

Nas sociedades ocidentais como a nossa sociedade complexa, nas sociedades de classes, sociedades capitalistas - a educação escolar é uma invenção recente na história de cada uma. Da maneira como existe entre nós, a educação surgiu na Grécia e foi para Roma. Podemos dizer que deles deriva todo o nosso sistema de ensino.

O Brasil tem sua inspiração na educação greco-romana. No início da colonização as elites desejavam que sua sociedade adotasse a mensagem cristã de militância e salvação, fazendo dela, parte de sua ideologia. Tornando-a o repertório de **símbolos e valores** não pelos quais representavam o mundo, mas **representavam-se nele** e, assim, os legitimavam, como as palavras originalmente dirigidas a pobres e deserdados, a sua posição de domínio econômico e de hegemonia política sobre esta população.

As crianças filhos de pais "das boas famílias" (assim como foi na antiguidade) ficavam aos cuidados de sua mães e família e aos sete anos passavam a ser educados por um mestre-escola ou freqüentavam às escolas, mesmo que por pouco tempo. As escolas eram particulares, "abertas" por professores avulsos ou pelas ordens religiosas. Eram pagas, algumas custavam caro e as poucas crianças pobres que aprendiam "de graça", aprendiam nos orfanatos ou nos anexos dos colégios religiosos. Os escravos, os filhos dos destituídos de fortuna - trabalhadores livres, artistas pobres, artesãos - aprendiam "um ofício".

Havia, portanto, mais que um tipo de "educação" em curso. Uma *escola* destinada a aprendizagem de um ofício, profissão, e outra destinada aos filhos de "gente de bens".. Ali, fora dado o ensino de primeiras letras. Havia cursos que ensinavam o latim, grego, literatura e música para os que chegavam até depois dos estudos primários.

A educação da *oficina* que era misturada com a *da vida*, destinava-se ao ensino do ofício aos filhos dos pobres, analfabetos "de pai e mãe", mas excelentes lavradores, mineradores, pedreiros, carpinteiros, ourives, ferreiros. Estes homens que não tinham cultura -por isto, considerados rudes ao olhar das elites abastadas- eram plenos do saberes do trabalho produtivo e fizeram a riqueza e as obras deste país chamado Brasil.

Nas três primeiras décadas deste século foram raras as pessoas que faziam um curso superior. Havia poucas faculdades e as poucas que haviam, eram isoladas. As famílias da elite mandavam seus filhos para estudarem no exterior.

Segundo Ribeiro (2003), no Brasil colônia no Período jesuítico (1500-1759) - a Pedagogia Jesuítica impregna-se sociedade colonial em todos os seus espaços, públicos e privados. O doutrinando dava-se por castigos — em nome da fé — indistintamente. Apesar das questões religiosas o sistema de ensino era organizado e eficaz. Adiante, por volta de 1759 os jesuítas são expulsos do Brasil causando um desmantelamento do sistema de ensino que tínhamos. (se era ruim, tornou-se ainda pior, pois passamos a não ter mais nada). Muitos colégios foram fechados.

No início do período –Pombalino- (1759-1822), as aulas régias instituídas pelo Marquês de Pombal para substituir o ensino religioso constituíram na história brasileira, a primeira experiência de ensino promovido pelo Estado. Cabe frisar que este sistema de ensino cuidado servia a uns poucos, em sua imensa maioria, filhos das raras elites coloniais.

Em lugar de um sistema mais ou menos unificado, baseado na seriação dos estudos - como foi no período jesuítico-, o ensino passou a ser disperso e fragmentado, baseado em aulas isoladas que eram ministradas por professores leigos e mal preparados. Contudo, neste momento os poucos professores (importados) que aqui existiam, já sofriam influência da pedagogia Tradicional³.

³ **Pedagogia Tradicional** que adentrou em nosso país encontrou suas raízes nos século XIX com o pensamento de Herbart (1776-1841). A escola, tida como o ambiente em que as crianças e os jovens para recebem ensinamentos intelectual e moral que as preparem para a vida. Traz grandes preocupações com modelos, com obras literárias, científicas e artísticas. Deste modo, se faz necessário ao aluno ter em memória esses modelos para que, quando adultos, recorram a eles como guias na sua vida moral e intelectual. O ensino é centrado na atividade do professor que tinha em sua mente o modelo de aluno ideal. Os conteúdos, tidos como verdades prontas, são apresentados pelo professor aos alunos que deverem receber o ensino sem questionar e devendo total obediência ao professor, que impõe a disciplina, Guiraldelli (1988)

No Império (1822-1889) com a vida da família real para o Brasil, muitas mudanças ocorreram na educação. Após a Proclamação da Independência (1822), a primeira constituição foi outorgada em 1824, destacou-se nela grande respeito às questões educacionais: “*A instrução primária é gratuita para todos os cidadãos.*” Para dar conta de gerar uma lei específica para a instrução nacional, a Legislatura de 1826 promoveu muitos debates sobre a educação popular, considerada de grande importância pelos parlamentares.

Em 15 de outubro de 1827, a Assembléia Legislativa aprovou a primeira lei sobre a **instrução pública** nacional do Império do Brasil, estabelecendo que “*em todas as cidades, vilas e lugares populosos haverá escolas de primeiras letras que forem necessárias*”. O discurso ideológico do governo que dizia estar preocupado em levar a instrução ao povo. Todavia, não se providenciavam recursos para criar condições necessárias para a existência das escolas e para o trabalho dos professores.

Enfim, em 1835, surgiu a **primeira escola normal do país**- em Niterói- com o objetivo preparar professores para oferecer a instrução de primeiras letras. Em seguida, muitas outras foram criadas intencionado uma melhor formação a estes.

Todas eram escolas públicas. Segundo Selma Garrido⁴ essas escolas surgiram no momento em que no Brasil havia alguma difusão dos ideais liberais, interrogando o Império e defendendo o individualismo, a propriedade, a igualdade, bem como a expansão do ensino primário - por conseguinte a formação dos professores primários recebeu novo impulso. É notável a interdependência entre o ensino primário e a formação de professores. À medida que aquele se expande, esta evolui. Esta interdependência se revelava, no entanto, somente no ponto de vista quantitativo. A Escola Normal era, nesse início, destinada exclusivamente aos homens, uma vez que o papel da mulher se resumia às lidas do lar. Será apenas no século XX que a mulher por-se-á a cursar escolas e, particularmente, a Escola Normal.

⁴ Disponível em <http://btd.egc.ufsc.br/pdf/5000.pdf> acesso em 14 / acesso em 30 de novembro de 2007.

Na Primeira Republica (1889-1930) do período de 1889 a 1925 várias reformas educacionais foram promovidas com o objetivo de melhor estruturar o ensino primário e secundário.

O governo paulista através do Decreto Estadual nº. 248, de 26 de setembro de 1894, resolveu criar o Grupo Escolar. A implantação desses grupos modificou o curso de história do ensino público primário no país, por meio de seus projetos de organização curricular e administrativa. A criação da modalidade de ensino, apresentado por séries, nos quais os alunos eram distribuídos homogeneamente sob a orientação de um só professor, cujo método seguido era o intuitivo. Partindo dessas mudanças, emergiram-se novas relações de poder dentro das escolas, sendo criado a partir de 1894, o cargo de diretor escolar.

Conforme Ribeiro (*ibid.*), com a crise internacional da economia, a sociedade, que era pautada no modelo agrário rural, passa a ser urbano-industrial, configurando a aceleração do capitalismo industrial. Assim, a partir de 1930, o Brasil passa por transformações político-econômicas e sociais profundas. O avanço do capitalismo, introduzindo novas formas de produção, gera a necessidade de que os operários tenham cada vez mais, um mínimo de instrução (e qualificação) para operar máquinas. (É interessante observar que esses fatores, dentre outros, impulsionarão o Estado brasileiro a organizar, de forma única e centralizada, a educação no País - o que ocorrerá com as Leis Orgânicas do Ensino - 42 a 46 -, definindo claramente o ensino profissionalizante). O ápice deste processo de industrialização se dá década de 60 com o desenvolvimento da indústria nacional, seja com a posterior ênfase no capital estrangeiro. Nessa sociedade, com o desenvolvimento econômico configurado, a educação escolar atua como coadjuvante, todavia, imprescindível.

Nos anos da **ditadura Vargas (1937 a 1945)**, o modelo político populista responde às aspirações dos trabalhadores com a organização do sistema de ensino no País (Leis Orgânicas), que antes era definido de modo diferente em cada Estado. Com essa medida, o governo ditatorial fortalece politicamente o estado nacional, impondo-se aos movimentos separatistas.

Os Institutos de Educação, criados a partir de 1932, ampliaram as finalidades da Escola Normal. Compreendiam, além da formação de professores

primários, o próprio curso primário e pré-primário, destinado à prática dos alunos-mestres, o secundário e os cursos de extensão e aperfeiçoamento para professores já formados. Estes Institutos constituíram-se na elite das Escolas Normais. Frequentados pela classe alta, uma vez que altamente seletivos, incorporaram novas experiências didático-metodológicas, sobretudo as decorrentes do movimento escolanovista, sem, no entanto, incorporarem as mudanças sociais que vinham ocorrendo no ensino primário em geral.

Após 46 e até o golpe de 64, período de abertura política com eleições diretas, a resposta política à ampliação de escolas sempre esteve presente, na medida em que, enquanto anseio popular, constitui-se em fator de voto. Nesse período, é importante, ainda, destacar o papel dos intelectuais educadores na luta pela expansão da escolaridade.

Os Pioneiros da Educação Nova vinham lutando, desde a década de 20, por uma escola pública, gratuita e laica para todos, uma vez que o predomínio na manutenção das escolas era das ordens religiosas, que mantinham escolas pagas. Essa luta traduziu-se, do ponto de vista político, na reivindicação pela obrigatoriedade de o Estado oferecer escolas gratuitas para todos. Do ponto de vista pedagógico havia o desejo de um novo modelo de escolas, que valorizasse a democratização das relações entre professor e aluno, portanto, métodos novos e participativos. Essas propostas pedagógicas⁵ se fizeram presentes na escola pública de maneira mais evidente nas experiências educacionais que foram desenvolvidas nos anos 60 (classes experimentais, ginásios vocacionais, colégios de aplicação etc.).

De acordo com Brandão (*ibidem*), as inovações que os liberais propunham para a educação propiciaram a novos tipos de usos políticos de todo o aparato pedagógico, adaptando-a realidade de novos tempos e a novos modelos de controle

⁵ A **Pedagogia Nova**, também denominada de *didaticista* por atribuir grande importância aos aspectos didáticos. Nesta proposta a escola deveria imitar a vida, sendo viva, alegre, fornecendo a estímulos, adequando as necessidades do aluno a vida real e satisfazendo as exigências da sociedade. Os conteúdos de ensino não são voltados para as obras científicas ou literárias. Dá-se muita importância à maneira como alunos aprendem algum conteúdo. Neste momento o professor perde o lugar de privilégio, estabelecido na Pedagogia Tradicional, passando a colaborador, auxiliando o aluno a “aprender a aprender.” Como metodologia, privilegia-se a dinâmica de grupo, os debates, as pesquisas, etc. A disciplina é elaborada a partir da tomada de consciência da criança e dos limites da vida em grupo. Assim, o professor deve garantir que esse relacionamento seja positivo entre todos para que acontecesse uma vivência democrática tal qual como deveria ser na vida em sociedade. (GHIRALDELLI, 1996).

do exercício da cidadania e de preparação trabalhadores qualificados para o trabalho nas fábricas. Em um primeiro momento para as indústrias brasileiras e adiante para as indústrias internacionais que começaram a entrar no Brasil.

Nas décadas de 60 a 70, a formação de professores primários continuou sendo realizada pelas Escolas Normais e Institutos de Educação. A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 4.024/61) alterou significativamente o Ensino Normal. Um maior segmento das classes médias passou a ter acesso à Escola Normal, principalmente às Escolas Normais particulares que se expandiram nesse período.

Neste mar de transformação percebia-se que o ensino não estava apropriado às mudanças que estavam ocorrendo. O ensino público não era adequado, pois não preparava o cidadão para a vida nem mesmo para o trabalho.

Havendo um ingresso maior de crianças pobres em sala de aula prevalece a divisão entre a aprender para o trabalho subalterno e aprender para o trabalho dominante, entra em cena o **ensino tecnicista**⁶. Ou seja, os filhos de operários estudavam para serem operários, os filhos de médicos e estudavam para serem médicos ou engenheiros.

Assim, a educação e a sociedade capitalista continuam a reproduzir e a consagrar a desigualdade social. Seu interesse era manter a escola no limite da sobrevivência: a escola reclamada pelo povo e que lhe é dada para aplacar seus clamores é aquela que satisfaz às exigências dos interesses do capital - adestrar minimamente os alunos para serem trabalhadores produtivos.

Os altíssimos índices de evasão e repetência mostravam uma ineficácia da escola, fato que era perigoso tanto para a estabilidade do capital como para a social. Assim, no bojo das medidas explícitas e/ou implicitamente repressivas para a

⁶ Nesta proposta a escola é uma modeladora do comportamento humano, por técnicas específicas. Uma organização capaz de produzir elementos que se adaptem ao mercado e trabalho. Cabe ao professor transmitir a matéria de acordo com o estabelecido pelo programa educacional, e, ao aluno apenas recebê-la passivamente. A ênfase do processo educativo foca-se nos recursos tais como: manuais, os filmes, os slides, as cartilhas de ensino programado, os módulos de ensino. Não se dão importância as questões afetivas e pessoais dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. O aluno é uma peça numa máquina planejada e deve realizar-se com a função de modo eficiente. Mizukami (1986)

reordenação da sociedade civil que se vinha insurgindo, teremos uma Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus, e dentre esta a da Escola Normal.

A partir de 70 A Lei nº 5.692/71 incorpora a formação de professores como uma das habilitações profissionais do 2º grau. Portanto, desaparecem as denominações Escola Normal e Instituto de Educação e institui-se a Habilitação ao Magistério. Incluída na Reforma do 2º Grau como um todo - a formação de professores far-se-á após o aluno ter cursado as disciplinas do Núcleo Comum (Formação Geral). Portanto, após um ano, o aluno que optasse pela Habilitação ao Magistério, cursaria as disciplinas profissionalizantes em mais dois ou três anos. No caso de três anos, estariam aí incluídas as especializações em pré-escola, deficientes, alfabetização, literatura infantil etc., Não havia qualquer articulação didática e de conteúdo entre as disciplinas do Núcleo Comum e as da parte profissionalizante nem entre estas que também tinham articulação entre a realidade do ensino de 1º Grau

A Pedagogia- nível superior- formava os professores para a Habilitação ao Magistério conforme se definia na lei. A formação também era toda ela fragmentada, os livros didáticos disponíveis, freqüentemente, transmitem um conhecimento não-científico, dissociado da realidade sócio-cultural e política, bem como favorecem procedimentos de ensino mecanizados e não focalizados das condições reais de aprendizagem dos alunos.

Outras propostas pedagógicas foram apontadas no decorrer de nossa história e da formação de professores, -citamos aqui a proposta Crítico Social⁷, cujo principal agente foi Paulo Freire. Contudo, os interesses ideológico, hegemônicos e capitalistas de nosso país, não permitiram que elas florescessem.

⁷ Esta Pedagogia é interacionista e exibe sua ênfase no sujeito como elaborador e criador do conhecimento. O homem é um sujeito concreto que está inserido num contexto histórico, é um ser de práxis (ação e reflexão do homem sobre o mundo, com o objetivo de transformá-lo. A relação professor-aluno dá-se de maneira horizontal e não imposta. Tanto educadores como educandos são sujeitos de um processo. Esses devem crescer juntos e educarem-se entre si, mediados pelo mundo. O professor, junto com seu aluno procurará condições para que a consciência ingênua seja superada e juntos percebam as contradições da sociedade e dos grupos em que vivem. A escola deve ser um local onde seja possível crescimento mútuo do professor e dos alunos, no processo de aprendizagem. Nesta abordagem a educação necessita assumir um amplo caráter não ficando restrita apenas em situações formais do conhecimento. Deve ser precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida desse homem. Através dessa reflexão que se dá enquanto processo em um contexto que deve ser considerado, se faz a passagem das formas mais primitivas de consciência para a consciência crítica. (Mizukami, 1986).

35 anos depois, entra em vigor em nosso país, no ano de 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96. Esta lei assinala um momento de transição significativo para a educação brasileira.

Na disputa entre o coletivo e o individual, entre a esfera pública e privada, entre os representantes da população e os representantes do governo, está vencendo a política neoliberal dominante não só na dimensão global, mas também com pretensões de chegar a conduzir o trabalho pedagógico na sala de aula. Entre ranços e avanços, esta lei prevê a formação de professores em nível Normal Superior ou em cursos de Pedagogia. Atualmente somente em cursos de Pedagogia.

Extinguiram-se os antigos cursos de Magistério ou também chamados de cursos Normais, do ensino Médio. Passaram-se mais de dez anos da promulgação da lei e pouquíssimos avanços foram feitos principalmente no que se refere à qualidade da formação dos professores e valorização do magistério.

Sabemos que, uma política de formação profissional direcionada para nossa realidade precisa, pois, nascer no chão da escola para voltar-se a ela, atentando para as múltiplas dimensões em sua formulação e implementação, capazes de construir competências coletivas e definir a intencionalidade da prática educativa.

As estruturas e normas universitárias bem como dos cursos de formação de professores, por longos anos têm se apoiado nos princípios cartesianos (em valores quantitativos provocadores de fragmentação, descontextualização, simplificação, redução, objetivismo e dualismo). Esse modo cartesiano de ser, direcionou e continua a direcionar o olhar das pessoas exclusivamente para o que é objetivo e racional, destituindo o educador e até mesmo o educando de sua dimensão humana: a emoção, o sentimento, a intuição, a sensibilidade e a corporeidade continuam a ser relegadas a um segundo plano...

Persistem as desigualdades sociais e educacionais. Desigualdades estas que, em pleno século XXI -tempo de globalização- diminuem-se as fronteiras e aumentam-se as distâncias entre pobres e ricos, entre a objetividade e a subjetividade e mais ainda, entre a intersubjetividade. Conheço virtualmente outro

país no outro lado do globo e desconheço em realidade concreta, meu vizinho que mora ao lado.

1.3. Tempo de ressignificar valores: encontrar-se no *mais dentro*, proclamando a autoria de pensamento.

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."

(Paulo Freire)

O mundo bem como, a educação, passam por severas mudanças, quebras de paradigmas. Mundos internos foram esquecidos e fragmentados. Mundos externos que foram olhados aos pedaços passam por uma mudança radical: é tempo de reencontro de reestruturação.

Saímos de uma formação racional tecnicista, para uma formação corporificada e humanizadora. Oxalá, desejamos esta formação humanizadora.... Para que esta formação faça sentido, para que apareça como perspectiva do real, é necessário que o professor habite sua prática, que não mais obedeça às cegas e mecanicamente a normas e padrões pré-estabelecidos. É necessário que o professor-educador e educando compreendam- ao menos minimamente- a complexidade inter-relacional do sistema social, global bem como a complexidade humana ecossistêmica para que assim interiorize novos valores qualitativos como amorosidade, não-violência, passando a agir como cidadão responsável.

Nossa maneira de ser, de sentir, pensar e agir, nossos valores, hábitos, atitudes e demais representações internas que permeiam as nossas relações com a realidade refletem a visão que temos do mundo, as representações interiores guardadas na memória, que se explicitam através de conversações, negociações e

diálogos que estabelecemos uns com os outros, com a natureza e com o sagrado, Gimeno (2002), Moraes & Torres (2004)⁸,.

Segundo Tardif (2005), o trabalho docente acontece no contexto das interações humanas. Portanto, se faz na relação com seres humanos, sobre seres humanos e para seres humanos o que implica dizer que nenhuma experiência se construirá no vazio, ou seja, a qualidade das relações irá interferir de modo impar na aprendizagem.

Sacristán Gimeno (2002) nos diz que não ensinamos nem entendemos qualquer coisa, nem a fazemos de qualquer maneira. Isto porque as opções acerca do *que*, do *como*, e do *para quem* que chegam aos conteúdos, realiza-se em um âmbito regulado embora flexível. Este contexto relacional de aprendizagem varia com o tempo, segundo os **valores** dominantes em função das possibilidades materiais e técnicas para se acessar o conhecimento disponível bem como, segundo determinados modelos de transmissão considerados como adequados. O indivíduo pode automodelar sua subjetividade através do seu modo de adquirir significados da cultura, habilidades e valores que se transformam nos materiais dos quais nutre a subjetividade, o seu *eu*.

A imagem de *si* do sujeito, desenvolve-se segundo o nosso ideal humano que se tem e esta imagem nos orienta no processo de socialização, sendo também controlada pelo âmbito educativo, determinando muitas de nossas possibilidades como indivíduos.

As aprendizagens ou as experiências adquirem um valor e uma relevância, tem impacto sobre a personalidade, peculiares em cada tipo de experiência na hora de formar uma visão do mundo, de si mesmo e dos demais, de acordo com as necessidades que satisfazem ou a vivacidade com que as experimentamos. Assim, alguns significados permanecem como lembranças superficiais sem maior relevância, enquanto outros suporão contribuições com uma projeção na explicação que temos do mundo. Alguns não despertarão ressonância sentimental alguma; outros estarão carregados de afetos positivos ou rejeições e medos. O enraizamento de uma experiência ou aprendizagem dependerá de diversos fatores, mas sem dúvida estará impregnado pelas emoções que o envolvem. (GIMENO, 2002, p. 206).

⁸ MORAES, M. C.; TORRE, S.. Sentipensar: Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação. Vozes, 2004.

Um bom professor é um sujeito com personalidade única. Portanto dá sentido e significado também único, a práxis pedagógica a partir de suas matrizes e valores pessoais. Percebemos que nenhuma educação é contida de objetividade pura. O ato pedagógico por mais racional que se faça ser, **possui afetos e valores latentes** que se manifestam na corporeidade humana.

Segundo Sacristan(1995)⁹, o caráter humano do professor é indissociável de sua prática, a ação docente ocorre simultaneamente no agente/sujeito.

Cabe-nos o questionar: como o professor pode ensinar, transmitir, estimular a autonomia, a criatividade, solidariedade, dizer ao seu aluno que seja autor se ele não se apropriou de sua prática, não é protagonista de sua história, nem autor nem ator de seus caminhos e sonhos?

Toda ação educativa parte de um projeto e trabalha necessariamente com valores humanos. Não temos um projeto coletivo que não expresse valores. O professor não se faz sozinho, mas na relação com o outro. Primeiramente esta relação se dá – ou dever-se-ia dar- consigo mesmo, através da reflexividade, do autoconhecimento.

Os componentes da tarefa educativa são: a capacidade cognitiva, a relação com os conteúdos de ensino e as relações humanas. Portanto, as subjetividades construídas pelas histórias de vida, os valores morais individuais que constituem-no e a cultura social. Educar é a junção da capacidade cognitiva somada ao componente ético- ao ser que sou, ao ser que me faço ser pelas escolhas coerentes de meus valores.

Segundo Gimeno (1995, 2002) há uma utilidade moral intrínseca na ação de ensinar porque esta tem como matéria prima, diferenciados ethos os quais carregam consigo subjetividades, significados e formas distintas de consciência pessoal e política, que se traduzem por **valores pessoais**.

Educar é um ato político e esta construção política da ação educativa trabalha com **os valores** dos sujeitos perfazendo-se um grande dilema em torno da

⁹ SACRISTÁN, J. Gimeno. **Currículo: uma Reflexão Sobre a Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas:1995
_____. **Educar e conviver na cultura global**. as exigências da cidadania. Porto Alegre: Artes Médicas:2002.

questão do ensinar. Este dilema está no “como realizar um trabalho coletivo considerando, respeitando e valorizando as várias construções de **valores morais**.”

A discussão sobre ética seria o instrumento da reflexão das constituições individuais. No entanto, poucas as pessoas estão dispostas a refletirem sobre suas condutas. Entrar no mundo do outro, para melhor compreendê-lo e com isso respeitá-lo como diferente que comporá a coletividade, dando sentido e significado ao conteúdo a ser trabalhado, ao contexto social em que estão inseridos. Para isso, a escola tem de ter um Projeto coletivo em que entrelace os interesses pessoais aos do coletivo. Contudo, o coletivo deve conter o individual bem como individual conter ao coletivo, nisto consiste a complexidade.

Maria Cândida Moraes (2005) em seu livro ‘O Paradigma Educacional Emergente’, diz que os **valores** definidores das necessidades do homem de hoje, inserido neste mundo arraigado pela desigualdade social em que o avanço tecnológico tornou-se também uma ameaça de destruição. Esta ameaça corporifica-se porque no contexto atual, as formas de Poder se afirmam enquanto capacidade de se estabelecer relações, em que **os valores** de troca se definem, em última análise, como informação, conhecimento e criatividade, e, valores de religação, de amorosidade, valores auto-sustentáveis.

Uma educação para a era relacional pressupõe o alcance de um novo patamar na história da evolução da humanidade no sentido de corrigir os inúmeros desequilíbrios existentes, as injustiças e as desigualdades sociais, com base na compreensão de que estamos numa jornada individual e coletiva. Esta educação requer o desenvolvimento de uma consciência ecológica, relacional, pluralista, interdisciplinar, sistêmica, que traga maior abertura, uma nova visão da realidade a ser transformada, baseada na consciência da inter-relação e da interdependência essenciais que existem entre todos os fenômenos da natureza. Uma educação que favoreça a busca de diferentes alternativas que ajudem as pessoas a aprender a viver e a conviver, a criar um mundo de paz, harmonia, solidariedade, fraternidade e compaixão, Moraes, (2005 p. 27)

Na prática educativa, pode haver momentos em que o professor reflexivo romperá com algumas regras instituídas, naturalizadas e engessadas, isso pode fazê-lo sentir-se antiético. Entretanto, esse rompimento significará o desvelar valores

que foram incorporados e que muitas vezes, deturparam e desconsideraram a humanização do humano, que foram incorporados e tomados como comuns na sociedade. A reflexividade fará sim, nascer uma nova ética, a ética em favor da vida, da humanização. Eis o papel reflexivo e provocador do educador: acordar outro para seu mundo vida e trazer vida para o mundo. Constituir-se autor de si e possibilitar, provocar, engravidar de autoria o outro.

Chegamos ao tempo de reestruturação e reconstrução de novos mundos. É tempo de olhar a diversidade como complementar, como integrante e característica ímpar de nossa identidade. Nada é igual. O ser homogêneo já não é mais complementar do olhar que se faz ao ser humano. Hoje, pensar em homogeneidade é tornar excluído, é pensar o “ser” não como humano, mas como máquina que repete e aciona os programas nela depositados.

A reflexividade diante das questões referentes a formação de professor suscita-nos a pensar que, este ser um agente fomentador, mediador, questionador e construtor de conhecimentos deve pôr-se como agente de sua história, protagonista no palco das construções de sua autoria.

Pensamos que, a tarefa da educação escolar é permitir e facilitar o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica, de modo que possam atuar com responsabilidade e liberdade na comunidade a que pertencem. (MATURANA e REZEPKA, 2000, p. 13)

Apoiando nestas idéias, Maurice Tardif (2005¹⁰), aponta-nos que o saber não se reduz, exclusiva ou principalmente, a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professores e alunos. Faz-se necessária interconexão do saber deste profissional com o individual e o social, entre o ator e o sistema, a fim de apreender a sua natureza social e individual como um todo. O professor ator protagonista de si mesmo, inserirá está sua individualidade na construção do projeto

¹⁰ TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

pedagógico. Trazendo a diversidade de olhares contribuindo para a ampliação das possibilidades e construção de outros novos saberes, bem como, de sujeitos mais íntegros, solidários e humanos.

A este respeito no fala Varela, "*(...) tomar cuidado de si representa o verdadeiro fundamento do Ser, em que se pode tornar plenamente manifesto através de uma longa e bem-sucedida prática ética.*" (1992, p. 76)

Este caminho a ser trilhado, é a principal proposta deste trabalho e, cabe aqui ao meu olhar psicopedagógico juntamente com as contribuições dos novos paradigmas da inter e transdisciplinaridade, complexidade e pensamento ecossistêmico, serem os eixos norteadores desta tessitura que aqui estamos construindo. Um trilhar da construção de autoria, da ressignificação dos valores, da humanização do humano. Um trilhar nutridor da gestação de sonhos, porque são os sonhos que nutrem a vida.

Nestes caminhos de reflexão que nutrem o construir consciente, o construir discente, o construir docente, trazemos uma construção de valores pela ação de *sentipensar* (MORAES, TORRES, 2004). E, neste trilhar de construção, razão, emoção, construímos neste não medo da desconstrução, um novo Sujeito: um sujeito com coração, um Sujeito autor, um sujeito amor...

"Não se deve ensinar valores, é preciso vivê-los a partir do viver na biologia do amor. Não se deve ensinar a cooperação, é preciso vivê-la desde o respeito por si mesmo que surge no conviver, no respeito mútuo." (MATURANA e REZEPKA, 2000, p. 16)

Este Ser-sujeito, ser-autor, ser-amor é um ser que *vive, que ama e que proclama esta liberdade de Ser. Ser e se fazer presente, no eterno presente, no agora, neste momento que se apresenta e não demora porque é o tempo que se vive e se constrói pelo ato de ser quem sou...Um sujeito de liberdade libertada e autorizada por uma nova razão... Que vem de dentro, vem do ser que sou...consigo, com o outro, do ser que é, do ser que se faz Ser...humano! Um ser humano que se faz no encontro, diálogo do eu, do tu, do nós, do todo complexo, completo, incompleto, consciente de sua incompletude, acordado de seus sonhos...*

1.4 Tecendo caminhos do Pensamento Complexo, Eco- Sistêmico, Transdisciplinar: religando-nos com nossos valores, encontrando-nos na teia da Vida.

Para Morin (*apud.* MORAES e TORRE, 2006), complexidade significa uma tessitura comum que coloca como sendo inseparavelmente associados o indivíduo e o meio, a ordem e a desordem, o sujeito e o objeto, o professor e o aluno e todos os demais tecidos que regem os acontecimentos, as ações e as interações que tecem a trama da vida.

Falar sobre complexidade, sobre o terceiro incluído me é muito prazeroso. É encontrar-me na dimensão singular de mim mesma, do ser *si-mesma*, no valor verdade e coerência interna. No valor solidariedade, respeito- reverência de mim para com o outro, para com o ser do outro consigo e comigo, conosco, com o *Todo*, para com todas as minhas, as nossa potencialidades, possibilidades. É encontrar-me -encontrarmo-nos - como integradora, integradores da teia da vida (1999). É sair do paradigma dilacerador , dualístico, hierarquizador que desune e diferencia o melhor e pior, superior e inferior, oprimido e opressor, um paradigma de exclusão-fragmentação, separação que rotula os seres como deficientes e ignora a singularidade e potencialidade de cada um.

As paixões do ego (MARIOTTI, 2000) provocam a distinção, disjunção, separação e outros números adjetivos excludentes para porem-se em nível de superioridade ou mostrando as “limitações”, “deficiências” de outrem. Porém, olhando como o *terceiro incluído* (NICOLESCU,1999) percebemos que estas são dimensões de uma mesma realidade, que entre o T e não T existe a religação, a potencialidade, são as duas extremidades de um mesmo bastão.

De que cor é o mundo? O mundo que percebemos é o mundo que mundo que podemos perceber. Cada um dá sua mirada pelas janelas que tem na alma. Estamos na pré-história do espírito humano, nos diz Morin, (1997). Cada um é o que é capaz de ser e realiza seu potencial à medida que conecta-se consigo, com o outro e com a energia do Todo. Parafraseando Geraldo Vandré, é saber que *cada um carrega em si o dom de ser capaz, de ser feliz...*

Eu sou feliz e sou capaz! Quando me excluem, me rotulam, tiram-me a possibilidade de expressar-me em todo meu potencial cósmico. Digo que, quem o faz, tem medo do diferente, tem medo do medo, medo de encontrar-se diante do desconhecido e pôr-se na possibilidade de conhecê-lo, é revestido do que Morin chama de cegueira científica. Digo também de cegueira da alma.

Esta cegueira, prepotência de tudo poder, de dominação está ligada ao uso exagerado da razão, Morin, (1997) contida no paradigma linear-cartesiano, a base do empirismo, que pronuncia a existência de uma única realidade, que deve ser percebida da mesma forma por todos os homens. Este pensamento dualístico que separa o corpo do Ser, a cabeça do corpo e o homem do mundo, assoalha-se como um pensamento mutilador, patológico, dilacerador e norteou os rumos da ciência e da educação até os dias de hoje. Atualmente sabemos (ou engatinhamos neste saber) que a diversidade, a singularidade são lados de um mesmo bastão. Todas as coisas estão interligadas. A diversidade e unidade humana compõem a vida do planeta e do cosmos.

Como vimos na educação, as Pedagogias Tradicional-tecnicista, positivista, com seus pensamentos fragmentados, sem conexão com a realidade do educando (não seria muito dizer também do educador), no qual sujeito e objeto eram duas realidades separadas; subjetividade e objetividade não se misturavam, a relação professor/aluno mantinha uma distância soberana, o professor tinha em mente o modelo de aluno perfeito, asséptico, destituído de pensar próprio. Este pensamento se fez presente em nosso país desde a época da colonização, na maioria dos sistemas educacionais e perduram seus resquícios no ensino, até os dias atuais.

Hoje, porém, temos conhecimento de que não existe percepção totalmente objetiva. Não existem verdades absolutas, certezas certas. O princípio da incerteza de Heisenberg¹¹, desmantelou um sistema rígido, bipolar, do certo e do errado, do “normal” e “anormal”, do sim e do não, do todo e das partes separadamente e sem ligações. O todo está nas partes e as partes contêm o todo, eis o princípio holográfico do pensamento complexo. Tudo está ligado a tudo.

¹¹ O princípio da incerteza nos revela o comportamento totalmente imprevisível das partículas atômicas. Este experimento desmantelou um dos pilares da ciência Clássica e do pensamento teológico e social tradicional. Em seguida Bohr com o princípio da complementaridade explicou a natureza complementar da matéria como sendo constituída, simultaneamente como onda e partícula, Moraes, (2004, p. 28)

Morin (1997, p.20) define o pensamento complexo como um tecido de constituinte heterogêneo, inseparavelmente associados... É afetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. A complexidade mostra-se como laços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem da ambigüidade, da incerteza.... Moraes (2004) define complexidade como uma tessitura comum que se coloca como sendo inseparavelmente associados o indivíduo e o meio, a ordem e a desordem, o sujeito e o objeto, o professor e o aluno e todos os demais tecidos que regem os acontecimentos, as ações e as interações que tecem a trama da vida.

Cabe dizer ao leitor que complexo não é sinônimo de complicado e sim "*significa aquilo que é tecido em conjunto*".(MORAES, 2004)

Este pensamento desenvolvido por Edgar Morin, em sua vastíssima obra, mostra-nos que o mundo natural é constituído de opostos ao mesmo tempo antagônicos e complementares. Vivemos em **círculos** sistêmicos e dinâmicos não-lineares que se expressam na **circularidade e retro-alimentação** do sistema e não simplesmente de modo linear causal, razão pela qual temos responsabilidade em tudo porque conscientes ou não, ativos ou passivos, influenciemos o meio e por ele somos influenciados. Não existe um piscar de olhos, uma folha que caia no chão ou um bater de asas de borboletas que não influencie em todo o sistema. Não há ação isolada, não há fenômenos de causa única no mundo natural assim, não podemos pensar na parte em pensar no todo ou pensar no todo sem pensar na parte porque tudo esta interligado. Toda ação tem uma conseqüência que retroage sobre a ação. Estes são alguns princípios do pensamento complexo que aspira ao conhecimento multidimensional, (MORIN, *ibid*)

A partir do pensamento complexo, eco-sistêmico¹² e transdisciplinar torna-se mais fácil compreender a relação multidimensional e interdependente do ser humano enquanto biológico, psicológico, afetivo, espiritual e cultural, com a construção do

¹² O Pensamento Eco-sistêmico tem por base, além da teoria da Complexidade de Edgar Morin, as teorias biológicas de Maturana e Varela e as explicações ontológicas e suas respectivas implicações epistemológicas decorrentes das descobertas da física quântica. Tais teorias conformam um quadro epistêmico mais amplo e de natureza complexa diferente do paradigma tradicional apoiado na separatividade, na fragmentação, na causalidade linear, no determinismo e na suposta ordem. Moraes (2004)

conhecimento por ele concretizada. Segundo Moraes (2004), compreender estes princípios colabora também para entender a dinâmica pedagógica

Para melhor compreendermos a complexidade devemos entender melhor alguns princípios fundamentais implícitos nela. Estes princípios também nos servem como operadores dinâmicos no processo de construção do conhecimento, ou seja, operadores cognitivos. Para conhecermos estes princípios e operadores buscaremos seus principais fundamentados no pensamento de Edgar Morin.

Seguimos ...

O princípio dialógico.

Dialogicidade é a capacidade que uma ação tem de associar-se a outra. Ela permite-nos reconhecer a dualidade no seio da unidade, ou seja, o que parece antagônico é também complementar, concorrente e antagônico.. A palavra “dialética” origina-se de diálogo entre posições contrárias. A palavra “dialógica” significa que há contradições que não se resolvem. Nelas, a tensão do antagonismo é persistente. As contradições fazem parte da complexidade natural do mundo e de seus fenômenos e em muitos casos é preciso conviver com elas. São estados paradoxais, inerentes à natureza dos sistemas vivos, e tentar resolvê-los por eliminação além de inútil seria um desperdício de energia mental. São, portanto, opostos concomitantemente antagônicos e complementares. O progresso produz ordem, mas também produz desordem. Não há possibilidade de aumentar a ordem sem aumentar também a possibilidade de desordem e vice-versa, uma vez que uma polaridade contém a outra em estado latente, Morin (1991).

A dialógica cultural exemplifica este princípio. Existe uma pluralidade/diversidade, genética, intelectual, psicológico e afetivo, muitas vezes antagônicas dos sujeitos, mas que permitem o encontro, a comunicação e o debate de idéias.

A autoprodução ou autopoíeses¹³.

Os sistemas vivos produzem e organizam a si próprios. São, portanto autoprodutores e auto-organizadores. Podemos dizer que os seres vivos são autônomos, mas não independentes. São sistemas são autopoieticos por definição, porque continuamente se produzem e se reproduzem. Falamos que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto. Mas, todo sistema autopoietico tende a entropia, ou seja, a morte, (MATURANA,1995). Ainda, de modo paradoxal, estes sistemas são ao mesmo tempo autônomos e dependentes. A essa condição, Morin (*ibid*) deu o nome de paradoxo autonomia-dependência.

O principio Hologramático¹⁴.

Holograma: O todo está virtualmente em cada parte e a parte está no todo. Não é possível conceber um sem conceber o outro. Ainda, a parte tem a capacidade de regenerar o todo e o recíproco também é verdadeiro. Como é o caso da célula tronco que pode reproduzir um órgão porque a memória do *todo* está na parte bem como da parte está no todo. Melhor explicando, a sociedade e a cultura estão presentes enquanto *todo* no conhecimento e nos espíritos cognocentes (MORIN, 1991, p.101) Este autor diz-nos que está idéia aparentemente paradoxal, imobiliza o espírito linear. Completando este pensamento Morin (1997) fala que na lógica recursiva deste princípio; o que se aprende como conhecimento das partes, regressa o todo e, o que se aprende sobre as qualidades emergentes do todo, que inexistem em organização, regressa as partes.

O principio da emergência

¹³ Autopoiese ou autocriação é um padrão de rede no qual a função de cada componente consiste em participar da produção ou da transformação dos outros componentes da rede. Dessa maneira, a rede, continuamente, cria a si mesma. Ela é produzida pelos seus componentes (CAPRA, 1989, p.136)

¹⁴ O nome holografia vem do grego HOLOS: todo, inteiro; e GRAPHOS: sinal, escrita, pois é um método de registro "integral" com profundidade. Além disto o holograma possui uma característica única, em apenas um pequeno pedaço existem informações sobre toda a imagem registrada a partir de um certo angulo (a comparação pode ser feita com uma janela, cobrindo-a e deixando um pequeno buraco um espectador continua enxergando toda a paisagem do outro lado, de um angulo muito restrito mas é a paisagem, quando a janela é descoberta tem-se a paisagem completa dos vários angulos possíveis, com todos os detalhes). Disponível em:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Holografia>. Acesso em 08/nov./2007

Este princípio diz-nos que o todo é superior à soma das partes. É o que mostra o fenômeno das propriedades emergentes. Na instituição escola ou em qualquer grupo de pessoas, quando um grupo se reúne para discutir um determinado assunto ou problema, do diálogo que se estabelece costumam emergir idéias novas, que antes podiam não ter ocorrido aos participantes. A sabedoria de um grupo é maior do que a soma das sabedorias de seus componentes. Moraes (2004) explica-nos que emergência significa que algo novo surgiu sem precedentes ou sem ser determinado pelo passado.

O princípio da complexidade do todo

Este reconhece que os dois princípios anteriores são simultaneamente antagônicos e complementares. Por isso, ele estabelece que o todo seja ao mesmo tempo maior e menor que a soma de suas partes, pois a relação entre A e B é circular e não linear. Reconhece uma realidade. Estabelece que a complexidade seja um movimento que reúne, contextualiza, globaliza, mas, ao mesmo tempo, reconhece a singularidade e a individualidade. (MORIN, 1997)

O princípio recursivo:

Um processo recursivo é aquele no qual os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causa e produtor. Podemos entender a recursividade como meio da qual é produzida a cultura. Ou seja, a cultura é produzida pelo homem e recursivamente esta o produz. Tudo o que é produzido volta ao que o produziu, de maneira diferente, num ciclo auto-constitutivo, auto-organizador e auto-produtor. A escola produz-reproduz a cultura, o conhecimento para a sociedade que produz/reproduz novamente a escola.

O princípio da distinção, mas não-separação

Para se conhecer a instituição escola é necessário conhecer as interações dessa organização com todos que compõem seu ambiente. A parte pode ser identificada como parte, mas não pode ser desligada do todo. O que percebemos por meio dos nossos cinco sentidos são coisas separadas, mas na realidade essa

separação não significa desligamento. Tudo está ligado a tudo. A essa conclusão já haviam chegado vários grandes pensadores. Montaigne dizia que “todo homem traz consigo a condição da inteira humana”. Goethe afirmava: a) “os homens trazem dentro de si não somente a sua individualidade, mas a humanidade inteira, com todas as suas possibilidades”; b) “o universal e o particular coincidem: o particular é o universal que se manifesta sob diversas condições”, Mariotti, (2000)

A Interação sujeito-objeto

Para que nossa observação fosse invariavelmente objetiva, seria preciso que estivéssemos constantemente separados daquilo que observamos. Foi disso que o pensamento fragmentador nos convenceu: de que observamos um mundo do qual não fazemos parte. Estabelecemos fronteiras e não nos vemos além delas. Sabemos que a interpretação da realidade depende da realidade subjetiva daquele que o interpreta. Recordando-nos do Princípio Recursivo de Morin, bem como do Princípio da Incerteza de Heisenberg e da *Estruturas Dissipativas* de Bohr compreendemos que sujeito e objeto, organismo e o meio se influenciam mutuamente. Mariotti, (2000)

Ecologia da ação

Uma ação não depende somente da vontade daquele que a pratica, depende também dos contextos em que ela se insere, das condições sociais, biológicas, culturais, políticas que podem mudar o sentido daquilo que é nossa intenção. Dessa forma, as ações podem ser praticadas para se realizar um fim específico, mas podem provocar efeitos contrários aos fins que pretendidos, a isto Edgar Morin (2000b) chama de Ecologia da Ação.

Por este princípio percebemos que a natureza devolve ao homem em igual ou maior proporção o que o homem deu para a natureza. Esta é uma razão bastante forte para pensarmos em um desenvolvimento auto-sustentável, visto o dano que o homem já causou a natureza e as reações desta ao homem.

Sinergia.

Mário Bunge (2004, p. 227) diz "Convergência funcional, também conhecida como sinergia, é a raiz da emergência das propriedades globais dos sistemas. Portanto, quando os sistemas estão integrados, funcionam sinergeticamente ou, inclusive, "sinergicamente". Porém, uma vez que são reduzidos ou suas partes são separadas, eles não podem ser reconstituídos. Podemos apresentar como exemplos, as células dos órgãos, dos organismos, das famílias, empresas e nações.

Para este autor, também *"as funções mentais são sistêmicas: emergem unicamente quando muitos neurônios se associam e atuam sincronicamente para formar uma unidade funcional com propriedades emergentes"* (2004, p. 228)

Para Lazlo (*apud* MORAES, 2004, p. 107), existem possibilidades de interações entre o cérebro de um indivíduo e outro cérebros, entre o sujeito e seu ambiente. Seres humanos são seres, com suas janelas abertas para o Universo, como dissemos acima, à medida que nosso cérebro passa a ter acesso às informações no domínio subquântico, nos permite manter altos níveis de empatia com nossos semelhantes e com o meio natural, confirmando assim a nossa unidade com o Universo.

Pensando em valores como solidariedade e amor, podemos dizer que não se trata de falar sobre amor e solidariedade e sim pormos em prática ações amorosas e solidárias estabelecendo, portanto, uma sinergia e contaminando outras pessoas, e os educandos com nossos atos.

Um professor ou professora só pode contribuir para a capacitação dos seus alunos se vive sua tarefa educacional desde sua própria capacidade de fazer e desde sua liberdade para refletir acerca de sua atividade, a partir do respeito por si mesmo, fazendo o que é ensinado. (MATURANA e REZEPKA, 2000, p. 18)

Poderíamos a partir desta reflexão falar sobre o pensamento transdisciplinar.

O simbólico está intrínseco na complexidade que compõe o olhar transdisciplinar e, estes valores/afetos estão imbricados no dia-a-dia da ação docente e...

(...) a transdisciplinaridade, - **apresentada aqui sob o ponto de vista psicopedagógico** - surge como possibilidade para “(...) o alargamento da compreensão do real, como renascimento do espírito e de uma nova consciência. Consiste no desafiante exercício em que concorrem pensamento, ação, experiência, emoção, valores, compreensão dos níveis de realidade, para levar a termo uma nova práxis. **–grifo nosso** - (RODRIGUES, 2004).

Mas, sobre multi, pluri, inter e transdisciplinaridade iremos falar no capítulo seguinte...prosseguimos a viagem....

CAPITULO II

CONTEMPORANEIDADE: O ALVORECER DO NOVO PARADIGMA INTER E TRANSDISCIPLINAR. Resignificando Valores

O que foi e o que será; para além do disciplinar... Os atuais rumos das pesquisas científicas permite-nos sair da dicotomia, das dualidades, do homem fragmentado. Novos caminhos estão sendo apresentados por recentes teorias e princípios como a Física Quântica; O Pensamento Ecosistêmico; A Teoria Geral dos Sistemas; da Autopoiese e da Enação; o Pensamento Complexo; o Pensamento Hologramático; a Lógica Ternária entre muitas outras que ainda virão, portadoras de esperanças, de junção, de harmonização, de união do Homem integrado consigo, com a Natureza e com o cosmos.

Estamos vendo o alvorecer de uma nova ciência, ou melhor, de novas ciências que esperamos ser contidas de consciência, como nos ensina Edgar Morin, este também contemporâneo filósofo que escreve sobre novos caminhos, novos rumos de um *“saber que não se sabe só”*. Este novo saber incompleto e complexo, uno, múltiplo e complementar que olha além do que se vê, segue por rumos inter e transdisciplinar, assim como a vida; construída em teia, e de tal modo esperamos vivê-la...

Anuncia-se a aurora de novos saberes no qual para aprender basta querer sentir-se não como fragmento, mas como complemento desta imensa poeira cósmica.

Sobre novos saberes, sabores...

Neste momento vamos um passeio sobre alguns conceitos epistemológicos que ainda trazem alguma confusão.

Vamos clarear conceitos destes novos saberes que possuem uma similaridade, mas que são diferentes níveis de relação entre as disciplinas bem como diferentes níveis de complexidade epistemológica, com o termo distinto dos outros, adiante continuarmos a discorrer sobre o que interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

2.1. Multidisciplinaridade.

Segundo Japiassú (1976) este conceito caracteriza-se por uma ação simultânea de uma gama de disciplinas em torno de uma temática comum. Essa atuação, no entanto, ainda é muito fragmentada, na medida em que não se explora a relação entre os conhecimentos disciplinares e não há nenhum tipo de cooperação entre as disciplinas. Cada disciplina possui seu domínio teórico-metodológico e nenhuma interfere ou aproxima-se de outra. Os conhecimentos são estanques e estão todos num mesmo nível hierárquico. Ou seja, não existem pontes de um domínio disciplinar para outro. Não há organização ou coordenação entre tais conhecimentos. Aqui podemos exemplificar com os hospitais e suas grandes equipes multidisciplinares em que muitos médicos de diferentes especialidades olham para seus pacientes com uma determinada patologia, ou muitas vezes somente para a patologia, sem, no entanto vê-lo como um todo: Um ser dotado coração, pulmões, etc., e também razão, emoção e espírito, valores... que o fazem ser muito mais que a junção de órgãos biológicos.

2.2. Pluridisciplinaridade

A **pluridisciplinaridade** difere do nível anterior porque nela observamos a presença de algum tipo de interação entre os conhecimentos disciplinares, embora eles ainda se situem num mesmo nível hierárquico. Não há ainda nenhum tipo de coordenação proveniente de um nível hierarquicamente superior. Há uma espécie de ligação entre os domínios disciplinares indicando a existência de alguma

cooperação e ênfase à relação entre tais conhecimentos. Há troca, mas não há mudança no hipertexto. Uma disciplina não chega a exercer influencia na outra.

Nas palavras de Nicolescu (1999) uma abordagem pluridisciplinar ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar.

Podemos exemplificar isto como: professores que ao executar certos projetos na escola, até falam sobre o mesmo tema e trocam informações uns com os outros sobre o que estão ensinando ou desenvolvendo com os seus aprendentes¹⁵, porém, nenhuma influencia metodológica é exercida de uns para com os outros. Se o tema é “a água”, cada um irá desenvolver os conteúdos relativos à sua disciplina e sob seu olhar metodológico. Cada um desenvolverá ao final seu próprio texto, sem carregar quase nada de outras disciplinas. Também aqui, os valores qualitativos de cooperação, de ligação continuam distantes..

2.3. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade.

Agora seguiremos falando sobre **interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.**

Um dos precursores do movimento de interdisciplinaridade foi Georges Gusdorf, apresentando a UNESCO em 1961 um projeto que tinha como intenção orientar as ciências humanas para a congruência. Propunha a reduzir a distancia que havia (ainda há?) entre as ciências do humano. Outros encontros seguiram-se com diversos e renomados pesquisadores, dando continuidade a discussão e a construção de indicadores para a superação das dicotomias ciência, disciplina e do ser com o Todo.

¹⁵ Usaremos aqui a palavra aprendente tal como traz Fernandez, A. (2001) para designar o sujeito em situação de aprendizagem. Para esta autora relação professor/aluno não depende da postura teórico/metodológico que se adota. Implica apenas na aprendizagem relacionada a conteúdos formais de disciplinas determinadas. A relação educador/educando pauta-se em um nível de aprendizagem segundo os ideais da cultura e moral de um povo. Ambas, relações professor/aluno, educador/ educando ocupam lugares objetivos com um conhecimento também objetivo que é permeado pela relação de ensino/aprendizagem. Porém a relação ensinante/aprendente é uma relação pautada pela transferência que se define partindo de lugares subjetivos e de identificações. As palavras ensinante e aprendente um valor conceitual que não equivale a aluno e professor, porque o ensinante e aprendente indicam um modo subjetivo de situar-se, indica posicionamentos singulares diante do conhecer e do aprender. Diz-se assim, **ora somos ensinantes ora somos aprendentes**, estas situações se alternam no mesmo sujeito, o que não significa necessariamente que seja o sujeito aluno.

Conforme Ivani Fazenda (1998), as primeiras amostras de interdisciplinaridade surgiram na França e na Itália em meados da década de 60, com a reivindicação de um ensino mais sintonizado com as grandes questões de ordem social, política e econômica da época. Disciplinas compartimentadas não dariam conta de resolver tais questões. Sua gestação era nutrida pelo desejo de superar uma educação por migalhas, como nos diz Fazenda (2007), uma educação que acontecia em disciplinas postas em caixinhas que não tinham ligação ou comunicação nenhuma com as outras. Não se comunicavam entre si e quem dirá, com verdade-contexto de cada sujeito. Estas disciplinas-saberes científicos eram limitados, patologizados, como nos diz Japiassú (1976).

Como podemos entender a interdisciplinaridade? Definimos o prefixo inter como o que está entre as disciplinas. A Interdisciplinaridade propõe-se à transferência de métodos de uma disciplina para outra; representa o terceiro nível de interação entre as disciplinas. A existência de um nível hierárquico superior de onde procede a coordenação das ações disciplinares. Dessa forma, dizemos que na interdisciplinaridade há cooperação e diálogo entre as disciplinas do conhecimento, mas nesse caso se trata de uma ação coordenada.

Para Nicolescu

A interdisciplinaridade tem uma ambição diferente daquela da pluridisciplinaridade. Ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. Podemos distinguir três graus de interdisciplinaridade: a) um grau de aplicação. Por exemplo, os métodos da física nuclear transferidos para a medicina levam ao aparecimento de novos tratamentos para o câncer; b) um grau epistemológico. Por exemplo: a transferência de métodos da lógica formal para o campo do direito produz análises interessantes na epistemologia do direito; c) um grau de geração de novas disciplinas. Por exemplo, a transferência dos métodos da matemática para o campo da física gerou a física matemática; os da física de partículas para os fenômenos meteorológicos ou para os da bolsa, a teoria do caos; os da informática para a arte, a arte informática. Como a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade também permanece inscrita na pesquisa disciplinar. (2001, p.50)

Segundo Fazenda (2007), a interdisciplinaridade trata-se de um movimento e não de um modelo. A interdisciplinaridade é um movimento de congruências e confrontos não só de disciplinas, mas, sobretudo de pessoas. É um movimento de harmonização, de desvelamento e de conquistas de sonhos. É a utopia que nos autoriza, nos possibilita, nos instrumentaliza a construir a realidade sonhada. É um caminho de possibilidades do encontro com o *mais dentro*¹⁶, com o que há de mais belo e sagrado de cada um, com o imenso potencial criador de cada sujeito. Este será o conceito de interdisciplinaridade que abarcaremos para este trabalho.

O conceito de interdisciplinaridade foi sendo construído e elucidado ao longo da história.

A interdisciplinaridade é a possibilidade de superação da dicotomia ciência/existência tão proeminente nos séculos XVIII e XIX e ainda hoje, uma vez que, esta dicotomia ainda mostra suas marcas na fragmentação da ciência e da subjetividade humana.

Os saberes multipartidos promulgavam a falência do conhecimento, e do humano, uma vez que estes também adoeciam porque se distanciavam de sua totalidade (se faz diferente esta realidade hoje?).

O professor também adoecia... Sua identidade não lhe pertencia, as verdades propagadas pela ciência, pela fragmentação dos saberes, por caminhos capitalistas, positivistas, cartesianos, endureciam o espírito humano do professor colocavam-no dentro dos moldes científicos, assépticos, imunes a qualquer relação subjetiva para que assim, a ciência pudesse ser transferida, reproduzida sem qualquer contaminação.

Então, o desejo de superação deste capitalismo epistemológico e alienante, que olhava a “verdade” por poucas janelas e nenhuma porta, - condenava e agonizava qualquer possibilidade de ligação com as questões do humano, com sua subjetividade. Contudo, seu encontro entre subjetividade-ciência em um espaço-tempo congruentes com a vida real, foram alimentos e anuncia-se surgir: um caminho de totalidade, de esperança, de renascimento do humano do humano, de sua existência enquanto *ser-sujeito*, um caminho interdisciplinar.

¹⁶ Termo utilizado por Ruy Espírito-Santo em seus muitos escritos, para definir algo que esta dentro de nós, nos recônditos da alma e coração.

2.3.1. Interdisciplinaridade: a maiêutica do si-mesmo.

Enquanto a UNESCO discutia os caminhos epistemológicos da construção da interdisciplinar pelo viés de ligação, de diálogo, de interação entre as disciplinas, das ciências, os teóricos franceses bem como Ivani Fazenda e outros, a discutiam pelos vieses da subjetividade, pelo espaço-encontro intersubjetivo. Era dado o olhar ao humano/mundo, humano no mundo, para a existência humana, para a ligação afetiva entre os sujeitos que interagem para construção dos saberes.

E, interdisciplinaridade faz-se como um espaço de construção é um espaço de abertura, de diálogo, de ligação, de religação, de criação congruente, coerente porque nele habita o ser que o faz.

Religar, unir, comungar, integrar, interagir, são verbos ação, esperança-esperança inter e transdisciplinar.

Digo aqui que a interdisciplinaridade é a maiêutica do si mesmo visto que é integradora da ciência e da alma.. E, para integrar o outro em mim é necessário conhecer o *si mesmo*¹⁷ de mim. Quem sou eu? Esta questão situa o humano em um tempo-espaço que lhe é pouco conhecido: o tempo de ser *si mesmo*, um tempo kairós um tempo de vida porque a morte é a única verdade certa.

E tempo de superar as dicotomias e ver o todo. É tempo de diálogo, dialógico, circular, acolhedor. É tempo de acolher a criança interior para se fazer educador. É tempo de diálogo com o outro, conosco, com o complexo, aprendemos a aprender, aprenderemos a conviver, é tempo de aprendermos a ser..

É tempo de pensarmos o conhecido, mas é mais tempo de conhecermos o que pensamos. Tempo de desbravarmos os mundos internos e inscrevermos nossa singularidade no mundo real, escrevemos nossa marca na história. É tempo de, desvelarmo-nos, redescobrimo-nos como poeira e fragmento cósmico, porém únicos, unidos, complementares, partes da Totalidade.

¹⁷ BRUNER, Jerome. Autobiografia de si mesmo. In: BRUNER, Jerome. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. P. 39-121

A maiêutica de Sócrates que tanto serviu para o homem gestar e parir o conhecimento de mundo, agora servirá para gestar e dar a luz ao *si mesmo*, a procura de nossa verdade interior. Iluminar nosso interior e pelas portas do autoconhecimento fazer emergir nossa identidade que tanto foi fragmentada e obscurecida.

A reflexão inter e transdisciplinar, o autoconhecimento se fazem como possibilidade para a superação da dicotomia objetividade/subjetividade e adiante, estabelecer bases para a construção de uma identidade coletiva, de uma identidade planetária ecossistêmica, tendo em vista a complexidade das relações.

Pela interdisciplinaridade e transdisciplinaridade o ser *si mesmo*, constitui-se enquanto sujeito em totalidade, é característica essencial para o educador poder “habitar” a práxis, habitar as teorias das quais faz uso. Porque, só vivemos onde habitamos e só habitamos onde vivemos. O que não contendo não me contém...

É necessário conectar-se consigo para conectar-se com o todo. O todo de si, o todo do outro, o todo do *todo*. É necessário interligar, é necessário ser inter e transdisciplinar.

Para tanto, também é primor, conhecer-se enquanto sujeito norteado por valores...quiçá humanizadores!

2.4. O Homem, cósmico. O homem eco-sistêmico

Nicolescu (2001), fala-nos que diante dos desafios do século XXI, os quais se forem estudados com imparcialidade e objetividade clínica, incidem como um grande choque para a humanidade. Diante da desmedida explosão demográfica (particularmente nos países desenvolvidos); rigorosa pressão econômica decorrente de elevada qualidade de vida nos países desenvolvidos e em desenvolvimento (por meio da alta tecnologia e baixos salários); desrespeitos às fronteiras nacionais ascendendo cataclismos ecológicos, vê-se como mandatário a *ressurreição de*

Natureza diante de um modelo inter e transdisciplinar, com o Sujeito religando-se ao campo do Sagrado.

Esclarece-nos o autor que, temos uma autodestruição humana formando como sintoma, o dissolver da sociabilidade decorrente da degradação dos laços familiares. Juntamente, temos *máscaras* e personalidades criadas pelo culto da personalidade narcísea. Além de relações baseadas no consumo desenfreado calcado na efetividade que solidificam a confusão entre o interior e o exterior. Destarte, buscam-se novas pontes que traduzindo-se em novos laços sociais o qual se faz necessário como uma *atitude inter e transdisciplinar*.

Com um olhar e atitude inter e transdisciplinar surge a possibilidade de uma integração harmoniosa criando-se diferentes *níveis de compreensão* possibilitando a evolução do homem moderno pelo autoconhecimento. Permite-se com isto, a transcendência tanto interior quanto exterior para o alcance da liberdade ilimitada de forma consciente, amável e tolerante.

Tomamos de suas palavras e de outros autores responsáveis por tão belo "*Tratado da Transdisciplinaridade*" para melhor complementar e clarear nossa argumentação,

Considerando que a proliferação atual das disciplinas acadêmicas conduz a um crescimento exponencial do saber que torna impossível qualquer olhar global do ser humano;

Considerando que somente uma inteligência que se dá conta da dimensão planetária dos conflitos atuais poderá fazer frente à complexidade de nosso mundo e ao desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual de nossa espécie;

Considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnociência triunfante que obedece apenas à lógica assustadora da eficácia pela eficácia;

Considerando que a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas conseqüências sobre o plano individual e social são incalculáveis;

Considerando que o crescimento do saber, sem precedentes na história, aumenta a desigualdade entre seus detentores e os que são desprovidos dele, engendrando assim desigualdades crescentes no seio dos povos e entre as nações do planeta;

Considerando simultaneamente que todos os desafios enunciados possuem sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário do saber pode conduzir a uma mutação comparável à evolução dos humanóides à espécie humana. (UNESCO,1996):

Falar sobre transdisciplinaridade significa falar sobre a articulação das partes, das disciplinas, respeitando as diversidades e a unidade ao mesmo tempo, caminhando para além delas.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. ... Por outro lado, a transdisciplinaridade se interessa pela dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo. (NICOLESCU,1999, p.14)

Ubiratan D'AMBRÓSIO, embasando este assunto afirma:

Está claro que transdisciplinaridade não constitui uma nova filosofia, uma nova ciência metafísica nem uma ciência da ciência. Muito menos uma nova postura religiosa. Nem é, como alguns insistem em mostrá-la, um modismo. O essencial na transdisciplinaridade reside na postura de reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais corretos - ou mais certos ou mais verdadeiros - os diversos complexos de explicações e de convivência com a realidade. A transdisciplinaridade repousa sobre uma atitude aberta, de respeito mútuo e mesmo de humildade com relação a mitos, religiões e sistemas de explicações de conhecimentos, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência. (1997, p. 79).

Falar sobre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade significa ir além: observar o fenômeno a partir de uma compreensão contextual, sistêmica, complexa com sua inseparabilidade, inter-retroações do contexto em que está se estruturando, desestruturando e se realimentando. Significa um olhar que se faz singular e que faz singular um novo pensamento; construído de, e construindo um novo caminho que não se basta mais "ser" fragmento.

(...) propomos uma análise interdisciplinar sistêmica, que não somente contextualiza os fenômenos ocorrentes, mas considera as implicações

mutuas em suas multidimensões, respeitando as diversidades e as e a unidade ao mesmo tempo. Essa análise representa como meta desenvolver observação e síntese dos acontecimentos, a partir de uma compreensão contextual e complexa que respeita a inseparabilidade e as inter-retroações em qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com os contextos nos quais está inserido. (...) Desta forma torna-se possível estabelecer a homeostase do sistema que consiste em manter o equilíbrio do todo atendendo as necessidades das partes. (MUNHOZ, 2002, p. 55)

Falar sobre inter e transdisciplinaridade é conceber e entender este ser humano psicológico, biológico, social e sistêmico em suas inter-relações com sua subjetividade. E, nesta relação e inter-relação este ser se conduz em uma vasta planetária tornam-se autor de um imenso trilhar da vida.

Falar sobre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade é falar sobre valores humanos em um contexto humano, sob um ponto de vista transcendente, significativo e significante, norteador de existência e consciência que se faz presente em um novo tempo, um tempo *kairós*.

(...) esse ser psicológico e social que precisa de um sentido e que não pode ser concebido independentemente de um meio humano, ele é essa criatura biológica cujo organismo obedece as leis da vida e cujas necessidades psicológicas existem independentemente de qualquer solvibilidade.

A criatura assim descrita não é individuo, mas a pessoa, portadora de valores, isto é, de sua própria superação, pois apenas o que transcende pode ter um valor e dar sentido a existência; quando o mais deixa de ser o melhor, aparece o problema do “por quê” ?, Portanto o problema das finalidades; quando se afirma a questão da solidariedade intergerações, aparece a da responsabilidade (o princípio “responsabilidade” de Hans Jonas) e, portanto, também a da ética; quando a repartição se coloca em termos de distributividade, aparece o problema da justiça (Rawls). Nenhuma ciência – e a economia menos do que qualquer outra – pode ter a pretensão de fundar seja lá que sistema de valores.

(...) enquanto que os valores constituem um engajamento da pessoa, numa concepção global do mundo, da vida e do homem. Os valores são a razão ‘pela qual cada um aceita viver e, portanto, morrer. (PASSET *apud* MORIN 2004: 255)

Entretanto, mais do que de uma adição de saberes – no extremo oposto de um “todo que está no todo e reciprocamente” , e de uma reforma do pensamento (para retomar a expressão de Edgar Morin) que se trata: pensar economia como um sistema complexo de relações, ele mesmo em relação com os sistemas complexos de relações que o incluem e que, por isso mesmo, ele também contém em si próprio...impregnar-se do espírito das disciplinas solicitá-las e integrá-las, não esquecendo nunca que o eixo *do questionamento e a economia, e sua finalidade, a pessoa. (ibid; 256)*

Ressignificar valores; dizemos ser inter e transdisciplinar porque se faz através do diálogo e reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual, transcendente, cósmica: do reencontro com o sagrado. Uma educação inter e transdisciplinar pode abrir caminho em direção à educação integral do ser humano. Esta educação integral necessariamente transmitirá a busca de sentido, de valores, de um norte que leve o sujeito a consciência de si mesmo, orientada em direção ao autoconhecimento, à unidade do conhecimento, e à criação de uma nova arte de viver e assim, traz a possibilidade de acordar o Homem para a harmonia entre os seres e as coisas.

Como diz Lacombe (2005), falar sobre transdisciplinaridade é abrir-se para o mundo e conceber o sagrado porque,

O mundo só abre para aquele que se abre para o mundo em toda sua complexidade, que busca compreender aquilo que resiste. Para tal é necessário abrir-se a circulação entre os vários níveis da realidade, o que vai permitir a educação integral do ser humano, um ser humano que se concebe sagrado.(s/d)

Na visão de Nicolescu (1999), a falta, anulação ou violação do sagrado gerou o totalitarismo e a sacralização absoluta do homem. O sagrado é, então, o espaço de encontro entre o movimento de ascendência e de descendência entre informação e consciência através dos níveis de Realidade e de percepção. É a origem dos valores humanos, com liberdade e responsabilidade.

Ressignificar valores significa caminhar por uma educação inter-religiosa e transreligiosa, objetivando o ensino do conhecer e do apreciar a especificidade das tradições religiosas e não-religiosas que nos são estranhas. Para assim, percebermos melhor as estruturas comuns que as fundamentam e chegar a uma visão transreligiosa do mundo. Esse eixo concerne não só aos crentes e aos ateus, como também aos agnósticos. Significa ter uma atitude transreligiosa, referindo-se à presença do sagrado como algo capaz de ligar, unir (*ibid.*,1997)

Falar sobre inter e transdisciplinaridade pode permitir a elaboração [de uma Declaração] dos Valores Humanos: baseado nos direitos inalienáveis e nos valores *interiores* do ser humano para fazer uma sociedade decidida a objetivar a sustentabilidade, (*ibidem, ibid.*) Falar sobre a resignificação de valores intencionando o florescimento do *humano do humano* e de um espírito de paz.

Já não é mais tempo de fragmentar e excluir, é tempo de religar, de conceber o diferente como fios de uma imensa trama integradora, única, singular, complementar e completa desta comunidade planetária, como nos prega Morin (2002).

Pensamos assim, porque são nossos valores que nos significam por inteiro traduzindo-se em uma postura atitudinal de nossa relação com o mundo, diante de si, do outro e de uma nova humanidade que anseia por nascer.

Arriscaríamos dizer que toda aprendizagem é interdisciplinar uma vez que, seja na arte, em nossas relações sociais, políticas, espirituais, estamos continuamente confrontando nosso “eu” interior com nosso “eu” exterior, construído de nossas relações com o contexto, nossos valores. Estamos nos construindo e reconstruindo subjetivamente nas relações intersubjetivas, nas relações intrapessoais e interpessoais em um tempo *chromos* e *kairós*.

Se *o caminho se faz caminhando*, isto é a vida, isto é construir aprendizagens: um imenso jogo de múltiplas interações, circulares, que se realimentam se organizado de se desorganizado multiplamente em um imenso processo criativo. Como nos afirma Moraes em muitos de seus escritos.

(...) trata-se de um processo contínuo de movimentos circulares, criativo que deriva das interações recíprocas entre o sujeito, o conhecimento e o ambiente. Como todo conhecer processa-se numa construção simultânea, interdependente da estrutura daquele que o conhece, há uma retroalimentação do produto, o processo e a ação-reflexão de quem o produz. O fruto dessas interações criação/ criador mobiliza mudanças no criador e no mundo, promovendo alterações nas formas de pensar e agir no ser que aprende, bem como gera novos conhecimentos. (MUNHOZ, 2002, p. 57)

Este *ser-mundo, ser no mundo* se faz sujeito único, impar em sua singularidade e história de vida em busca do equilíbrio, de sua auto-organização

interior, se produzindo e produzindo conhecimentos frutos desta relação interdisciplinar de saberes e conhecimentos que se integram nas múltiplas dimensões deste sujeito humano.

Para endossar nossas palavras, tomamos o pensamento desta autora,

Definimos o aprendizado como um processo que se realiza a partir de determinados estados e estruturas cognitivo-afetivas, que em contato com o meio exterior, se modificam transformando-se em outros estados superiores num constante intercâmbio dialético entre quem aprende e esse meio: as pessoas, o entorno físico e sociocultural. Esse processo é inacabável se as condições pessoais e as do meio assim o permitem. O aprendizado se caracteriza por seus avanços, retrocessos, estados de equilíbrio e desequilíbrio que se desenvolvem de modo contínuo, no qual cada uma das estruturas obtidas integra e superior num equilíbrio de maior nível: poderia representar-se como espiral. (*ibid*, pp. 173, 174)

Neste processo de aprender; sobre a transdisciplinaridade e valores humanos, propomo-nos a construir pontes entre a objetividade e a subjetividade, entre a ciência e a consciência, entre a efetividade e a afetividade do ser físico e quântico na compreensão do ser que aprende e no significado dessa aprendizagem para a sua humanização.

Podemos dizer que tudo é físico e tudo é humano porque não existe ciência que não seja criada pelo ser humano bem como não existe ciência que possa descontextualizar-se deste mundo físico (enquanto energia). Construimos ciências humanas constituídas e contextualizadas em/na história humana numa sociedade de seres humanos. Mas, *“Não será possível, certamente, criar uma ciência unitária do homem, pois assim se plasmariam numa visão reducionista as multiplicidades complexas do que é o humano”*. (*ibidem*, p 57)

Este caminho da inter e trans encontrei através da Psicopedagogia que um campo de conhecimento científico no qual temos a diversidade como norma. Assim disse-se porque, os caminhos que desbrava, atravessa vários saberes/

conhecimentos para conceber em seu objeto de estudo - o sujeito em situação de aprendizagem, o sujeito aprendente - a autoria de pensamento: Um ser que *vive, ama e proclama sua liberdade de ser, estar e viver no eterno presente, no eterno agora.*(ALVES, 2006)

A Psicopedagogia define-se como inter e transdisciplinar porque interage e enriquece-se com os conhecimentos de outras disciplinas, rompe as fronteiras das disciplinas geradoras para encontrar na singularidade de seu “olhar” psicopedagógico - um olhar que vê o que não está e ouve o que não se fala (os interditos) - meios para suscitar, desvelar recursos e discursos deste sujeito que se faz aprendente. Como uma ciência que se propõe a utilizar os quatro arcos do conhecimento; sobre a disciplinaridade, porque se compõe como uma disciplina no quadro científico atual; sobre a pluridisciplinaridade, quando contribui, como mais uma disciplina, para o estudo da aprendizagem; sobre a interdisciplinaridade, porque se propõe a unir conhecimentos de várias disciplinas para compreender o processo de aprender; sobre a transdisciplinaridade, bem como se alvitra a construir pontes entre a objetividade e a subjetividade, entre a ciência e a consciência, entre a afetividade e o que é essencial na compreensão do ser que aprende e no significa esta aprendizagem para consciência de sua *humanidade*, de sua amorosidade que religa-nos ao cosmos...

A educação e o mundo passam por severas mudanças, quebras de paradigmas. Chegamos ao tempo de reestruturação e reconstrução de novos mundos. Mundos internos que foram esquecidos e fragmentados. Mundos externos que foram olhados aos pedaços passam por uma mudança radical: é tempo de reencontro de reestruturação. É tempo de olhar a diversidade como complementar, como integrante e característica ímpar de nossa identidade. Nada é igual. O ser homogêneo já não é mais integrante deste olhar que se fazia ao ser humano. Hoje, pensar em homogeneidade é tornar excluído, é pensar o “ser” não como humano, mas como máquina que repete e aciona os programas nela depositados..

O ser humano, desde o seu código genético, tem como característica a singularidade. Seguidamente nosso convívio social, cultural, nossas experiências e

interações, nos fazem, nos outorgam, ainda mais estas diferenças, nos tornado únicos, irreptíveis.

(...) consideramos o aprender e o ensinar como ações que perpassam por muitas questões de ordem objetiva e subjetiva que se articulam com o significado do que se quer conhecer, conectado aos vínculos internos e externos na relação com o conhecimento, e a Psicopedagogia como área de estudo que se encontra entre os espaços existentes nessas relações, dando sentido as interações dessa rede complexa, pois o indivíduo não aprende sozinho e como consequência, os ensinantes - a família e a escola- aprendem juntas. Por sua vez, o conhecimento não é único e finito, ele se amplia, se modifica em suas interações familiares e socioculturais. (MUNHOZ, 2002, p. 186).

No diálogo com o outro, conosco, com o complexo, aprendemos a aprender. Pensamos o conhecido e conhecemos o que pensamos. Descobrimo-nos, orientamo-nos por nossos valores, desbravamos novos mundos. Inscrevemos nossa marca na história, redescobrimo-nos como poeira e fragmento cósmico. Singulares, únicos, mas complementares, filhos do cosmos, fios da *teia da vida*.

2.5. Metáfora multi, pluri, inter e transdisciplinaridade

Imagino a **multidisciplinaridade** como um sacolão no qual todas as frutas estão lá separadas em suas caixinhas. A **pluridisciplinaridade** como uma fruteira onde as frutas estão em um mesmo espaço, até misturam-se um pouco seus cheirinhos gostosos, mas continuam com sua constituição intacta.

Agora, na interdisciplinaridade- minha salada de frutas - há a troca. Todos os sabores e cheirinhos maravilhosos interagem. O resultado final é esta coisa maravilhosa com o sabor e cheirinho indescritível.

E, a **transdisciplinaridade** é minha vitamina de frutas em que tudo difere da forma primeira. A mistura de todos os ingredientes transformou-se em um líquido nutridor que transcende as formas de frutas ou pedacinhos delas com açúcar... é algo mais, além junção de todos os ingredientes...ou seja,

Leio, conto, reconto, significo, ressignifico em meus pensamentos, em meu corpo, em minha alma, cada pensamento, cada gesto, cada ação, cada emoção.

Então, o texto disciplina inclui-se no contexto ou o contexto inclui-se no meu texto tornando-se interdisciplinar porque dentro de mim varias luzes-autores cogitam-se: são meus pensamentos... Saboreio minha salada de frutas e meu objeto de pesquisa interage nas diversas frutas-disciplinas que também interagem entre si, doam sabores, odores e cores...

Adiante, todo este sabor-saber, conflito, nutrição, incorpora-se em mim e já não são mais disciplinas-frutas- objeto-açucar e sim um todo nutridor em mim. Meu liquidificador mental tornou todas as disciplinas-frutas e objeto-açucar em um *todo* em mim. Um *todo* nutridor, que já não é mais nem fórmula, nem química inicial. Transformaram-se em algo mais. Muito mais que a soma das partes. Tornou-se um potencial energético desconhecido, mas existente na realidade que lhe dou, na realidade que *sou*. Na realidade cósmica. Então, torno-me Eu, autora de mim mesma.

Torno-me *eu* porque vivo cada momento com o êxtase de vida com muita alegria e o máximo de sabedoria que é a mim possível. Vivo o eterno presente dando-me a vida de presente. Nutro-me com saberes cheio de sabores-cores-odores: nutro-me de vida e alegria. Sei que nada sei, mas vivo a utopia da busca da sabedoria. Torno-me inédita a cada pensamento e respiração. Sou Dolores: a vida em ação!

2.6. Construção de novos Cenários de Aprendizagem

Novos cenários de aprendizagem anunciam-se. E, para florescência destes novos cenários, que se fizeram emergentes devido ao crescimento, evolução da ciência e humanidade, ocorreu e ocorre a cada passo, a quebra de paradigmas. Nascem novas configurações do humano, da construção da aprendizagem, anuncia-se uma Ética da vida.

2.6.1. Entre a Ciência e a Consciência.

Medo ou arremedo. O medo do medo. A ciência toma consciência de sua fragilidade.

Maria Cândida Moraes, Ivani Fazenda, Humberto Maturana, Carlos Brandão, Edgar Morin, entre muitos outros renomados cientistas conscientes da necessidade de novos palcos, novos sonhos, nova vida. Ascendem, acordam a cor da vida por uma ciência consciente, congruente, complexificadora e integradora dos sonhos do humano no palco da vida.

Este é o momento do nascimento e encontro entre sensibilidade, amorosidade, integração, transcendência e Ciência. Uma ciência com consciência na qual nasce e floresce, ascende transcende o ser para além do Ser. Uma ciência da inclusão da subjetividade e alteridade. O encontro do saber que também está dentro de mim.

Uma ciência em que as verdades são construções flexíveis e integradoras, são possibilidades, são potencialidades de um tempo, momento, ação. São sempre saberes em construção. Uma construção interior que reflete no exterior... ilumina...

E, conjugar estes verbos incluir, ligar, interligar surgem como uma necessidade para atuarmos criticamente sobre estes novos saberes que estamos construindo, refletindo, gerindo.

Saberes prudentes que se tornaram emergentes para a religação, para a consciência da condição humana como seres ecossistêmicos com nossas múltiplas dimensões.. (MORAES, 2004)

Uma ciência que se põe a reflexividade sobre os valores que mantêm estes novos saberes transportando nossos olhares em diversas perspectivas que visem o respeito a nossa inteireza humana.

2.6.2. Entre a efetividade e a afetividade.

Medo de amar, medo de afeto, medo de tocar. As emoções por muito tempo foram vedadas. Homem não chorava, mulher não amava (não fazia amor). Professores eram donos (ou reprodutores?) do saber e totalmente destituídos de emoção. O que importava era a razão do ato de ensinar. Os métodos, as técnicas, tinham valor e as contingências deveriam ser eliminadas o máximo possível. A subjetividade era eliminada, não tinha implicação no processo de ensino-aprendizagem. A afetividade era sacrificada em nome da efetividade. Vencer e vencer a qualquer custo. Mesmo que custe vida, lágrimas ou mesmo rompimentos com pessoas que amamos. Mesmo que, robotizassem seres e congelassem almas e sonhos. Destituiu-se o homem de sua humanidade em troca da dominação e efetividade.

Dominar a natureza fazendo dela objeto muitas vezes de ganância. Embalsamavam-se animais pelo prazer da dominação, do ter, do poder. Eu quero, eu possuo, eu tenho... a natureza era destituída de alma. Submetê-la em prol do prazer e do poder era o que importava. Conforme Jaqueline Kelen (*apud.* RANDOM, 2000) os valores éticos e os valores humanos se esfumaçam num vapor virtual, o dinheiro não tem o odor, os jovens já não encontram mais sentido, buscam-no na virtualidade ou na marginalidade do viver. Até mesmo o futuro próximo do planeta não é preocupação dos poderosos. O valor está no lucro imediato.

Muito se conquistou, porém muito se aniquilou. Não há mais volta. Coisas que deixamos para traz não voltam mais. Animais se extinguiram, matas se destruíram, o planeta despiram... A terra chora... A Terra chora... o homem chora...pelo pão que demora...

Acordamos (acordamos?) e percebeu-se que manutenção da vida humana na terra depende da cooperação de todos os seres, da não-fragmentação e da não-dominação. Digamos sim à cooperação (MATURANA, 1995). Passamos a entender que eu preciso de você! O planeta precisa de você... e todos precisamos do planeta!

Os valores mudaram (desejamos mudá-los!!). O homem compreende que compreender é o caminho para sobreviver. Vivemos em um sistema social, mundial,

planetário. Vivemos em um ecossistema. Respiro o ar que tu respiras. Plantas, plantas, colhes, nutrimo-nos do pão que a terra dá. Mas, esquecemos da nutrição da vida da VIDA, que é o ato de amar e compartilhar!

Que sociedade se quer? Que mundo se quer? Que valores se quer? O que mais importa: a objetividade, o ter e o poder ou a subjetividade e amorosidade de ser?

Recordemos Sócrates "conheça-te a ti mesmo". Recordemos Jesus "ama a teu próximo como a ti mesmo". Como reconhecer o outro se não me reconheço, se não conheço a mim mesmo? Como amar o próximo se não amo a mim mesmo?

Na história buscaremos compreender o mundo interno que tentamos fazer... (ou fizemos...?) Estas são algumas indagações de muitas, que nos pomos.

2.6.3. Entre a objetividade e a subjetividade: os valores como norteadores.

Acordamos e percebemos que a sociedade exige um comportamento digno de todos que participam dela, porque cada pessoa se converte a um promotor de Valores, pela maneira em que vive e se conduz. Do ponto de vista sócio-educativo, os valores são considerados referentes, pautas de abstração que orientam o comportamento humano através da transformação social e da realização da pessoa. Assim, os valores são guias que vão determinar a orientação e conduta da vida de cada indivíduo e de cada grupo social.

O acesso ao verdadeiro conhecimento requer uma alquimia interior. O mesmo acontece com o amor que é uma dinâmica afetiva e espiritual do masculino e do feminino. O amor ainda é o nosso último refúgio, o amor da beleza, da criação, da natureza, o amor do amor de qualquer tipo. Mas qual o sentido pode ter o amor quando as relações sociais se desumanizam, em particular nas cidades, onde cada um pode ficar em casa em seu mundo virtual? (KELEN *apud* RANDOM 2000, p. 191)

Os valores humanos foram se constituindo como um modo de estabelecer e preservar vínculos afetivos entre os seres da mesma espécie. Os valores interiorizados por cada ser, mesmo inconscientemente, tornam-se norteadores nas relações para consigo, com o outro e com o seu destino.

Falar de valores humanos, como dissemos, significa conceber o homem como o supremo valor entre todas as coisas e que não supera a nenhum outro valor terreno, dinheiro, estado ou ideologia, (ALVES, 2006)

Considerar a subjetividade, ter consciência dos princípios e valores que nos regem é condição essencial na formação e na constituição da subjetividade e da objetividade do homem que está a caminhos da pós-modernidade.

Segundo Souza-Neto (2002), o processo de formação do sujeito circunscreve-se na articulação entre objetividade e subjetividade. A dinâmica de subjetivação encontra eco na objetivação fazendo com que o sujeito se construa por meio das relações dos homens entre si e da natureza se concretizando como práxis.

Para Bossa (2002), a modernidade delineou a subjetividade no percurso da busca da verdade e o pensamento contemporâneo abandonou a problemática e retorna seu olhar para o sujeito, para a própria subjetividade.

Segundo a autora citada, enquanto para Descartes a subjetividade humana é dada sob um arcabouço asséptico do sujeito do conhecimento, para Rousseau a subjetividade é dada pela noção de um romantismo *avant la lettre*. Uma vez que, para Rousseau, somente o sentimento e a fantasia são capazes de perceber as dimensões da realidade que escapam à razão.

Em Ghiraldelli (1996), o sujeito rousseauiano não é puro sujeito do conhecimento, mas uma pessoa, uma consciência moral. E, nutrido nesta consciência moral, Rousseau reclama a subjetividade na qual se assenta a verdade.

Além disso, Bossa (2002) comunica-nos que entre os românticos se destacam Fichte com um primeiro pensamento filosófico ao afirmar a existência da *coisa em si*, ou seja, a realidade existe independente do pensamento. E, um segundo pensamento idealista, considerando o "eu" como a realidade última, a causa das idéias; as coisas só existem enquanto pensadas. Por sua vez, para Schelling o princípio supremo da filosofia é o *eu* puro e absoluto, o qual não é

condicionado pelos objetos, mas posto em liberdade. Já Hegel, via a razão como produto racional da própria razão, dada pelo produto histórico, de sua transformação e de seus conteúdos. Não há uma razão exclusivamente objetiva, nem exclusivamente subjetiva, mas uma unidade do objetivo e do subjetivo.

Em Marx e Nietzsche à questão da subjetividade se dá cronologicamente. Marx põe a ideologia entre a consciência e o mundo; Nietzsche vê a questão da unidade da consciência tomada não mais como solução e sim como problema. A subjetividade moderna traz sua identificação com um indivíduo, enquanto eu psicológico, referindo-se a uma instância superior: a personalidade, o sujeito do conhecimento ou a consciência moral. Na contemporaneidade, a preocupação se dá em criticar a realidade dessa unidade denominada subjetividade.

Adorno, citado em Bossa (2002), nos traz que

a subjetividade é pensada sob o prisma de uma análise social em que o indivíduo autônomo, isto é, o indivíduo enquanto sujeito dos seus pensamentos e atos - próprio da modernidade liberal - está extinto na sociedade atual.(p.37).

Já Foucault,

(...) via o sujeito como uma exigência do discurso, ou como resultado momentâneo de dispositivos disciplinares, ou, ainda, como produto de práticas de controle. (...) Desconsidera qualquer instância unitária na qual a subjetividade possa ganhar perenidade. (*apud.* BOSSA, 2002, pp.38,39).

O século XX determinou uma educação onde professores e alunos eram destituídos de sua subjetividade e autoria de pensamento. A afirmação do autor parte da colocação de que a subjetividade do sujeito está situada entre a realidade (o objeto) e o conhecimento - centrando na epistemologia, Guiraldelli, (1988).

Para Guiraldelli (1996) na antiguidade a verdade era algo que se desenrolava, enquanto na modernidade esta verdade é tomada como certeza. Sendo assim, esta verdade depende da instância subjetiva para os modernos. Descartes, no século XVII, apresentava a subjetividade articulada à noção de *sujeito do conhecimento*. No prenúncio do século XIX o filósofo Rousseau faz a relação da subjetividade como a noção de pessoa, de consciência moral. Nesse trabalho de busca da verdade (certeza), alcança-se a subjetividade, tanto para cartesianos quanto para os rousseauianos.

Adorno, em Ghiraldelli (1996) fala que a noção de sujeito autônomo, que é o núcleo da subjetividade moderna, faz a articulação com o horizonte social liberal. Porém este sujeito encontra-se com um ideal de subjetividade que não se pode realizar uma vez que se vê diante do controle impessoal da sociedade na qual vive. Este é um sujeito que não existe em si, embora continuem existindo para si, porque vive em um mundo no qual a autonomia é impossível.

A filosofia social adorniana, conforme o autor, afirma que as instâncias de produção da subjetividade moderna não encontram substitutos na contemporaneidade. Deste modo, cria-se uma nova situação na qual o destino da criança é tornar-se um adulto infantilóide, porque, na infância, ela não encontrou confrontos com as contradições imprescindíveis ao ajustamento de sua personalidade individual. "*Poder-se-ia dizer, nesse sentido, que no mundo contemporâneo a infância desaparece, isto é, ela não acontece, e, assim, tão pouco é possível uma subjetividade calcada na noção de autoria e de responsabilidade.*" (GHIRALDELLI, 1996, p. 36).

Souza-Neto (1993) apresenta-nos a seguir, a subjetividade em um percurso histórica a luz de vários filósofos.

Por volta do séc. XVI o homem passa a ser concebido não mais como um produto da vontade dos deuses e sim como um sujeito de sua história.

O homem shakesperiano é visto como a materialização da objetividade e da subjetividade, capaz de aprender e vivenciar o mundo, pois conhece o bem e o mal, torna-se responsável por suas decisões.

No olhar de Maquiavel o homem cria formas de satisfação de seus carecimentos e para Marx, os carecimentos humanos impulsionam o eu a capacidade de relacionar-se com seus semelhantes possibilitando suas descobertas.

O homem era visto como um ser particular e genérico na visão renascentista, ou seja, existe como ser alienado, mas não totalmente.

A subjetividade no séc. XIX é expressão de um determinado período histórico, porém não totalmente, visto que o homem não tem responsabilidade por suas ações, não podendo ser sujeito e fazer sua história.

A partir do renascimento desvinculam-se objetividade e subjetividade nas formas de explicitação do sujeito.

O existencialismo contribui para a valorização da subjetividade em alguns pontos, mas perde esse referencial ao tornar-se prisioneiro de uma leitura que conduz a um tipo de idealismo desligando-se da processualidade das relações sociais.

Para Descartes o sujeito é reduzido a razão instrumental no qual ao rejeitar subjetividade, omite igualmente a subjetividade.

Em Kierkegaard enfatiza-se a subjetividade como forma de explicação e de construção de mundo, o *eu* se orienta pela interioridade, pelo espírito e pelo próprio eu numa relação consigo e com tudo que lhe é alheio. O homem vive segundo sua escolha e deve buscar sentido para sua existência.

Adiante, Winnicott (1994) nos fala que a vivência do sujeito se faz na interação entre subjetividade e objetividade em que a realidade interna e externa se compõe na experiência do viver.

Guatari (*apud* SOUZA-NETO, 1993) diz que a subjetividade é resultante de um complexo de componentes, como território, história, família, ambiente, os segmentos sociais entre outros.

Fala-nos Souza-Neto (1993), que a subjetividade coletiva não é a somatória das subjetividades individuais. Na história tem-se demonstrado que em cada época

gera-se um tipo de subjetividade que está circunscrita num contexto estabelecido. O sujeito sempre pode mudar sua situação dependendo de como ocorre a interação entre subjetividade e objetividade.

A subjetividade é a capacidade que temos de dar **sentido** e valor as coisas, não por sua utilidade, mas **pelo** seu **sentido**. A essência do homem não está na exterioridade como utilidade, move-se no interior, onde estão alocados a esperança e os sonhos. Dizemos assim, que é preciso que se impregne o cotidiano com os valores que sedimentam a ética da alegria. O sujeito, portanto forma-se por meio de um movimento complexo, na interação entre subjetividade e objetividade. E, este sujeito transforma a sociedade e por ela é transformado, num processo constituído por milhares de ações que vão dos sujeitos as estruturas econômicas e sociais, e vice-versa. São estes sujeitos que transformam as situações desfavoráveis em favoráveis, que concebem escolhas e elaboram táticas para realizar seus sonhos. O humano encontra sua mais alta expressão na capacidade de amar e de ser solidário, de responder as exigências e necessidades pessoais e dos outros Souza-Neto (*ibid*). "*Na ética da vida, constituída pelo encontro e pulsão mutua de dois corpos, subjetividade e objetividade devem buscar e encontrar o caminho da alegria, para que os homens sejam felizes a cada dia.*" (SOUZA-NETO, 1993, p.131).

Percorrendo os caminhos da subjetividade a objetividade norteando-se por valores nobres, o homem se autoriza a construir e conduzir sua própria vida transcendendo-se além dos fragmentos de si mesmo para encontrar em sua essência os sentidos que o conduza a sua identidade humana.

O homem que era visto apenas como um ser físico, como uma verdade como um *ser que ai está*, de repente, não mais que de repente, descobre-se como apenas uma possibilidade, como um imenso aglomerado de moléculas de carbono mas, com infinitas potencialidades... tornou-se um imenso potencial energético!

2.6.4. Do ser físico ao quântico

A soma de conhecimentos sobre o Universo e os sistemas naturais, acumulados durante o século XX , ultrapassa em muito aquilo que pôde ser conhecido durante todos os outros séculos reunidos. Como se explica que quanto mais sabemos do que somos feitos , menos

compreendemos quem somos? Como se explica que a proliferação acelerada das disciplinas torne cada vez mais ilusória toda unidade de conhecimento? Como se explica que quanto mais conhecemos o Universo exterior, mais o sentido de nossa vida e de nossa morte seja deixado de lado como insignificante e até absurdo?(NICOLESCU, 1999, p.14)

Aqui percorreremos os caminhos do ser físico ao ser quântico, do homem fragmento, mecânico, cartesiano, do *individuo* que foi dividido fragmentado, desconectado de seu contexto e de sua realidade¹ cósmica para um ser *individuo*, que não pode ser dividido, para o ser quântico, multidimensional, orientado em direção ao conhecimento de si mesmo, à unidade do conhecimento, e à criação de uma nova arte de viver e assim, acordar-se o Homem para a harmonia entre os seres e as coisas.

Segundo Moraes (2005), buscamos um novo modelo educacional no qual o ser humano possa ser compreendido em suas multi dimensões como um ser indivisível, com diferentes estilos de aprendizagem e distintas formas de resolver problemas. Para tal, deseja-se um novo paradigma que reconheça a interdependência que existe entre os processos de pensamento e de construção de conhecimento bem como o ambiente geral. Paradigma este que colabore para resgatar a visão do contexto não separando o indivíduo do mundo em que vive e de seus relacionamentos, mas que promove-nos como seres interdependentes na qual a vida humana está entrelaçada com o mundo natural.

Neste novo percurso da pós-modernidade, pesquisas de novos cientistas como Planck, Capra, Prigóine, Maturana e outros tomamos consciência que nossos corpos têm ao mesmo tempo uma estrutura macro física e uma estrutura quântica.

Na física quântica, o formalismo matemático é inseparável da experiência. A física quântica nos fez descobrir que a abstração não é um simples intermediário entre nós e a Natureza. Ele resiste, ao seu modo, tanto por ser vigiada pela auto-consistência interna como por seu comprometimento de integrar os dados experimentais, sem aniquilar esta auto-consistência, Nicolescu (1999).

Propomos aqui um enfoque com um novo sistema ético respaldado por novos valores, nas percepções e nas variações que levam a um novo diálogo do homem consigo, com a sociedade e natureza.

Desejamos um novo paradigma educacional que deixe de ver o conhecimento como uma fragmentação e estático e sim, o reconheça como um processo em construção. Aspiramos uma educação voltada para a humanização, a instrumentalização e a transcendência, Moraes (2005).

Vem também responder a esta necessidade a Psicopedagogia sob uma ótica transdisciplinar, uma vez que, leva em consideração as diversas dimensões do fenômeno educativo, seus aspectos físico, biológico, mental, psicológico, cultural e social.

Se estamos preocupados em formar indivíduos autônomos, criativos, críticos, cooperativos, solidários e fraterno, mais integrados e harmoniosas, capazes de explorar o universo de suas construções intelectuais, teremos que optar por um novo tipo de paradigma educacional diferente dos modelos convencionais atuais e que, por sua vez, foram influenciados por determinadas correntes psicológicas e filosóficas ancoradas num determinado paradigma adotado pela ciência. (...) para o desenvolvimento de um trabalho cooperativo, além de uma série de outros valores que necessitam ser resgatados nos novos ambientes de aprendizagem. (MORAES, 2005, p.20)

A física quântica mostra-nos que,

Qualquer evento, objeto ou entidade indescritível e a uma abstração de uma totalidade desconhecida e indefinível em movimento fluente, cuja base, em última instância, deve ser vista como totalidade desconhecida de um fluxo universal. O efetivo estado natural das coisas e a totalidade e ininterrupta do universo, antes da divisão o análise em partes independentes. (MORAES, 2005, p.22)

Através do olhar da física quântica podemos perceber que o ambiente e o pensamento possuem ações interdependentes uma vez que, tudo que está num ambiente flui para dentro do sujeito por meio da percepção humana captada pelos órgãos dos sentidos. Este olhar vem contribuir para a formação do pensamento, mostrando a existência de interações entre ambos, o que ajuda a resgatar a visão de contexto como condição fundamental para a sobrevivência da humanidade, que a ciência clássica, cada vez mais especializada, compartimentada, deixou de promover. (*ibid.*)

Portanto, torna-se claro que educação deva promover o respeito às diferenças, a diversidade entre os diferentes seres, às diferenças culturais e aos diferentes processos de desenvolvimento humano.

Conforme a autora (*ibidem*), pela visão mecânica, os indivíduos humanos foram separados de seus relacionamentos, emoções e do contexto no qual estão inseridos, provocando um forte prevaletimento do egocentrismo humano. Além disso, temos como consequência desse paradigma, uma educação problemática originária da visão cartesiana de mundo, de um sistema de valores que lhe foi subjacente e de correntes psicológicas que influenciaram e ainda influenciam a educação da atualidade. Ainda, esta visão fragmentária de pensamento permeado por diferenças, distinções e separações, conduz a uma visão de mundo desconectada, bem como, produz uma ignorância do como ocorrem o processo de construção do conhecimento.

A ciência moderna fundamentada nos princípios cartesianos nasceu de uma ruptura brutal em relação à antiga visão de mundo da idade média na qual havia a existência do sagrado. *O universo foi subitamente dessacralizado e sua transcendência jogada nas trevas do irracional e da superstição. A Natureza oferecia-se ao homem comum uma amante, para ser penetrada em suas profundezas, dominada, conquistada.* (NICOLESCU,1999. .p. 20)

Ainda, segundo este autor, esta visão estava fundamentada numa idéia, surpreendente e revolucionária para a época, de uma separação entre o indivíduo conhecedor e a Realidade (científica), tida como completamente *independente* do indivíduo que a observa. Mas, ao mesmo tempo, a ciência moderna estabeleceu três postulados fundamentais, que prolongam, a um grau supremo, no plano da ação, a busca de leis e da ordem.

O Pensamento e os fenômenos na física clássica estão fundamentados e são olhados pelo ângulo da *continuidade*, de acordo com a evidência fornecida pelos órgãos dos sentidos: não se pode passar de um ponto a outro do espaço e do tempo sem passar por todos os pontos intermediários, de acordo com a teoria newtoniana. As leis da física clássica são leis deterministas.

Pela primeira vez em sua história, o ser humano pode modificar o patrimônio genético de nossa espécie. Na falta de uma visão do mundo, deixar o barco correr e equivale a uma autodestruição biológica potencial. Não avançamos nem um milímetro no que diz respeito às grandes questões metafísicas, mas nos permitimos intervir nas entranhas de nosso ser biológico. (NICOLESCU, 1999. p. 15)

Nesta *visão fragmento*, o ser humano torna-se objeto: objeto da exploração do homem pelo homem, objeto de experiências de ideologias que se anunciam que científicas, objeto de estudos científicos para ser dissecado, formalizado e manipulado. *A destruição potencial de nossa espécie tem uma tripla dimensão: material, biologia e material*, Nicolescu (*ibid*, p. 14), que está fundamentada em nossos valores, nos valores que rege, o nosso fazer, ser e viver.

Apresenta-se na visão quântica¹⁸, a esperança...de um novo olhar integrador, fruto de uma ciência consciente, a concepção da interdependência de todos os seres, sob a premissa de que as nossas vidas estão entrelaçadas com o mundo natural. Daí, temos também a idéia de que do conhecimento decorrem aspectos inseparáveis e simultâneas que a envolvem: os aspectos físico, biológico, mental, psicológico, cultural e social.

Torna-se evidente a interconexão, inter-relação e interdependência essencial entre todos os fenômenos da natureza ou que nos mostra mais uma vez a necessidade da formação de novos conceitos na concepção desta realidade, a formulação de conceitos e modelos interligados. Um novo enfoque pedagógico sobre o olhar da física quântica implica na "*construção de uma teoria no qual haja a participação do sujeito na construção do conhecimento, compreendendo-o como algo que está sempre em processo de construção, uma abstração de um fluxo total e único*, (MORAES, 2003, p.23)

É preciso que demos este salto quântico, criativo, assim poderemos compreender e vivenciar, coletivamente, a sinergia presente nos laços cooperativos, solidários e enredados. Para que conquistemos este objetivo é imprescindível estarmos continuamente abertos às novas participações, relações, emergências,

¹⁸ ¹⁸ Entendendo por Realidade, em primeiro lugar, aquilo que *resiste* às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formaliza ações matemáticas. (NICOLESCU, 1999.p.28)

¹⁸ O "quantum" de Planck, que cedeu seu nome a mecânica quântica, é a entrada da descontinuidade no campo da física, que vem revolucionar toda a física e mudar profundamente nossa visão de mundo. (NICOLESCU, 1999)

pensando sempre na possibilidade de reconstrução e transformação de sua realidade (MORAES e TORRE, 2008)

CAPÍTULO III

O MÉTODO: O CAMINHO QUE SE CONSTRÓI CAMINHANDO

A educação deve ampliar o coração e expandir o amor das pessoas. A educação não termina com o tomar posse do significado das palavras. Educação significa purificar os instrumentos internos da consciência, da mente, do ego, dos sentidos e da razão. Não é a cabeça que deve ser preenchida com a educação. É o coração que tem de ser limpo, expandido e iluminado.

(Sai Baba)

3.1. Como estamos e o que levamos.

Como disse no início, o método, o caminho que se faz ao caminhar, se articula com minha trajetória de vida, com minha subjetividade, com a intersubjetividade dos participantes, assim construímos novos caminhos-verdades-provisórias numa dinâmica recursiva, integradora de respeito-reverência e amorosidade cósmica. Construímos caminhos, ressignificamos valores, cada vez mais tornamo-nos conscientes da inteireza humana e de nossa responsabilidade como agentes na construção de uma cultura da paz, sustentabilidade, não-violência, solidariedade e respeito a todas as formas de vida.

A estratégia de **observação participativa** encontra respaldo para minha presença como integrante da ecologia cognitiva, emocional e energética no ambiente pesquisado, uma vez que, a minha participação, mesmo aparentemente passiva, influencia os fluxos nutridores e energéticos desta realidade eco-sistêmica. Ainda mais, pelo fato de eu ter uma realidade absolutamente singular, enquanto portadora de deficiência física, trabalhadora e pesquisadora.

Entre os integrantes, a dinâmica é relacional, indeterminada, não-linear, difusa e imprevisível. Uma realidade multidimensional, constituída de diferentes níveis, o macrofísico, o microfísico, possuidora de uma natureza complexa e também, transdisciplinar. Dizemos transdisciplinar porque a complexidade deste curso-espaco-relacional é responsável pela tessitura apresentada, que integra e permeia os diferentes níveis de realidade.

A escolha da **pesquisa qualitativa** fundamentada no olhar Transdisciplinar sustenta-se porque a realidade em que se dá no decorrer do curso é a tessitura de diferentes fluxos nutridores da vida e de seus processos relacionais, interdependentes e auto-organizadores, (MORAES, 2004).

Nesta pesquisa, há um cuidado com o processo em si e não somente com o produto. Para tanto, torna-se essencial a minha interação como pesquisadora e o grupo pesquisado, proporcionando espaço, onde nós, pessoas falemos por si mesmas, desvelando nossa realidade, interagindo-nos e ensinando-nos mutuamente.

Comenta González Rey (2005) que a pesquisa qualitativa emerge como um elemento para romper com o ponto de vista estreito e opressivo do positivismo.

A epistemologia qualitativa (...) é precisamente o ato de compreender a pesquisa, nas ciências antropológicas, como um processo de comunicação, um processo dialógico que, característica essa particular das ciências antropológicas, já que o homem, permanentemente, se comunica nós diversos espaços sociais em que vive. (*ibid*, p. 13)

Quando afirmamos que nosso conhecimento linear tem caráter construtivo e interpretativo, estamos tentando manter a ilusão de validade ou a legitimidade de um conhecimento por sua correlação unidimensional com uma realidade.

Esta talvez seja uma construção simplificada a respeito da realidade, ao fragmentá-la unicamente em variações suscetíveis de procedimentos estatísticos de experimentais de verificação para produzir formas de sentido sobre o problema estudado. Este processo de pesquisa linear pode acabar por fim, afastando-se da organização complexa da realidade estudada. (González Rey, 2005).

Segundo este autor,

A produção teórica na pesquisa faz o pesquisador comprometer-se de forma permanente, implicando sua reflexão constante sobre as informações em que aparecem nesse processo. O pesquisador como sujeito não se expressa somente no campo cognitivo, sua produção intelectual. É inseparável do processo de sentido subjetivo marcado por sua história,

crenças, representação enfim, valores e todos aqueles aspectos em que se expressa sua constituição subjetiva (2005, p. 36)

Assim sendo, a recuperação da teoria não se faz uma abstração, ela passa pela recuperação do pesquisador como sujeito. E, sabemos que um dos elementos definidores de nossa condição de sujeito e a reflexão, isto é, nossa capacidade de produção intelectual permanente no curso da vida, nesse caso, no processo de pesquisa.

Conforme González Rey, (*ibid*) A pesquisa qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que nos apresenta.

A realidade Transdisciplinar é um domínio infinito de campos e inter-relacionados independente de nossas práticas. Contudo, ao nos aproximarmos do complexo sistema por meio de nossas práticas de pesquisa, estaremos formando um novo campo de realidade em que as práticas tornam-se inseparáveis dos aspectos sensíveis da realidade, que são exatamente os aspectos suscetíveis de serem significados em nossa realidade. Portanto, o teórico expressar-se-á em um caminho que tem, em seu centro, a atividade pensante e construtiva do pesquisador. Esta realidade irá nos permitir compreender a pesquisa como processo complexo e dialógico.

Ainda mais, tendo como proposta de observação participativa, os sujeitos que participam da pesquisa não se expressarão por causa da pressão de uma exigência instrumental externa a eles. Todavia, por causa de uma necessidade pessoal que se desenvolverá, crescentemente, no próprio espaço de pesquisa, por meio dos diferentes sistemas de relação constituídos nesse processo.

Os sujeitos inter-relacionados estabelecerão o nível necessário de implicações para expressarem-se em todas suas riquezas e espaços capazes que a complexidade permite, na produção de sentidos subjetivos.

O inconsciente se anuncia no sentimento antes de poder ser pensado ou considerado reflexivamente. A experiência e os sentidos de nossas necessidades, sensações e afetos, representações e fantasias subjetivas se formam através de uma vinculação com o outro. (ELLIOTT, apud REY, p.22)

A subjetividade presente em uma pesquisa participativa possibilita-nos transcender a fragmentação. Bem como, este tipo de pesquisa comporta a representação de um sistema cujas unidades e desenho principal de sua organização se alimentam de sentidos subjetivos definidos em diversas áreas da atividade humana. Em um espaço relacional transdisciplinar, o sentido subjetivo concebe-se como uma unidade integradora de elementos diferentes que, em sua junção, define o sujeito em sua dimensão integradora, portanto, transdisciplinar.

3.2. Quem nos abraça...

Os sujeitos da pesquisa são professores-educadores participantes do curso de Educação em Valores Humanos da Fundação Peirópolis, Campus XXI - Mairinque.

Logo no início da Fundação, o curso de Educação em Valores Humanos foi idealizado para professores do Ensino Fundamental. Contudo, à medida que as pessoas fizeram o curso e contagiaram outras com as idéias difundidas ali, houve o desejo de outros grupos sociais como empresários, profissionais de saúde, educação, dirigentes de O.N.Gs e associações, entre outros, de realizarem o curso e difundirem também as idéias. Aconteceu de tal modo que, o curso tornou-se aberto a quem quiser participar. Entretanto, em maioria os participantes têm sido professores ou profissionais da educação.

Fez-se a escolha por este curso visto que, em diferentes momentos já participei do mesmo, primeiramente como aluna e adiante como professora-palestrante. Além de ser um espaço conhecido por mim, no qual fui acolhida com muita amorosidade, justifica-se a escolha do mesmo por localizar dentro do estado de São Paulo, local de minha moradia. Ainda, porque são pouquíssimos ou raros os

cursos que oferecem Formação em Valores Humanos dentro deste Estado e com possibilidade de imersão..

Com exceção deste, é de meu conhecer apenas, que a Associação Palas Athena realiza alguns encontros para discussão de valores como paz e não-violência.

Também, no estado do Paraná, a associação Arayara realiza cursos de Valores Humanos, inspirados no curso de E.V.H. da Fundação Peirópolis. Além destas duas instituições, não tenho conhecimento no momento de cursos de formadores e divulgadores da Educação em Valores Humanos, principalmente nas proximidades da grande metrópole paulista.

3.3. Que paisagem miramos...

A Fundação Peirópolis é uma instituição sem fins lucrativos, políticos ou religiosos. Sua finalidade exclusiva é divulgar o Programa de Educação em Valores Humanos, criado na Índia pelo educador Sathya Sai Baba. A base do Programa de Educação em Valores humanos é o estímulo à vivência e a prática dos valores universais, encontrados nas mais diferentes culturas e tradições: **amor, paz, não-violência, ação correta e verdade.**

Este programa tem excelentes resultados comprovados há mais de 30 anos em mais de 130 países. Sua atuação é transformadora, principalmente sobre as crianças e os jovens, resgatando e trazendo à tona o que existe de mais valioso e importante no ser humano.

A Fundação acredita que esta é uma maneira de criar gerações felizes, íntegras e responsáveis pelo futuro do nosso País. Para realizar este trabalho se dedica a promover cursos para educadores, no intuito de formar agentes de mudança.

Os resultados dessas atividades se traduzem através da aplicação e da vivência da proposta de Valores Humanos em todas as áreas do viver. Para realizar seus programas e projetos, a Fundação Peirópolis conta com uma grande equipe de

educadores, professores do ensino bem como, profissionais de diferentes áreas. Todos trabalhando com entusiasmo permanente na realização de um sonho: a contribuição brasileira para a vivência de valores humanos universais e para a criação de referenciais efetivos de uma cultura de paz.

Sua missão é: ser um pólo de difusão da proposta de Educação em Valores Humanos, contribuindo efetivamente para a construção de um mundo onde se viva a paz e a harmonia.

Tem como **objetivos** promover a divulgação dos valores humanos universais, realizando permanentemente as seguintes ações:

- Desenvolver programas educativos formando agentes de mudança e estabelecendo modelos inovadores de atuação na sociedade.
- Realizar projetos centrados na proposta de valores humanos, criando possibilidades práticas de um modo de vida centrado no amor, paz, verdade, ação-correta e não-violência.

3.4. Quem nos abraça e nos norteia por alguns caminhos...

Os docentes¹⁹ do curso são pesquisadores inter e transdisciplinar bem como acerca do pensamento ecossistêmico, complexo e holístico.

Diversos temas inter e transculturais, inter e transreligiosos bem como filosóficos e antropológicos, serão trabalhados por estes.

O propósito básico do curso é olhar o ser enquanto parte do ecossistema, formar pessoas amorosas, integradas ao sistema planetário e responsáveis pela vida na Terra. Atingido esse propósito, a mudança interna se traduzirá em transformações de hábitos e comportamentos que, sem dúvida, refletirão na adoção de modelos econômicos e societários mais justos e harmoniosos e na reflexão filosófica sobre a natureza da relação que o ser humano estabelece com o planeta.

Aprendizagens sobre meditação, relaxamento, integração cósmica, implicarão na observação e disciplina de corpo, fala e mente, e do Todo. Seu objetivo é atingir um equilíbrio que não cesse quando retornamos às atividades.

¹⁹ Ver anexo 2

Estes são alguns dos caminhos que pode nos levar a uma experiência de silêncio interior, calma, paciência, autocontrole, concentração e tolerância. É o exercício dessas experiências que nos conduzem à Paz.

A paz é trabalhada no curso... a paz é vivenciada no curso...A paz não é um estado de espírito. É uma atuação concreta, clara, límpida e transparente que reflete nossa disposição de lidar com a complexidade e a diversidade.

O olhar sobre a ética da vida será para uma consolidação de hábitos e disposições internas que visam o bem comum, isto é, que tenham por objetivo algo além da ingênua satisfação de impulsos e desejos auto-referendados; requer um trabalho conjunto da sociedade e do indivíduo.

A ação correta é um processo permeia nossa vida. É uma determinação para o bem. Agimos corretamente quando acolhemos as diferenças e abrimo-nos a experiência com o novo. Operamos corretamente quando uma ética da vida subsidia nossas ações e guia nossos passos..

Falar sobre “Verdade” será a expressão íntegra de nossas potencialidades, de nossa autoria. Nossa autoria traduz-se como pôr-se em essência, não é somente aquilo que expressamos como verdadeiro, mas sim aquilo que verdadeiramente somos e expressamos. Por meio do autoconhecimento podemos tocar essa verdade que dá significado e dignidade à vida.

O amor será *mirado* como um valor humano e uma força, um padrão de união, de aproximação e de harmonia. O olhar amoroso sobre "tudo o que a vista alcança e o coração abraça", que consegue ver que na sombra há luz. Este olhar faz-se acima de tudo, como a construção de uma visão solidária de relações humanas que contribuirá para que seja superado o individualismo e valorizadas a interação e a troca, conduzindo à percepção da interdependência entre todos os seres.

A não-violência será vista como ações pautadas na cooperação, no espírito fraterno, no respeito a todas as formas de vida, no respeito a todas as formas de culto e religiões, auxilia-nos na superação da indiferença, na eliminação das fronteiras e enobrece o nosso ser.

Um olhar generoso. É um olhar capaz de promover a amorosidade e a alegria!

Os valores universais trabalhados no curso se fazem presentes em todas as culturas, religiões e filosofias como herança do conhecimento humano. O curso não prioriza nenhuma religião ou seita, nem tão pouco se trata de doutrinação ou catequese. É uma metodologia abrangente e criativa que defende a unidade na diversidade pela reverência, e acolhimento das diferenças promovendo o resgate do sagrado, pelo olhar Transdisciplinar.

3.5. Nossos nortes..

A instituição no qual foi desenvolvida a pesquisa está localizada a cinquenta minutos de São Paulo, numa fazenda de região montanhosa que oferece ar puro e silêncio. Um ambiente considerado ideal para atividades que exigem concentração e imersão. Oferece alojamentos, com alimentação natural balanceada, salas de aula, biblioteca, piscina, sauna, sala de meditação e de massagem, trilha ecológica.

A realização do curso se dá semestralmente no Campus 21 da Fundação Peirópolis. Os participantes ficam em imersão no local por um período de seis dias. O propósito para tal é desenvolver cooperação, a solidariedade e o respeito ao diferente, considerando todas as culturas e tradições, promovendo a consciência transdisciplinar, resgatando a ética, despertando o compromisso com a construção de uma cultura de paz e a vivência da espiritualidade no cotidiano.

Nossa reflexão far-se-á no percurso inter-relacional e transdisciplinar de autoconhecimento e vivência de valores humanos, buscando intuir se houve transformação, ressignificação dos valores dos participantes e quais foram as diretrizes que nortearam esta transformação. Olhando para as categorias de valores e para as paisagens que se apresentam a cada dia de curso bem como os diálogos colhidos de alguns participantes após algum tempo de curso, observaremos a mudança e a presença dos valores Universais tais como: **amor, paz, não-violência,**

ação correta e verdade no viver destes sujeitos que participaram da vivência, da "aprendência"²⁰ de valores humanos.

Nossa trajetória e as diretrizes norteadoras do curso diz-nos que "valores se aprendem no viver". Elas estão embasadas em autores eméritos como Edgar Morin, Humberto Matura, Francisco Varela, Carlos Rodrigues Brandão, Maria Cândida Moraes.

Documentos editados pela UNESCO como "*Carta da Terra*", "*Manifesto da Transdisciplinaridade*", "*A Declaração do Milênio*", entre outros falam-nos de valores Universais. Muitos destes valores como cooperação, solidariedade, amorosidade são responsáveis pelo aparecimento da vida na terra bem como o serão igualmente necessários para a nossa sobrevivência.

No Caderno UNESCO Brasil, Série Educação, Volume 7, consta,

Os valores constituem a maior riqueza que brota da vida social e passa a fazer parte da cultura. As Nações Unidas e a UNESCO, enraizando-se nas tradições e valores dos seus países-membros têm contribuído para esse tesouro vivo, que vai conjugando no tempo estabilidade e dinamismo. (GOMES, 2001, p.7)

3.6. Sobre as categorias...

As categorias de valores vividas e observadas foram criadas com base na relação do Homem consigo, com os outros, com a natureza e com a realidade na qual ele está inserido, Alves (2006). A **Declaração do Milênio**²¹ explicita os valores essenciais ao relacionamento internacional no século XXI, elegendo como fundamentos a liberdade, a igualdade, a solidariedade, a tolerância, o respeito pela

²⁰ Criamos aqui um silogismo...referimo-nos ao ato de aprender e apreender, aquilo que após vivido pôde permanecer...

²¹ <http://www.unesco.org.br/Brasil/objetivosdomilenio>. acesso em 18/nov/2007

natureza e a responsabilidade compartilhada pelo desenvolvimento econômico e social, pela paz e pela segurança.

Ação correta

Nesta categoria foram agrupados valores que pretendem significar “agir corretamente de forma consciente”. Estes valores são criados, ensinados, estabelecidos pela escola, pela formação, pela *forma em ação* do sujeito em seu espaço relacional.. Poderíamos dizer que estes valores seriam os nortes a prática pedagógica do professor bem como de todas as pessoas. Podemos citar neste grupo conceitos como: dever, ética, honradez, vida salutar, iniciativa, perseverança, responsabilidade, respeito, esforço, simplicidade, amabilidade, bondade, disciplina, higiene, ordem, coragem, integridade, dignidade, serviço ao próximo e prudência.

Amor

Valores como: dedicação, amizade, generosidade, devoção, gratidão, caridade, perdão, compreensão, compaixão, simpatia, igualdade, confiança, alegria e espírito de renúncia; são valores que brotam do coração, inconscientes, que se revelam pelo nosso ser essencial. São valores que germinam no seio da família. Não podemos ensiná-los, apenas fazê-los surgir de nossa essência. Estes valores perfazem o humano do humano, o educador que há no professor. Como nos ensina Rubem Alves: Professor é profissão, mas Educador é vocação nasce das raízes do coração. Vestir-se do amor altruísta permite-nos revelar nosso ser essencial, sagrado e sublime. Permite-nos ver com o coração, (ALVES, 2006)

Não-violência

Esta categoria é composta de valores como: fraternidade, cooperação, concórdia, altruísmo, força interior, respeito à cidadania, patriotismo, responsabilidade cívica, unidade, solidariedade, respeito a natureza/ecologia, respeito às diferenças, raças e culturas; desenvolvimento auto-sustentável: o uso

adequado do tempo, da energia, do dinheiro, da energia vital, do alimento e do conhecimento. Estes são valores bases da relação do Homem consigo, com o outro e com a natureza. O Homem quando não tem o sentido de *humanidade* destrói ao outro e destrói a si mesmo, nega a beleza de tudo que é vida porque não vê a beleza em si. Não se percebe como parte da *humanidade*.

Paz

Aqui estão unidos os valores substratos da felicidade humana. Valores que estão na relação do sujeito para consigo. Valores que nos conduzem a harmonia entre o ser racional, intelectual, emocional e espiritual. São valores como: silêncio interior, calma, contentamento, tranqüilidade, paciência, autocontrole, tolerância, concentração, auto-estima, autoconfiança, auto-aceitação e desprendimento/desapego. São valores que nos fazem entrar em congruência e harmonia conosco religando-nos ao todo.

Verdade

Os valores que são apreendidos por meio dos sentidos estão categoria. São juízos de valores que instituímos através da mediação do outro. Esta é uma verdade relativa e mutável. São valores tais como: discernimento, interesse pelo conhecimento/busca, auto-análise, espírito de pesquisa, perspicácia, atenção, reflexão, otimismo, sinceridade, honestidade, exatidão, síntese, coerência, imparcialidade, sentido de realidade, justiça, lealdade, liderança, humildade. Esta é uma verdade mutável, válida somente para um determinado contexto, tempo, espaço. Hoje pode ser amanhã não mais. Contudo, existe uma verdade que podemos dizer absoluta, eterna e imutável.que não é percebida pelos sentidos e sim pelo sentir que vem da alma. A verdade absoluta flui através do Amor.

Seguimos viagem levando a amorosidade na alma, a sabedoria no coração e a alegria de poder a ti, dar minha mão...despimo-nos do mundo e vestimo-nos de

vida, de emoção, de simplicidade, generosidade, cooperação, comunhão, amor.
Vamos a busca do saber com sabor, ou... não buscamos, construímos!

(...) um saber criador de verdadeiros sentidos e significados para a aventura de estarmos embarcando juntos na vida e no universo infinito, desde o lugar transitório e sempre, navegando desta pequena casa-barca que nós acostumamos dar o nome de Terra. (BRANDÃO, 2005, p. 24)

CAPITULO IV
DESVELANDO AS DIRETRIZES DE UM PROJETO PEDAGÓGICO
TRANSDISCIPLINAR. Resignificando valores, construindo autoria, despertando
a *humanidade do humano*.

Nas descobertas dos processos mentais e no conhece-te a ti mesmo reside a fonte da aprendizagem para esse milênio. Essa é uma questão de sobrevivência, não somente da espécie, mas da vida no planeta. No espaço exterior, pouco há para ser conquistado. O caminho agora é para o coração do homem. Não o órgão físico, mas a caverna espiritual que abriga a todos e rompe as fronteiras físicas, sociais e até mesmo planetárias e nos conecta com a ordem cósmica. Assim o somos: FILHOS DAS ESTRELAS".(Maristela Ramos)

4.1. Resignificando valores, construindo novos caminhos.

O caminho que se fez, que se faz ao caminhar, o amor que se aprende no amar... O curso ocorre em diversos cenários de aprendizagem o que favorece a escuta interior, os sons da vida, a doce lida de viver com você... Os cenários de aprendizagem representam espaços conversacionais, dinâmicos e fluidos. Eles podem ser desde uma peça de teatro, um filme, uma roda de diálogo ou mesmo um momento de meditação. São espaços de experimentação, de diálogo, de criação e descoberta, impregnados da complexidade reveladora e da tessitura dinâmica da vida que ali advém, (MORAES e TORRE, 2008)

Para tanto e, portanto, dá-se a integração das aprendizagens pois os integrantes têm a possibilidade de construir novos significados das coisas da vida pelos estímulos que ocorrem ao seu redor e no mundo interior. Concomitantemente, há uma melhora ou desenvolvimento das estruturas e habilidades cognitivo/emocionais, havendo, portanto, modificações significativas de atitudes, valores e competências. Tais modificações possivelmente projetar-se-ão na vida cotidiana, nas relações político-sociais e laborais dos sujeitos que a vivenciaram, Moraes e Torre (2004)

A aprendizagem integrada é embasada no favorecimento de estímulos multissensoriais ou em processos intuitivos que nos suscitam o sentir, pensar a agir. (*ibidem*)

Endossamos a importância desta prática, com as palavras de Moraes e Torre (2008) afirmando que, dependendo do nível biofísico os seres possuem frequências baixas e altas mais densas, com vibração muito débil dependendo do nível em que cada um se encontra. Pessoas com padrões vibracionais mais altos são capazes de entrar em correspondência com um nível de comunicação mais sutil e elevado no ambiente, como acontece a partir dos níveis emocionais, mentais e espirituais em que os sujeitos se encontram. Portanto, ambientes de aprendizagem e os cenários educacionais com bons campos vibracionais, com boas circunstâncias energéticas podem colaborar para enriquecimento, mental, social e espiritual do sujeito aprendente.

Portanto, nós educadores, necessitamos refletir sobre estratégias de ensino e de aprendizagem que sejam prazerosas, acolhedoras, globais, multidimensionais, interativas, geradoras de ambientes que propiciem, não apenas a aprendizagem, mas também a evolução da consciência humana, bem como sua conscientização político-social de natureza transformadora, nas palavras de Paulo Freire.

Percurso... caminho...

Como valores se aprendem no viver pelo exemplo, ato, atitude... assim é o curso de E.V.H. muitas vivências de valores e com valores como solidariedade, amorosidade, coerência, ação-correta, paz, amorosidade, não-violência, tolerância, alegria, compaixão, discernimento, humildade, cooperação, acolhimento da multiplicidade que a vida oferece, são possíveis somente na presença do outro porque o outro nos revela. É ele quem lança sua luz em mim e nele também vejo minha sombra. O outro me faz..o outro me fez. Eu sou o outro em mim...

O curso de EVH é um espaço de vivência de valores, de "sentipensar", de senti-amar, de senti-abraçar. É um espaço no qual o *humano* do humano pode florescer ..

O curso sendo de atividades integradoras contempla práticas corporais, trabalhos em grupos, círculos de estudos, elaboração conceitual e exercícios meditativos e serão desenvolvidas dentro de uma metodologia transdisciplinar com imersão em espaços para viver os Valores.

Primeiro dia: Chegada: acolhimento, o cuidado, o sentir-se com...

"Reconhecer a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza."

(Rosa Viana)

Ao chegar ao campus da Fundação todos tem calorosa "boas vindas". Depois solicitasse que elaborem um crachá personalizado com o nome (ou pseudônimo) o qual gosta de ser chamado. Segue-se com o compartilhar de tudo e adiante com Palestras/diálogo sobre Transdisciplinariedade e Educação em Valores Humanos.

Segundo dia: Diálogos dialéticos, dialógicos

"No círculo se trabalha o equilíbrio entre o indivíduo e o coletivo. Na roda, somos convidados a estar presente, a participar de maneira plena dos processos de transformação pessoal e social." (Maristela Ramos)

Caminhos sobre Educação em Valores Humanos- dançando na roda da vida e jogando para paz- o lúdico que me faz ressignificar valores; a visão do ser e do cosmos- a física quântica o quantum da vida! ... O corpo fala, sente, apreende e aprende integrado no Universo. Descobrimo-nos em um único verso!

Terceiro dia: eu com o Todo, eu no Todo

"Somos "cidadãos do Cosmo". Somos resultado de um processo cósmico intimamente ligado com as estrelas. A matéria da qual somos formados surgiu nos interiores estelares. Desse modo, não somos seres passivos num universo em transformação e as nossas próprias mudanças devem levar em conta que somos fisicamente filhos das estrelas e irmãos entre nós." (Walmir Cardoso)

Conhecendo e comungando. Valores humanos e tradições afro-brasileira. Vestindo-me do Todo e despindo-me de mim mesma. Vestindo-me de mim mesma e encontrando-me no Todo. Encontrando o todo de mim e o Todo em mim.... Tradições indígenas - o fogo da vida, cantando sons de beleza da natureza!

Quarto dia: a comunhão sagrada- falando as muitas línguas da religião.

"A busca a unidade do conhecimento para encontrar um sentido para a existência do Universo, da vida e da espécie humana."

(Gustavo Korte)

Valores humanos e tradições cristãs- eu vejo cristo em você, você vê cristo em mim... Valores humanos e tradições budistas - No infinito da vida onde estou tudo é perfeito, pleno e completo...

Quinto dia: a trilha do coração...

"Perceber a totalidade presente em cada momento da vida e os eixos por onde gravitam as tradições espirituais, a nova ciência, a arte e o saber do senso comum através de um olhar amoroso e criativo que busca re-significar a fala, a escuta, a relação do humano consigo mesmo, com o outro e com o ambiente que o cerca."

(Walmir Cedotti)

Quando abraço uma árvore, abraço a mim mesma porque eu vivo no planeta que vive em mim... Reencontro o planeta em mim, reencontro-me no todo do

planeta. Readquiro a consciência plena de ser parte de tudo do todo do universo vivo e vivente, irmanados com o mistério da vida, (BRANDÃO, 2005).

Sexto dia etapa:

A construção plástica do auto-retrato como fator estimulador da leitura de si mesmo, oportuniza uma visão sistêmica e consciente do momento em que se é e vive.

(Raquel Pereira Alves)

A caminho do ser *si - mesmo*. Sendo um em cem mil, sendo cem mil em um, sendo um com cem milhões de estrelas cósmicas. Encontrando o caminho de estrelas que reluzem em minha alma... sigo de volta para casa...sua bênção meus amigos...

Avaliação- Aprendi o que me ensinaram aqui porque vivi o que estava em mim...vivi o Todo em mim..

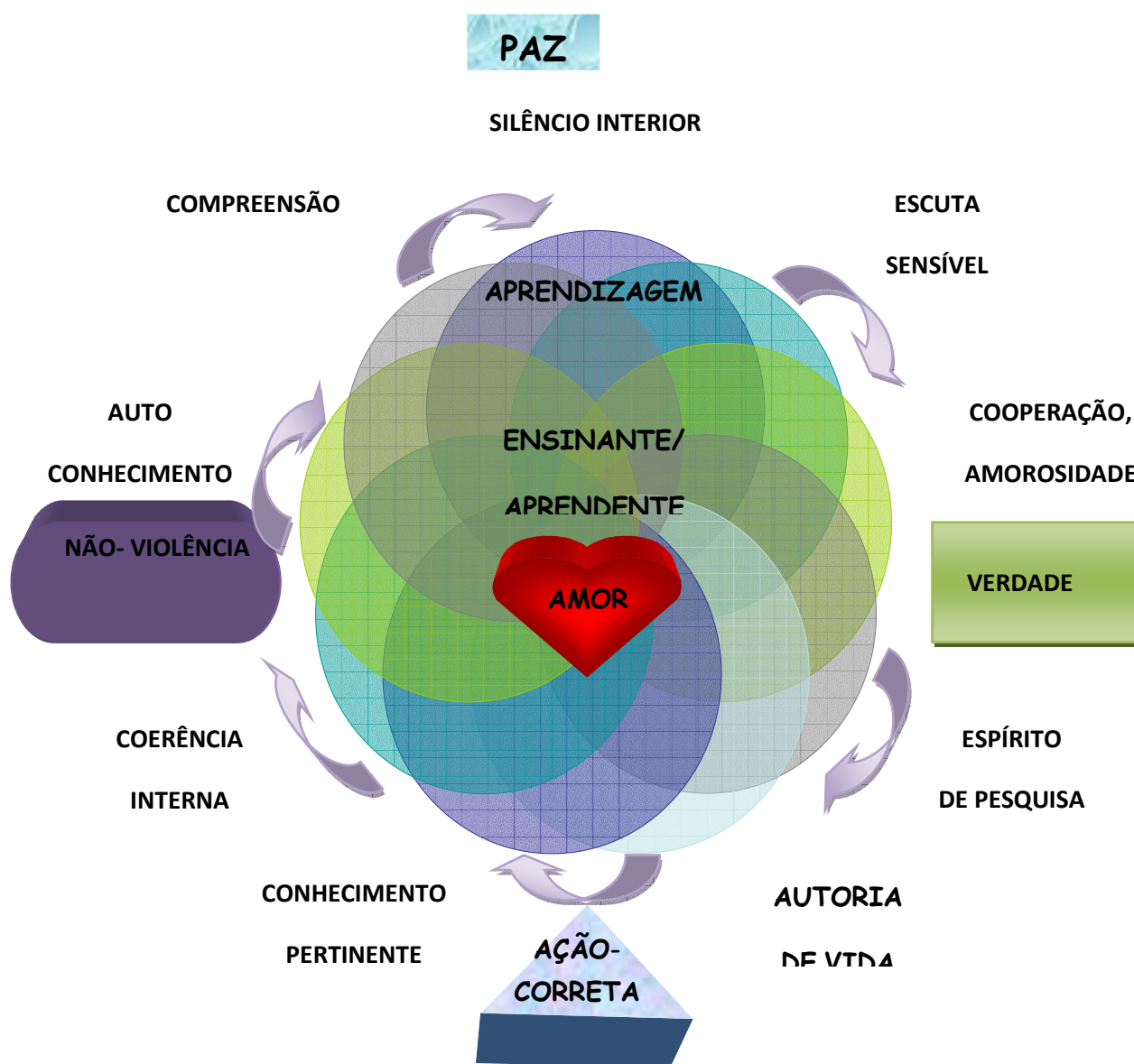
Como o curso é gerido pelas aprendizagens integradas que ocorrem em múltiplos cenários de aprendizagem- desde o convívio comunitário nos alojamentos, as refeições compartilhadas com todos - as aulas em múltiplos espaços que são desde a natureza até uma viagem interior - a avaliação também requer a expressão criadora e livre. O aluno escolhe os recursos pelo qual construirá seu projeto de educação em valores humanos, o que levará enquanto ferramenta-aprendizagem será representado por ele da maneira que melhor lhe apraz.

4.2. Diretrizes norteadoras do projeto de Educação em Valores Humanos.

Educação em Valores Humanos é

“É um compromisso profundo e integral com a ação amorosa através de uma perspectiva ética e criativa, recuperando na construção do conhecimento e da realidade, a reverência pela vida”

MIGLIORI, 2002



Encontrei o SAGRADO em mim que encontrou o SAGRADO QUE HÁ EM TI. O SAGRADO que há em mim abençoa o SAGRADO que há em você.

Reconhecer em si mesmo o potencial cósmico, Sagrado é abrir espaço para conexão com o Todo, é encontrar eco, é perceber-se como parte do sistema, do eco-sistema.

Este foi e é o trabalho realizado no curso de Educação em Valores Humanos (E.V.H.) da Fundação Peirópolis.

A Fundação não é um espaço de uma religião, é um espaço de muitas religiões no sentido literal da palavra: *religare*.

O espaço-curso, possibilita em 6 dias de imersão no qual os sujeitos terão encontros consigo, com o SAGRADO DE SI MESMO para encontrarem-se com a possibilidade da RELIGAÇÃO do SAGRADO que há também no Outro. Quando me refiro ao outro, não só o outro sujeito, mas também ao outro enquanto planeta, enquanto vazio quântico e cósmico cheio de possibilidades.

Como dissemos, a proposta metodológica do curso é transdisciplinar e ocorre em **diversos cenários** de aprendizagem favorecendo conseqüentemente, as **aprendizagens integradas**, abrindo fronteiras e rompendo barreiras, trazendo possibilidades um ensino mais significativo pelo acesso aos diversos níveis de realidade.

Pela utilização de técnicas integradas que vão desde cuidados com uma alimentação natural, convívio solidário e comunitário, ao acolhimento; canto, meditação, relaxamento, escuta interior, rodas de **diálogo**, jogos cooperativos, danças circulares, contato e convívio com a natureza e com o outro, conhecimentos da astrofísica e sua relação com os valores, conhecimentos de crenças e culturas judaico-cristãs, afro-brasileiras, indígenas, budista entre outras. Intenciona-se que os participantes comunguem, compreendam e adquiram conhecimentos e valores de religião dentro da complexidade da vida sob o olhar da transdisciplinaridade.

(...) nossa possibilidade de conexões não diz respeito apenas à 'conectar o Outro', mas também a promover outras conexões: conectando os sons fazemos música; as palavras, um poema; as tintas, um quadro, e assim por diante. (ESPÍRITO SANTO 2007, p.33)

Segundo Moraes (2003, 2004), a realidade sendo percebida como uma rede de relações sistêmicas, as relações do indivíduo para com o outro e com o meio formam igualmente uma rede interconexa, não havendo mais hierarquias ou mesmo alicerces.

Este tomar contato com o outro se inicia com o desvelar de si-mesmo pelo **autoconhecimento**, pelo acolhimento da criança, do “Deus”, enfim, do Sagrado, do potencial energético, como nos referimos em física quântica. Como nos diz Random *"deuses são forças cósmicas naturais que tem tantos níveis de consciência quanto nossa própria consciência e tantos olhares para serem trocados quantos olhares temos para lhes dirigir."* (2000, p.47).

Endossamos nosso discurso também com a fala desta aluna que, ao ser questionada sobre o que mudou em sua vida após o curso, respondeu.

*"Mudou muita coisa, mas a que posso eleger como principal foi a porta que se abriu para mim em termos da presença do **sagrado** na minha vida, na minha pessoa. Esse fato contribuiu muito para fortalecer minha busca de uma vida mais plena, **harmoniosa** e **amorosa**." (turma de 1991)*

Ao tomarmos contato com nossos medos e pré-conceitos, à medida que desvelam o ser si mesmo e o ser do outro, o ser eco de cada um, descobrimo-nos não como um em cem mil, mas como cem mil em um e, um com cem mil.

O curso é pautado no **auto-conhecimento**, pelo conhecimento das diversas manifestações do Sagrado, ou seja, num olhar compreensivo para multiculturas e multireligiões, para as diversidades de cada ser. Porque, quando se desvela, se conhece, é possível ver com olhos da alma. Perde-se o medo... Muitas vezes inculcado do pela cultura ou por ideologias manipuladoras.

*"O curso mudou meu olhar. Mudou minha maneira de **compreender**. A introspecção com base em conhecimento gera decisões com sabedoria. Melhorou meu **diálogo interior** e de auto-explicação. Interdisciplinaridade é uma palavra nova em meu dia a dia. Mudou aquilo em mim que busca, funciona agora com mais intensidade."(turma de 2005)*

Cuidar, amar, solidarizar, cooperar, criar um tempo para o sujeito poder **se escutar**. A escuta sensível do outro e de si mesmo, aprimoram a abertura das

"janelas internas", favorecem o autoconhecimento, possibilitando que o sujeito também ouça o outro com quem convive e perceba-se como um ser sistêmico.

Compreender-se, compreender, ressignificar e reelaborar seus valores ampliam-nos a consciência a respeito do educador que somos, dos educadores que carregamos dentro de nós transformando o educador que somos hoje. Essas descobertas nos proporcionavam um sentido de inteireza, de consistência e coerência interna, o que nos instiga a avançar com mais lucidez e determinação, bem como, nos desperta à nossa verdadeira autoria.

Os participantes do curso que realizam essa caminhada passam por um processo de transformação que vai além das dimensões cognitivas, alcançando dimensões existenciais, espirituais e transcendentais.

*"Acredito mais nos meus ideais. Minha abordagem em todo e qualquer treinamento que atuo como facilitadora mudou totalmente. A consciência para uma postura ética e responsável aumentou. Quanto maior o conhecimento, maior a cobrança pelas atitudes! Minha abordagem está mais consistente, pois não é apenas idealista, mas fundamentada em quanto o **amor** é importante como base nossas ações. Agindo dessa forma, me sinto mais feliz e em **paz** comigo mesma. Agora reflito mais sobre a questão que não posso mudar nada nem ninguém com golpes verbais, mas sim com atitudes, exemplos e com **compreensão**."*(turma 2006)

A consciência do si-mesmo, de seus valores, favorece para que os sujeitos ajam de maneira ética com respeito e amorosidade.

Segundo Ricoeur (1990), a identidade pessoal articula-se na dimensão temporal da Existência humana. Identidade significa a unicidade e conhecer é reconhecer. Identidade é autoria. O indivíduo tem uma tendência inata a buscar sua unidade, sua totalidade, o que vai realizando sempre de forma gradativa e parcial no encontro com o outro. Buscar o si-mesmo é um fim e um princípio, é um movimento que surge como um acordo entre a semente de Totalidade que existe em cada um de nós e o mundo exterior.

Secundariamente, deixa-se ligar à noção de disposição o conjunto das identificações adquiridas pelas quais o outro entra na composição do mesmo. Para uma grande parte, com efeito, a identidade de uma pessoa, de uma comunidade, é feita dessas identificações com valores, normas, ideais, modelos, heróis, nos quais a pessoa, a comunidade se reconhecem. O reconhecer-se no contribui para o reconhecer-se com.... (RICOEUR, 1990, p.147)

Os sujeitos do curso reconheceram-se e conheceram o seu *si-mesmo*, o ser em essência. Esta originalidade do vínculo entre o agir e o agente (educando/aprendente), denotam a autoria. Passaram a ser e a ter não papéis representados artificial e ideologicamente, mas puseram-se em essência na ação.

*"O curso transformou meus valores, fez-me **pensar sobre mim mesmo**. Fomentou minha prática em sala de aula.." (turma de 2005)*

*"O professor é responsável por grande parte da formação do indivíduo. Por isto deve passar seus valores. Desejo levar mais pessoas a **compreender** a força do **amor**." (turma de 2008)*

O tempo se impregna de nós, o tempo é impregnado a nós. Assim escrevemos o manifesto de ser *si-mesmo* proclamando o uso de nossos valores, de nossos sonhos, de nossas dimensões multicomplexas e transcendentais.

Desvelando o *si-mesmo* descortina-se a tessitura da autoria: Autoria é estar caminhando pela vida na ação verdadeiramente em mim, em um processo que tem permanência no tempo em uma temporalidade histórica constituída nas relações da ação amorosa e alteridade.

Os participantes do curso encontram-se na consciência ou a **percepção de si-mesmo**. Tomam-se de uma autoconsciência com a ajuda-cuidado de todos e do Todo. Faz-se o reconhecimento do outro, de si e da **relação sistêmica** com o Todo. Percebem-se a si-mesmo através da reflexividade provocada pela ação, consciência, reflexão, **silêncio interior**, cuidado de si e do outro, **cooperação e amorosidade**. Assim, tomam consciência de sua relação com o mundo, miram-se no *mais dentro*, percebem-se, encontram-se enquanto ser no mundo.

*"O que vivenciei aqui tocou meu coração. Não sou mais a mesma. Volto para casa com um **olhar mais amoroso**..."(turma de 2008)*

A consciência é a compreensão e relação humana na dialógica aprendente da vida, numa atitude de autocriação do ser em seu advir. O instante da consciência não é somente uma efetivação ou apropriação da realidade. Ela é momento desvelante do ser, em seu compreender o ser-sendo no mundo, Ricouer (1990), Arendt (2003).

Segundo Fernandez (1991) e Arendt (*ibid.*) muitas vezes o Educador mantém o seu pensar, sua autoria aprisionados a uma formação de padrões que anulam sua postura pensante, reduzindo seu pensar a uma assimilação de formas ou jargões que engessavam sua autoria. O sujeito pensante, autor, se manifesta a partir da consciência de si-mesmo e do outro. No momento que põe-se a refletir sobre sua historicidade, desmascara as fixações ideológicas postas pelo seu mundo social e aceita passivamente por ele.

A reflexão crítica, o pensamento, é uma atitude que norteia todas as atitudes humanas nos atos desveladores do modo de ser. Quando trazemos a realidade à consciência, pelo diálogo, pela narrativa, pela reflexividade, ela nos desvela o ser do nosso poder-ser, nosso ser si-mesmo, nosso ser si-mesmo com o outro, e para o outro. Desocultamos as razões das coisas para assim melhor compreendermos o nosso ser no mundo.

"O curso ratificou as minhas preocupações com a matéria prima para o aperfeiçoamento das discussões e da própria experiência da ética e do valores humanos no Brasil. Precisamos rever paradigmas, e prepararmos uma nova matéria prima para a construção de um novo Brasil"(turma de 2004)

Muitas vezes nossa vida torna-se diluída. Nossa identidade passa a ser instrumento de manipulação pelo desejo de ser alguém, pelo desejo de inserir-se no mundo. Contudo, nosso desejo de autoria de vida, nossa consciência de religação e razão de ser-no-mundo e a consciência de si, põe-nos os limites enquanto sujeito histórico que é uma condição de nossa existência.

A tarefa do pensar, de refletir, de conhecer-se consiste em chegar a uma representação adequada das múltiplas realidades, e para esse fim, o ser humano

atua como espelho da natureza e/ou do Universo. Assim, só quando somos capazes de interpretar a vida em sua plena diversidade manifestativa, é que podemos trazer da vida sua vitalidade criativo-libertadora.

*"O curso aumentou o meu **sentir**, melhorou a minha capacidade de **observar/ouvir/perceber** e fez com que valores e atitudes **amorosas** fossem revalidados e atualizados."*(turma de 2005)

Fundamentados em Arendt (2003) podemos dizer que, quem não é capaz de interpretar o seu passado-futuro nunca poderá ser capaz de partejar concretamente a sua emancipação libertante, sua autoria de vida.

Autoria de vida é buscar a compreensão profunda da liberdade, do pensar. Esta não se encontra numa consciência imediata em apropriar-se de conteúdos e padrões formais já postos e estabelecidos. Autoria e autonomia humana não é uma realidade apresentada em conteúdos, mas um engajamento histórico emancipatório, na totalidade existencial, em que só nos libertando de padrões e fundamentos engessados, poderemos transcender.

A questão é: não existe autoria e autonomia já determinada e imediata, ela é sempre partejada. Está ligada às condições sócio-existenciais do nosso modo de ser no mundo, de nosso pensar consciente sobre nossos valores e ações.

Habitamos o mundo, nascemos no mundo quando podemos autônoma e pensantemente, amorosamente viver neste mundo. Somos um modo de ser no mundo, não apenas narramos o mundo e a nós mesmos neste mundo, mas somos interpelados por ele a cada momento vivido do nosso passado-futuro.

Segundo Freire (2001) o processo de construção de autoria de vida, de autonomia é construído a partir da **dialógica compreensiva** que possibilita o processo emancipatório do humano. Este pensar, refletir, liberta-nos dos estruturalismos formatados em padrões estabelecidos de uma racionalidade fechada. Liberta-nos de uma razão intelectual formal que nega a historicidade do

sujeito aprisionando-o numa inteligência puramente epistêmica consciência fechada sobre si mesma.

Autoria de vida é autonomia, é autocriação. É manter alinhado em nosso horizonte reflexivo, nossa consciência e autoconsciência do si-mesmo e do outro. A autoria de vida enquanto autocriação não é um apossamento da realidade, é construção crítico-interpretativa do nosso viver autônomo no mundo, numa dialógica da singularidade do ser.

Diferente dos outros seres com os quais partilhamos o mundo, nós os humanos temos que criativamente construir nossas vidas, não temos um mundo, temos que criar o nosso ser no mundo. Autoria de vida, autoria de pensamento é a nossa possibilidade de ser si-mesmo no encantamento e admiração do mundo.

O sentido de ser sujeito autor encontra-se na dialética, dialógica criativa, interpretativa de nossa prática aberta ao mundo da cultura e na relação ecossistêmica (MORAES, 2004) onde estão presentes: símbolos, signos, texto e narrativa: desvelantes da autoria e autonomia em sua alteridade de um ser si-mesmo como o outro. O *outro* é interpretante para o ressignificar do nosso viver no mundo, lugar originante do nosso emancipar-se, recriando-nos o viver, o ser-sendo de um continuado poder-ser autocriador. (FREIRE, 2001)

Conforme Hanna Arendt (2003), Raths (1977) e Fernandez (2001) a autoria da vida requisita o exercício do pensamento, a reflexão juntamente com a condição humana da natalidade traz para o mundo a possibilidade de instauração de uma nova ordem. O pensar e agir são pontes para autoria da própria vida que se estabelecem como responsabilidade diante do mundo. Todo indivíduo é ao mesmo tempo um eu e um nós. Cada um é singular e exclusivo vivendo em conjunto com os outros.

Compreender os eventos que nos afastam do mundo significa permitir uma reconciliação do mundo do qual fomos exilados. O pensamento é a ponte para compreensão, Raths (1977). O pensamento descongela os paradigmas, as verdades cristalizadas. A partir do descongelamento de nosso pensamento reencontramos ou buscamos o sentido de ser si-mesmo e passamos a fazer escolhas para agir, que

estabelecem-se em novos julgamentos para suas atitudes e palavras, direcionando nossa vontade.

O **pensamento** é estimulado a cada momento no curso de E.V.H. O pensamento reflexivo é ferramenta impar da tomada de consciência de nossos valores e atos. Nosso sentir-pensar-amar deve ser constantemente estimulados.

Tomando consciência de nossos atos passados e recuperamos novas possibilidades de lançarmo-nos para frente. A partir da descoberta do sentido que as coisas têm para nós mesmos, nossas escolhas dão alicerces à autoria de vida.

Assim fiz eu Dolores.

"Agora eu posso falar, meu corpo pode falar, minha vida pode contar sua história. Escolho gestar e parir meus sonhos. Permito-me escolher, dizer não quando desejo dizer não, e ser o que desejo ser, sem medo de viver minha própria autoria. Desejo que todos tenham estas possibilidades, assim persisto com fé em meu trajeto-projeto em defesa da educação".(Turma de 2005)

"Agora posso sentir prazer sem medo de viver e ser autora de meus pensamentos e caminhos, ser autora de minha vida. Agora permito me libertar. Permito-me viver com valor, com muita cor, sabor e amor. Permito-me ser eu e tu em mim, ser em essência, congruência, coerência, comunhão com o todo da vida!"(ibid.)

Estes foram discursos meus e de muitos integrantes do curso de EVH. Construimos caminhos, ressignificamos valores, tornamo-nos autores, cada vez mais tornamo-nos conscientes da inteireza humana e de nossa responsabilidade como agentes na construção de uma cultura da paz, amorosidade, sustentabilidade, não-violência, solidariedade e respeito a todas as formas de vida.

"reencontrei-me. Coloquei brilho no meu olhar" (turma de 2008)

*"Retorno para minha casa com muito **amor** no coração. O curso foi muito bem organizado...a **amorosidade** de todas as pessoas da Fundação foi fundamental"(turma de 2008)*

A Educação em Valores Humanos, uma formação humanizadora, transdisciplinar contribui para formar educados e educadores em sujeitos mais centrados, coerentes, autores de seus pensamentos e sonhos e, sobretudo, conscientes da importância de seu papel no grupo, para que possam dar, receber e participar, no sentido de poder realizar aquilo que lhes corresponde como parte de um Todo maior, tecendo uma ética da vida, Boff (1999)

Portanto, valores e atitudes como: *paz, amor, conhecimento pertinente, o aprendizado integrada, coerência interna, cooperação, espírito de pesquisa, escuta sensível, não-violência, ação-correta e verdade*, deveriam ser diretrizes de um currículo ecossistêmico e transdisciplinar para que se favoreça o desvelar do humano do humano, a autoria de vida e a amorosidade do ser.

É tempo de aprender a ser.

Ser humano *humano*, ser junto com o outro, ser um ser com o outro,

É tempo de vida, de rir, de transgredir, de transformar

É tempo de união, é tempo de amar.

É tempo de recriar.

É tempo de circular e desenvolver mil e muitas maneiras de aprender

É tempo de *ser* junto com o outro.

É tempo cósmico, tempo cântico, tempo quântico.

Porque o saber que compartilha se imortaliza e não deterioriza a vida humana.

O planeta precisa de gente *Gente*, de gente que sente, de gente viva e de gente que luta amorosamente pela vida da gente.

O QUINTO PILAR; APRENDER A AMAR

A educação não precisa só de razão e consciência

Precisa de coração, emoção e onisciência.

Ser si mesmo e ser com o outro implica em ser com amor,

Ser amor, ter amor, dividir para multiplicar o amar.

É preciso aprender a aprender, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, mas é preciso muito mais aprender a amar para o planeta não desintegrar...

4.3. Refletindo um pouquinho mais sobre um Projeto Pedagógico Transdisciplinar. Ressignificando valores, construindo autoria, despertando a *humanidade do humano*

Sabemos que a maior responsabilidade da educação deve ser a de contribuir para o desenvolvimento humano. Contribuir para que o outro possa desenvolver suas potencialidades e exercer sua cidadania.

O mestre, o educador é um partejador de sonhos, como nos diz Rubem Alves em seus diversos escritos poéticos.

O mestre é um exemplo para seu pupilo. Suas atitudes são carregadas de simbolismos, afetos e valores. Mais que técnica, ensina pelo corpo que fala, pela Mão que acolhe, pelo coração que ama.

(...) ao longo de toda a vida, o homem conservará fielmente a lembrança de seus primeiros professores. Mesmo que sua experiência tenha se desenvolvido fora de qualquer preocupação de saber, não pode deixar de evocar, num reconhecimento retrospectivo, o rosto daqueles que foram para ele os primeiros sustentáculos da verdade, os guardiões da esperança humana. (GUSDORF, 1987, p.3)

Aqui deixo uma matriz, uma semente, primeiros passos, faróis, nortes... indicação de alguns caminhos ou diretrizes para construção- ação de um projeto Transdisciplinar...para o ressignificar de valores, o despertar da autoria, e do *humano do humano...*

Refletindo...

Sabemos que, somente pode-se dar aquilo que se tem. Assim, pensamos que, o ser humano somente poderá amar (o amor é tido aqui como o mais nobre dos sentimentos, valores e virtudes) seu próximo e deixar fluir este amor a seus educandos, à natureza e ao cosmos, se puder construir este amor dentro de si mesmo.

(...) a arte é o caminho profundo para que, por meio de 'conexões', o ser humano produza a beleza, sendo o Amor o condutor desse processo. Que outro ser vivo consegue tal nível de conexões? Vê-se por essa reflexão um ponto de partida para a investigação do 'quem somos nós'... Seres capazes de amor... de arte... de beleza... (ESPÍRITO-SANTO, p. 33-34)

Promover, propiciar e estimular o professor a perceba que:

Ser autor, ter **autoria de pensamento** é poder viver sem máscaras e medos de *ser quem sou*. É viver o "eterno agora", no "eterno presente" com a expressão máxima do sentido de sentir-se presente em cada momento independente da não-linearidade do tempo histórico porque, somos aquilo que carregamos dentro de nós e, carregamos cada tempo revivendo-o no *eterno presente*. Mas, assim sendo, carrega-se também a possibilidade de revivê-lo e ressignificá-lo visto a atemporalidade e não-linearidade de nossa dimensão mental e espiritual.

Através do trabalho de **autoconhecimento** surge a possibilidade de elaboração de conflitos abrindo caminhos para aprendizagens mais saudáveis. Porque, perceberemos que há algo maior, mais amplo, que às vezes escapa ao nosso entendimento, mas que se mantém direcionando a nossa atuação para o crescimento.

O autoconhecimento favorece-nos a religação ao bem comum (Adotar uma atitude permanentemente criativa e construtiva. Concebemos uma atitude construtiva como aquela que nos permite simplesmente construir algo melhor, sem julgamentos, culpas, vencedores e vencidos).

Por meio do autoconhecimento é possível de reconhecer em si e no outro o direito de existir **munido de suas idéias, crenças, e valores** é o início de uma atitude que constrói a paz.

“A paz se cria, se constrói, na e pela superação das realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói, na construção incessante da justiça social.”

(P. Freire)

❖ Compreender que a **paz** está acima da ideologia, acima de qualquer crença ou religião. É maior do que qualquer interesse pessoal ou coletivo. A paz não é um estado de espírito. É uma atuação concreta, clara, límpida e transparente que reflete a nossa disposição de lidar com a complexidade e a diversidade.

❖ Para um caminho de paz é necessário identificar as diferenças é que nos encaminha para o antagonismo ou para a complementaridade, e esta complementaridade é o desejável.

❖ É necessário compreender que:

❖ Somente o **discernimento**, em lugar do julgamento, abre espaço para compreensão daquele que difere de mim, daquilo que eu sei e daquilo que acredito, assim, abro espaços e deixo existir o respeito e a humildade. A perspectiva complementar gera equilíbrio entre forças e fraquezas, e faz nascer a possibilidade da convivência harmônica.

❖ Ensinamos o **amor** através do amor. Conhecimento, criatividade, potencialidade, tecnologia, progresso, desenvolvimento, somente estes aspectos não nos garantem uma mudança de rota em direção a um mundo melhor.

❖ Através da competência amorosa pode existir uma trajetória flexível e integrada em direção a um mundo menos violento, mais cooperativo, mais competente, viável e em paz. Um mundo mais alegre!

❖ O sentimento de Amor altruísta não é apego é liberdade. Onde não há amor, há a desconfiança. O amor está presente na partilha do sentimento de igualdade e solidariedade.

❖ Respeito não se exige, se faz brotar da raiz do nosso peito, do nosso coração, de nossa essência. Quando com o outro fiamos não desconfiamos, porque compartilhamos o que há de melhor em nós. Quem deixa um pouquinho no outro e um pouquinho do outro recebe.

❖ Torna-se eternamente responsável pelo que no outro deixou e do outro levou, porque o outro cativou, amou e se fez amar.

❖ Para aprender e apreender precisa-se colher e acolher. Mas, para o acolhimento precisa-se confiança... con-fiar. E, para confiar é preciso acolher. Despir-se dos medos dos espinhos, colher e acolher as rosas... (ALVES, 2006)

(...) um mundo menos terrível, menos cruel, podemos esperar uma humanização, podemos humanizar e civilizar nossa Terra.

Tudo isso pressupõe, ainda, a religação. Ela é uma necessidade vital para o pensamento, para o desabrochar dos seres humanos, que precisam de amizade e de amor e que, sem isso, definham e se amarguram". (MORIN, 2003, p. 53).

❖ A **Não – Violência** é a combinação de todos os valores. É a conquista do ser humano que ama e não fere, não magoa, não machuca como ação, reação ou proteção.

❖ A violência não é só um ato físico. Por trás da mão que fere há um universo violento que nos faz desperdiçar energia, conhecimento, emoção, tempo, dinheiro.

❖ Ignorar o outro é um ato de violência. É negar a sua existência. É matá-lo, em última instância.

❖ Saber ver, ouvir, compreender, sentir-pensar, são atos não – violentos embasados na prática de Valores humanos!!!

❖ Sejamos **Humildade para** reconhecer que construímos um no mundo e que o outro é um outro mundo que esta no Todo do mundo. Estamos juntos nesta imensa nave chamada Terra temos os mesmos direitos e deveres, respiramos o mesmo ar e bebemos da mesma água. Tudo que fizemos ao homem e ao planeta, voltar-se-á ao próprio homem.

❖ Tenhamos **coerência** entre o que pensamos e o que fazemos. Isto significa humildade de saber que todos estamos na tessitura cósmica, não erramos, mas construímos novas possibilidades de aprendizagem. Coerência interna é o maior presente que podemos dar ao outro e a nós mesmos; mostramos quão belo e singulares somos. Únicos e temos a maior coragem "ser o que se é" quanto mais aprendo sobre mim, mais sei quem o outro é porque o todo está nas partes e a parte esta no todo; Isto é o principio hologramático.

❖ Tenhamos **Respeito** por si próprio e pelo outro, por ser diferente de mim. Respeito é uma conduta de abertura ao crescimento. É saber que, cada vez que com conheço aquilo que era desconhecido, diferente de mim, muitas novas possibilidades surgem, muitas novas janelas de possibilidades se abrem e só tenho a crescer. Quanto mais conheço mais me integro mais sou o Todo porque mais do Todo tenho em mim...

❖ Saibamos que respeito não se exige, se faz brotar da raiz do nosso peito, do nosso coração, de nossa essência. Quando com o outro fiamos não desconfiamos, porque compartilhamos o que há de melhor em nós. Quem deixa um pouquinho no outro e um pouquinho do outro recebe, torna-se eternamente responsável pelo que no outro deixou e do outro levou, porque o outro cativou, amou e se fez amar, Alves (2006).

O educador que respeita seu aluno permite que este se aproprie do conhecimento e fortaleça seu ego na medida em que constitui uma personalidade mais segura e responsável. Assim, esta criança domina a realidade, torna-se sujeito desta realidade, compõe sua autoria, Pain (1996).

A busca pela conscientização de seus sonhos deve garantir a reciprocidade com os outros em sua diversidade de buscas individuais. Agindo assim estaremos no caminho do nós, sem grades e prisões, porque estaremos no

caminho da confraternização, da liberdade, do amor. O caminho emancipação na relação com o outro passa pela alteridade, que é a ponte do nós para libertação de todos, no dialogismo crítico. Sem nada preestabelecido, senão a busca continuada de liberdade e da felicidade, pois é caminho, é progresso. (FREITAS, 2000, p. 63).

Saibamos que a Verdade é a expressão íntegra das minhas potencialidades. É algo que eu sou e que dá significado e dignidade à própria vida. É algo que reconheço em mim e nos outros. A verdade quando manifesta, nos conduz a uma atitude de extrema **coerência interna**. Faço aquilo que sei em plena harmonia com o que penso e sinto. Não há hiatos. A Verdade conduz-nos a nossa autoria de vida e de pensamento.

Expandindo-se ao outros níveis de realidade, transcendendo-se, ressignificando a valores qualitativos universais por meio de atividades educativas, o homem desabrochará suas melhores qualidades. Despertará, portanto, o interesse em compreender o sentido intrínseco da vida e, passar a assumir valores coerentes com o respeito por todos os sistemas vivos, transcorrendo a *cuidar* melhor de si, do meio nacional e planetário. Possibilitando a integração de si mesmo com o planeta, com a natureza e com outros seres humanos.

Certa vez, a Unesco solicitou aos premiados com o Nobel da Paz que escrevessem um Manifesto²². O texto apresentava como tópicos basilares as seguintes orientações: *“Respeitar todas as vidas; Rejeitar a violência; Partilhar a generosidade; Ouvir para compreender; Preservar o Planeta; Reinventar a solidariedade”*.

Estes são nossos nortes para o caminho da sobrevivência da humanidade no planeta...

²² ²² É possível visualizar este e outros documentos no site <http://www.unesco.org.br>

CAPITULO V.

UM CURRÍCULO DO INÉDITO VIÁVEL: O DESVELAR DO *HUMANO DO HUMANO*, A AMOROSIDADE DO SER.

Nestes novos tempos, com o desenvolvimento das tecnologias, a globalização, enfim, a pós-modernidade trouxe-nos incontáveis benefícios, mas trouxe-nos também o exílio de nosso planeta Terra. A ganância e sede de poder do homem, o fez inimigo da natureza. O homem, em seu projeto de dominação, de poder sem limites, fragmentação interior, tornou-se altamente perigoso pondo o futuro da biosfera e a própria espécie em risco. Como diz Freire “*A globalização que reforça o mando das minorias e esmigalha e pulveriza a presença impotente dos dependentes, fazendo-os ainda mais impotentes é destino dado.*” (FREIRE, 2001, p.43)

O desmoronamento quantitativo do planeta não significa necessariamente o desmoronamento definitivo dos valores qualitativos que felizmente continuam a existir e a se manifestar em grande número de pessoas, pois os valores do ser, os valores espirituais são próprios a consciência da maioria dos homens. A sobrevivência planetária pertence de fato a essa grande família que pode ser reconhecida nesses valores qualitativos, mas sem, no entanto manifestá-los, pois a natureza e espiritual e sensível do seres levam no precisamente a ser retrain face a um mundo hostil. No entanto, a sobrevivência planetária é responsabilidade de todos, de modo que cada ser tem o dever de combater mais do que nunca para manifestar tais valores e, se possível tornar este mundo mais humano. (RANDOM, 2000, p.55)

5.1. Um Currículo do Inédito Viável

A educação, mais especificamente aqui - o currículo - carregou (e ainda carrega) um caráter tecnicista, fragmentário, dominador, ideológico reprodutor de uma hegemonia hierárquica incorporada na realidade das classes sociais. De acordo com Apple (2006), a estrutura dos conhecimentos transmitidos pela escola e pelo professor está intimamente ligada aos princípios de controle social e cultural de uma sociedade. Portanto, a educação traz sua parcela de responsabilidade desta realidade que se apresenta.

Como nos dizia Paulo Freire em seus inúmeros escritos: a utopia do inédito viável é algo que deve ser sempre percorrido por educadores e todos humanos e humanas que desejam superar a dualidade opressor-oprimido.

Em nossa reflexão sobre caminhos, diretrizes transdisciplinares para uma educação em valores humanos, desejamos apresentar também reflexões sobre o currículo. Um currículo permeado de valores qualitativos, um currículo onde a competência amorosa possui valor impar, um currículo do inédito viável.

O pensamento transdisciplinar se dá conta dessa realidade causal e de seus efeitos. Ele intervém para de algum modo regenerar a forma numa sociedade moribunda, reintegrando na linearidade as energias simbólicas e reais da verticalidade destruidoras. Assim, ele restitui o sujeito ao objeto, o homem à natureza, ligando a tanto a unidade quanto a diversidade do todo, devolvendo ao ser e a seus valores humanos e metafísicos o lugar dominante que lhe cabe. (RANDOM, 2000, p. 21)

Chamamos aqui de um **currículo do inédito viável** porque desejamos apresentar a possibilidade de um sonho - aliás, um bom educador é aquele que ajuda a produzir sonhos – que parece utópico, mas que existe possibilidade de viabilizar-se pelas mãos amorosas em ação. Esta utopia é a humanização e amorosidade na e pela educação; uma educação com e por amor, uma educação que vise muito além de formação do *fazer*, mas uma educação do *Ser*. O ser humano vivendo sua potencialidade humana e irmanado: um ser sistêmico, ecológico, integrado, que compartilha, constrói, coopera na dialética da amorosidade.

Oxalá, estamos na aurora-*esperança*¹ de um novo tempo. É tempo de inteireza, é tempo de religar, re-encantar, de reencontrar o *mais dentro*¹, é tempo do *aprender a ser*¹. É tempo de um novo currículo, de um novo caminho que se faz caminhando...

Mas, esta caminhada que poucos fizeram anteriormente, por terras muitas vezes áridas, é única, mas também é de todos. É uma caminhada interna por onde me encontro no *outro* e encontro o outro *eu* em *mim*, é uma caminhada do *eu* em *tu* e do *tu* em *mim* e, de todos: *eu* e *tu* que se fazem *nós* em comunhão cósmica. É uma caminhada de religação com o todo da vida, com a teia da vida.

Tudo que aprendo, sei e compreendo serve essencialmente para alargar a minha capacidade de me voltar para o amor a mim mesmo, ao meu outro (quem quer que ele seja) ao mistério da vida que comparto com os meus outros (humanos e não – humanos) e ao meu mundo, a começar pela casa-nave Gaia, onde vivo e onde crio e comparto os meus encontros de vida e com a vida. (BRANDÃO, 2005, p. 100)

5.2. O currículo-caminho- jornada

Como conhecemos em sua acepção etimológica currículo significa: *currere*, significa *caminho, jornada, trajetória, percurso*. É tempo de um currículo-trajetória consciente de sua força de mudança, um currículo munido da ferramenta do diálogo construtivo e crítico-social, capaz de ser ferramenta de luta na superação da ideologia hegemônica e de opressão, (FREIRE 1985).

Como diz nosso grande mestre Paulo Freire, ensinar exige alegria e esperança que, pela nossa luta democrática e justa, seja permeada pela dialética da vida e os homens sejam sujeitos autônomos e livres.

É tempo de um novo caminho, de um novo currículo: ferramenta de libertação, autoria, autonomia, permeado pela amorosidade humana. Porque,

ensinar exige a crença e ação amorosa do inédito viável: de uma educação libertadora e transformadora (FREIRE, 2001).

O currículo pode ser uma ferramenta de dominação e reprodução das desigualdades sociais e ideologias (APPLE, 2006), assim, permeado pelo caráter político e um objeto da e constituído pela cultura (SACRISTÁN, 1995). Portanto, existem, faz tempo, muitas lutas para desvelar - através e pelo currículo-, na busca por novos caminhos que favoreçam a reestruturação social para que esta tão valiosa ferramenta seja objeto de liberdade, construção de caráter, justiça e democracia.

Autores como Michael Apple (2001), Sacristán (1995) e Paulo Freire(1985, 2001) em suas muitas obras de relevância mundial nos trazem referenciais importantes de mudança, referencias de democracia e libertação.

Buscamos a construção de um novo currículo, que vise uma mudança consistente, que tenha como objetivo primeiro o desenvolvimento da irmandade humana bem como novas formas de produção auto-sustentáveis com respeito-reverência a todas as formas de vida que comungam conosco esta herança cósmica: a Mãe Terra, nutridora da vida.

Buscamos a construção de um novo currículo que operacionalize o *aprender a aprender*, o *aprender a fazer* e mais ainda, o *aprender a ser* e *aprender a viver* em um espírito de solidariedade, respeito e harmonia, com o planeta Terra e com os nossos irmãos planetários. Que nos auxilie no resgate do *humano do humano* um ser consciente de seu entrelaçamento ecossistêmico e cósmico. Conseqüentemente, este novo currículo deve estar pautado na complexidade humana, no sujeito em suas múltiplas dimensões: biológica, social, mental e espiritual.

5.3. A espiritualidade e amorosidade no currículo

Um novo currículo deve sair do paradigma fragmentário das disciplinas e abarcar a solidariedade da interdisciplinaridade bem como transgredir para a

transdisciplinaridade, dimensão esta que contém o Sagrado... o espírito, a espiritualidade: a essência.

Dizemos tudo isto porque, um novo currículo deve preparar o ser humano para viver processos que contemplem a construção do conhecimento, o desenvolvimento do potencial humano em harmonia com o ecossistema permeado pela vivência de valores humanos, gerando uma atuação competente e amorosa.

Um novo currículo que preconize que a paz está acima da ideologia, acima de qualquer crença ou religião. Que o interesse e ações pela paz devem ser maiores do que qualquer interesse pessoal ou coletivo. Porque, como nos diz Leonardo Boff (2000), o ser humano capta valores e significados e não apenas fatos e acontecimentos. O que definitivamente conta não são as coisas que nos acontecem, mas o que elas significam para a nossa vida e que experiências elas nos propiciam.

Estes nossos valores transcendentais estão imbuídos em nosso interior, na alma humana em nossa dimensão espiritual...

Um novo currículo deve contribuir de forma efetiva para resgatar nos seres humanos a cooperação, a solidariedade e o respeito ao diferente, considerando todas as culturas e tradições, promovendo o desenvolvimento humano com consciência e ética, despertando nas pessoas o compromisso com a construção de uma cultura de paz e a vivência da espiritualidade no cotidiano (MORAES, 2005)

Solidarizar é tornar sólido. Quando solidarizamos-nos tornamo-nos consistentes, unimos forças, fiamos caminhos. Encontra-se sentido em sentir-se como parte do todo. Pela solidariedade retornamos a nossa essência, tornamo-nos essência, religamos-nos ao todo. (ALVES, 2006, p. 149)

A dimensão espiritual vem-nos sugerir o cultivo da consciência da relação mente-corpo, da relação eu-outro, da relação de pertinência à Terra e, sobretudo, de pertinência a uma força maior dentro e/ou fora de mim, mas só constatada no silêncio interior. Espiritualidade, termo que se usa com certa freqüência, sugere o cultivo de tudo aquilo que já se foi referido: consciência da relação mente-corpo, da relação *eu-outro*, da relação de pertinência à Terra e, sobretudo, de pertinência a

uma força maior dentro e/ou fora de mim, mas só constatada no silêncio interior, Boff (2000).

Uma imagem que gosto muito é a do espaço que está no interior de um cântaro – esse espaço é o mesmo que preenche todo o universo. Não vale a pena quebrar o cântaro para chegar a uma certeza. No coração do cântaro que somos, qualquer que seja sua forma, espessura, beleza, fragilidade, existe o infinito. A presença do Ser preenche o nosso Eu, o nosso Ego e não vale a pena destruir o nosso Ego. Trata-se de abri-lo, de abrir o cântaro que somos ao espaço que está em nós, ao espaço que contém todas as coisas. (LELOUP, 2000, p. 47, 48)

A espiritualidade é a abertura do coração, da dimensão *trans* que transpassa, transgride, encontra-se, comunga-se na e com a dimensão do Sagrado.

Espiritualidade como diz Boff (2000) é *“um fio de energia, de vida e de sentido perpassa a todos os seres, constituindo-os em cosmos.”*

5.4. Os sujeitos em um espaço de amorosidade

Em um currículo caminho-jornada, em um currículo transdisciplinar, não há hierarquia nem mesmo subordinação de qualquer espécie na relação educador-educando em um espaço de amorosidade. Há uma construção horizontal e não-linear visto que, os papéis educador-educando estão constantemente intercambiando-se. Como diz a célebre frase de Freire *“feliz o educador que aprende ao ensinar e ensina ao aprender”*.

Em um currículo de amorosidade não há hierarquia de conhecimentos ou de saberes. Estes são eleitos pelos ensinantes-aprendentes na relação dialética com os desejos e contextos a serem criticados, refletidos e transformados amorosamente.

Seus objetivos acolá, são desenvolver o bom uso da inteligência preparando sujeito para uma vida bem vivida, reflexiva, instigadora, pesquisadora, construtiva, produtiva, útil a sociedade e a humanidade e si próprio e ao planeta. São, portanto, tornar mais humana, valiosa, democrática, integrada e consciente a vida dos seres em sociedade, porque,

De que adianta obter determinadas quantidades de informações sobre geografia e história, adquirir a capacidade de ler e escrever se, durante o processo, o indivíduo perde sua (sic) alma, se perde sua capacidade de avaliar as coisas, de perceber os valores aos quais essas coisas estão ligadas, se perde o desejo de ampliar o que aprendeu e, sobretudo, se perde a capacidade de extrair o significado de suas experiências futuras a medida que ocorrem?(DEWEY, 1938, p. 49 *apud* APPLE, 2001, p. 30 e 31)

As lições fundamentais vão além do aprender a aprender e do aprender a fazer, são aquelas de refletem condições de justiça, dignidade, auto-estima, autoconhecimento, cooperação, solidariedade, que realmente refletem a condição humana do humano. Todos são chamados a ação de construção em liberdade e na amorosidade e assumem seus papéis pautados em valores transcendentais de respeito-reverência a vida.

O trabalho pedagógico mais importante de uma pessoa responsável por algum contexto de educação não é ensinar tecnicamente o que sabe a quem não sabe. É criar cenários de respeito pleno pelo outro. Contextos interativos de aceitação sem limites das diferenças e de convite fraterno a um trabalho de criação partilhada e amorosamente emotiva de saberes, no qual os diferentes participantes de uma comunidade aprendente se sintam motivados a conviver-e-saber. (BRANDÃO, 2005, p.100).

Os sujeitos em um espaço de amorosidade são sujeitos tem a possibilidade de construir de fiar com, de com-fiar seu conhecimento, seu crescimento interior, sua subjetividade pela intersubjetividade com o outro e com o meio, na relação de liberdade democrática e solidária. Assim, o conhecimento não se faz apenas conhecimento para o *fazer* e sim também conhecimento para se *fazer* mais humano, mais amoroso, mais solidário, mais consciente e mais sábio: é o conhecimento que se faz sabedoria, pois torna mais valiosa a vida humana.

Amorosidade que transcende todas as hierarquias, que quebra paradigmas. Amorosidade no qual cada ser humano desperta-a e desenvolve-a dentro de si e pondo-a a serviço da vida humana e do planeta. Amor cheio de energia, amor do diálogo e da compreensão, amor partilhado, dividido, multiplicado!

Amorosidade...

Esperançar...

(...) um mundo menos terrível, menos cruel, podemos esperar uma humanização, podemos humanizar e civilizar nossa Terra.

Tudo isso pressupõe, ainda, a religação. Ela é uma necessidade vital para o pensamento, para o desabrochar dos seres humanos, que precisam de amizade e de amor e que, sem isso, definham e se amarguram “. (MORIN, 2003, p. 53).

Através do amor podemos escapar da morte. Não da morte do corpo, mas da morte da humanidade, do *homo ludus, poesis...* É, na solidariedade do amor que se torna possível uma relação cordial com o outro. Na simpatia e projeção/identificação com o outro que é possível a compreensão. A força do amor humano alimenta todas as fontes imaginárias e enche a vida real da poesia. O amor traz a consistência da sabedoria e da loucura, faz-nos sustentar o destino, faz-nos amar a vida. O ser humano não vive só de pão, vive de amor e poesia. Vive de união, cooperação, flores, sorrisos. O estado poético do amor nos dá a esperança de superar os nossos próprios limites, de sermos capazes de comungar com que está além de nós (MORIN, 2002 *apud* ALVES, 2006).

Só se compreende quando se ama e só se compreende de verdade aquilo que se pode amar. (...). Apenas o amor e os sentimentos derivados dele ampliam a interlocução entre o sentimento e a inteligência, tornando uma sensibilidade humana ilimitada à nossa capacidade de conhecer e compreender. (BRANDÃO, 2005, p. 99)

A poesia do amor e o amor em poesia incandescem a força da vida, nos traz o desejo e o prazer de viver, transborda de nossa essência para além das palavras e recriam o mundo com luzes dos nossos sonhos... Alves (2006).

A força do amor e amorosidade a nossos irmãos fraternos nos traz forças para continuar a luta de muitos homens que se fizeram *esperançar*-verbo-ação como Mahatma Gandhi, Paulo Freire, Nelson Mandela, Martin Luther King Madre Tereza, Jesus Cristo e muitos outros que continuarão a incansável busca pela da liberdade, democracia, igualdade social, fraternidade; esta luta da construção do *humano* do *humano*, da coragem serena e humilde do voar com o outro, do religar a teia da vida.

O currículo assim como a vida é sempre um texto em construção. Somos seres inacabados, assim sigo em construção de meu texto vida...meu currículo, caminho caminhado, caminhante...amado, errante...sigamos construindo um novo currículo. Não há receita visto que, o caminho se faz ao caminhar, mas nossos nortes, nossa luz diz-nos que aprender o amor se faz no ato de amar...

Contudo, lembremo-nos sempre de nos questionar: aprender o quê, para quem e para quê? Se este for o caminho do coração..é um bom caminho...(PUEBLA, 1997) sigamos...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Caminho Que Se Fez Caminhando...

Fizemos o caminho no caminhar de muitos anos, muitas estrelas, muitas superações, muitos sonhos. Abraçamo-nos e voamos alto. Descobrimo-nos não apenas como um, mas como mil e um habitantes de um planeta desconhecido e descobrimos que somos o próprio planeta. Ou mais que o planeta, somos o cosmos.

Descobrimos que ao viver muitos caminhos de desconcertos e desequilíbrio, crises e quebras de paradigmas, encontramos uma oportunidade imensa de olharmos a multidimensionalidade humana e cósmica. Rever nossos valores, currículos, caminhos para então perceber que toda esta diversidade e complexidade que parece caótica nada mais é um mar de imensas possibilidades e crescimento. Que, nada é nada mas o nada, o isto ou o aquilo é o tudo, é o Todo do qual fazemos parte. Tudo se liga a tudo e quanto maior a complexidade e diversidade, maiores tornam-se nossos níveis de consciência, maior é o nosso crescimento, maiores são nossos vãos...

Cabe ao educador saber que, um **Projeto Pedagógico Transdisciplinar que vise a ressignificação dos valores, a construção de autoria e o despertar da Humanidade do Humano**, deve seguir com o humilde desejo de despertar o educador para si mesmo através do **autoconhecimento**. Em um espaço de autoconhecimento, comunhão, reflexão e vivência de valores, escuta sensível de si e do outro, o educador encontrará a possibilidade de encontrar-se com sua verdadeira **identidade, sua autoria**, descobrindo o valor da vida e uma vida com **valores humanos...transcendentes...**

Como a maior responsabilidade da educação é de contribuir para o desenvolvimento humano, ela será fortalecida se tivermos, acima de tudo, plantado sementes de amorosidade, cooperação, alegria, crescimento na diversidade, equidade, esperança, paz... Se houvermos dado nosso aporte para fortalecer os laços de humanização, de religação fazendo o homem compreender que não segue

só nesta jornada, mas que ele é parte deste imenso cosmos e nenhuma ação sua, por mais inerte que lhe pareça, deixará de influenciar no ecossistema, na vida de toda humanidade.

Cabe fundamentalmente ao professor, um semeador de estrelas, conduzir o processo educativo, consciente de que sua função compõem-se em algo mais que passar matérias ou conhecimentos técnicos. Cabe a sapiência de que sua atitude e competência amorosa para com o educando é a maior lição. Seus valores servirão muitas vezes, como exemplos e influenciarão a construção do caráter do educando.

Cabe ao professor saber que, quando vivemos o que ensinamos, ensinamos para o viver.

Quando amamos o que fazemos valoramos o que vivemos.

Cabe saber que, quando somos o que desejamos que sejam conosco, o Universo devolve a energia que lhe emanamos e nos sintonizamos com a frequência que nos transmuta para o real de nossos desejos pois, vivemos *juntos* em uma rede de relações nesta imensa comunidade cósmica (BOFF, 1999)

Cabe ao professor saber que, toda ação ou inação nossa implica em responsabilidade individual, social, ambiental da ação humana, planetária e mesmo cósmica.

Cabe ao professor saber que, quando ensinamos para vida, nossas atitudes favorecem ao educando a, descoberta e desenvolvimento do próprio potencial criativo e amoroso, referenciados em valores universais que também espelhamos.

Cabe saber que, um projeto inter e transdisciplinar...é construído com a humildade, a espera, a coerência, o respeito, o desapego e a amorosidade de reconhecer o outro e no outro muito de mim...

Como disse Carlos Brandão (2005), Maria Cândida (2004) em suas muitas obras, bem como Umberto Maturana e outros: valores se aprendem no viver, amar se aprende com exemplos de amorosidade, se queres a paz seja a paz, é compreender para ser compreendido... Então sigamos sendo sentinelas porque

queiramos ou não, estaremos ensinando valores a nossos alunos e para muitos que cruzarem nosso caminho...

Vamos construir pontes... antes que as frestas sejam tão profundas a ponto de não conseguirmos mais transpô-las. Sejamos o amor que desejamos...

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes: 1999.

ALVES, Maria Dolores Fortes. **De Professor a Educador: Caminhos da Autoria: uma contribuição da Psicopedagogia para a ressignificação dos valores do professor.**, São Paulo: UNISA, 2004.(dissertação de mestrado).

_____, **De Professor a Educador**. Contribuições da Psicopedagogia: ressignificar os valores e despertar a autoria. Rio de Janeiro: WAK, 2006.

_____. **O Vôo da águia: uma autobiografia**. Rio de Janeiro: WAK, 2008

ALVES, Maria Dolores Fortes; BRANCO, Sandra Cristina P. **Valores humanos em educação: Uma Ética do óbvio**. 53º CONGRESSO DO S.B.P.C. Salvador; UFBA. **Anais da 53ª Reunião anual de iniciação científica**. Salvador-B. A: SBPC, 2001.

ALVES, Maria Dolores Fortes; PEREIRA-AUGUSTO, Maria Alice. **Valores humanos em educação: uma proposta para o curso de Pedagogia**. CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNISA. **Anais n.º 4**, 2001. São Paulo: UNISA, 2001.

ALVES, Rubem **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez / autores Associados, 1985.

_____. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Papirus, 2000.

_____. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. São Paulo: Papirus, 2001

_____. **Por uma Educação Romântica**. São Paulo: Papirus, 2002.

ANDRADE, Márcia Siqueira. **A escrita inconsciente e a leitura invisível**. São Paulo: Memnon, 2002.

ANDRADE, Márcia Siqueira; CAPOVILLA, Alessandra Gatuzo S. (Org.) **A produção do conhecimento: métodos e técnicas de pesquisa em Psicopedagogia**. São Paulo: Memnon, 2002.

_____. (c). **O prazer da autoria: a Psicopedagogia e a construção do sujeito autor**. São Paulo: Memnon, 2002.

ANDRADE, Márcia Siqueira;. CAPOVILLA, Alessandra Gatuzo. S. (Org.).**Cadernos de Psicopedagogia**. Vol.1- nº 1. São Paulo: Memnon, 2001.

_____. **Cadernos de psicopedagogia**. Vol. 1- nº 2. São Paulo: Memnon, 2001.

_____. **Cadernos de psicopedagogia**. Vol. 2- nº3. São Paulo: Memnon, 2002.

APPLE M. **Escolas Democráticas**. São Paulo:Cortez, 2001.

_____. **Ideologia e Currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofando: Introdução a Filosofia**. 2ª ed. rev-
atual. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, Yara.; LANE, S. T. Maria. **Arqueologia das emoções**. Petrópolis, RJ:
Vozes.1999.

_____. **Alfabetização emocional: Novas estratégias**. Petrópolis, RJ: Vozes,
1999.

ARENDDT, Hanna. A crise na educação *in*: _____. Entre o passado e o futuro. São
Paulo: Perspectiva, 2003

ARNT, Rosamaria de Medeiros. **Docência Transdisciplinar**: em busca de novos
princípios para ressignificar a prática educacional.. São Paulo: Programa de Pós-
graduação em Educação: Currículo, PUC/SP. Tese de doutorado, 2007.

ASSAGIOLI, Roberto. **Psicossíntese**: Manual de Princípios e Técnicas, Ed. São
Paulo: Cultrix, 1982

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação, rumo à sociedade aprendente**.
Petrópolis, R.J. : vozes,1998.

AZEVEDO, Cleomar. **As emoções no processo de alfabetização e a atuação
docente**. PUC/SP: São Paulo, 2002. (tese de doutoramento)

BAUMAN, Zygmunt, **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____.**Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

_____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Amor líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge
Zahar, 2007.

BEAUCLAIR, João. **Educação para a Paz**: um estilo de ‘aprender ensinar’ e
‘ensinar aprender’ na perspectiva da Educação em Direitos Humanos como possível
suporte psicopedagógico. EE Maria Veralba Ferraz. Universidade Salgado de
Oliveira. <http://www.aprender-ai.com/txtartigo.asp?pageart=1>Acesso em 15 de abril
de 2005.

_____. **Psicopedagogia**: trabalhando competências criando habilidades?
Um outro pilar para o conhecimento: aprender a amar,. Rio de Janeiro. WAK, 2004.

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. **Ética da Vida**. Brasília: Letraviva, 1999.

BOSSA, Nádya Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Dificuldades de aprendizagem:** o que são e como tratá-las? Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 2000.

_____. **Fracasso Escolar:** um olhar psicopedagógico. São Paulo: ARTMED, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (org.). **O educador:** vida e morte. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aprender o Amor.** Sobre um afeto que se ensina a viver. São Paulo: Papyrus, 2005.

_____. **A canção das sete cores:** Educando para a paz. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Criatividade e Novas Metodologias.** São Paulo: Peirópolis, 1996.

_____. **Pesquisa Participante.** São Paulo. Brasiliense, 1986

_____. **O que é Educação.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros**

curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais e Ética. Brasília, 1997.

BRUNER, Jerome. Cap. 2. A psicologia popular como um instrumento da cultura. Cap. 3. Ingresso no significado. Cap. 4. Autobiografia de si mesmo. In: BRUNER, Jerome. **Atos de Significação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. P. 39-121

BUNGE, Mário. **Emergencia y convergencia: novedad cualitativa y unidad del conocimiento.** Barcelona: Editorial Gedisa. 2004

BUSCAGLIA, Léo. F. **Vivendo, amando e aprendendo.** 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **Amor.** Rio de Janeiro: Record, 1989.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação - A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergentes.** São Paulo, Cultrix, 1987.

_____. **A teia da vida:** Uma compreensão científica dos sistemas vivos. ed São Paulo: editora primeira edição 1999.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CORTELLA, Mario Sergio.. **Escola e o Conhecimento: Fundamentos Epistemológicos e Políticos**, São Paulo: Cortez, 2006.

D`AMBROSIO; Ubiratan. **A era da consciência**. São Paulo: Peirópolis, 1997.

_____. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Atena, 1997.

DAVIS, C. **Ofício de Professor: aprender mais para ensinar melhor**. Vol. 2 São Paulo Fundação Victor Cívica, 2003. (cadernos)

DELORS, Jacques. **Educação, um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2000.

DISKIN, Lia. **Ética, Cultura de Paz – um desafio inadiável**. São Paulo: Palas Athena, 2003. *in* <http://www.palasathena.org>. Acesso em: 20 de out. 2007.

_____. **Entrevista Vida Simples**. São Paulo: Palas Athena, 2003. Disponível em: <http://www.palasathena.org>. Acesso em: 20 de out. 2007.

ESPÍRITO SANTO, Ruy. Cezar. do. **Pedagogia da Transgressão**. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1991.

_____. **O Renascimento do Sagrado na Educação**. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

_____. **Desafios na formação do Educador: retomando o ato educativo**. São Paulo: Papyrus, 2002.

_____. **Autoconhecimento na Formação do Educador**. São Paulo: Ágora, 2007.

FADIMAN, James.; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história teoria e pesquisa**. 14ed. São Paulo: Papyrus, 2007.

_____. (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. São Paulo: Papyrus, 2005.

_____. **Interdisciplinaridade Qual o sentido?** São Paulo: PAULUS, 2003.

_____. **Interdisciplinaridade: Dicionário em construção**. São Paulo: Cortez, 2002..

_____. colabs. Dea Fenelon ... et al. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autoria de pensamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

_____. **A mulher escondida na professora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **Os idiomas do aprendente:** análise das modalidades de ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FREITAS, Nilson Guedes. **Pedagogia do amor:** caminho da libertação na relação professor aluno. Rio de Janeiro: WAK, 2000.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia.** Paz e Terra, 2001.

_____. **A pedagogia do Oprimido. 17 ed.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

FREUD, Sigmund. **Esclarecimento sexual das crianças (carta aberta ao Dr M. Furst)** (1907) Edição eletrônica brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980 Vol. IX

_____. **Sobre as teorias sexuais das crianças** (1908). Edição eletrônica brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, vol. IX.

_____. **Sobre o narcisismo:** uma introdução (1914). Edição eletrônica brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, vol. XIV.

_____. **Além do princípio do prazer** (1920). Edição eletrônica brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, vol. XVIII.

_____. **A dissolução do complexo de Édipo** (1924). Edição eletrônica brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: IMAGO, 1980, vol. XIX.

FURLANETTO, Ecleide. **Como nasce um professor?** Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. São Paulo: Paulus, 2003.

GARDNER, H; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GHIRALDELLI JR., P. **O que é Pedagogia.** 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988

_____. **O que é Pedagogia.** 3 ed. rev. e atual. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GEERTZ, Clifford. Cap.8 pessoa, tempo e conduta em Bali. In. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d. Cap. 4. p.225-278.

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil.** São Paulo: Cosac Naify, 2001.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional:** a teoria revolucionaria que redefine o que e ser inteligente; trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOMES, Cândido Alberto. **Dos valores Proclamados aos Valores vividos.** Brasília: UNESCO, 2001. (Cadernos UNESCO Brasil. Série educação; vol. 7).

GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de

construção da informação. São Paulo: Thomson, 2005.

GOTTMAN, Jean. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos:** como aplicar os conceitos revolucionários da inteligência emocional para uma compreensão da relação entre pais e filhos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

GUSDORF, George. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da Pedagogia. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

IMBERNÓN, Francisco; Trad. ROSA, E. **A educação no século XXI:** os desafios do futuro imediato. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas sul 2000.

INOUE, Ana Amélia; MIGLIORI, Regina de Fátima; et al **Temas transversais e educação em valores.** São Paulo: Peirópolis, 1999.

JAPIASSU, Hilton (1934-). **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KUPFER, Maria Cristina M. **Freud e a Educação:** O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1997.

LACOMBE, Mariana. **Aprender a ser** (artigo) disponível em: www.cetrans.com.br 1º acesso em: 25 de jun. 2005.

LAPLANCHE, Jean. ; PONTALIS, Jean B. **Vocabulário da Psicanálise.** 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MARCHAND, M. **A afetividade do educador.** São Paulo: Summus, 1985.

LELOUP, J.Yves. **Palavras da Fonte.** São Paulo: Vozes, 2000.

LUCKESI, Ciprino, **Formação do educador sob uma ótica transdisciplinar** Revista ABC EDUCATIO, v. 04, nº 29, nov/2003.

MARQUES, R. **Escola, currículo e valores.** Livros Horizonte, 1997.

_____. **Ensinar valores: teorias e modelos.** Porto Editora: Ltda, 1998.

MATURANA, R. Humberto. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Psy, 1995.

MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. de. **Formação humana e capacitação.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINELLI; Marilu. **Aulas de transformação:** O programa de valores humanos em educação. São Paulo: Peirópolis, 1996.

_____. **Conversando sobre valores humanos em educação.** São Paulo: Peirópolis, 1999.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade.** São Paulo: Palas Athena, 2000.

MIGLIORI, Regina. **Cultura de Paz e Valores Humanos.** Rio de Janeiro: Programa da Paz, 2001

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos Saberes: transdisciplinaridade, complexidade e educação.**São Paulo: ProLíbera Editora: Antakarana/WHH -Willis Harman House, 2008. (no prelo)

_____. **O Paradigma Educacional Emergente.** 11 ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

_____. **Pensamento Eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI** São Paulo: Vozes, 2004.

_____. **Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade** São Paulo: Vozes, 2003.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar: Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação.** Vozes, 2004.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro.** São Paulo: Cortez , 1996.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget,1997.

_____. **O método: I. A natureza da natureza, 1977; II. A vida da vida, 1980; III O conhecimento do conhecimento, 1986; IV. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização, 1991; V A humanidade da humanidade: A identidade e humanas, 2002; VI Ética, 2004.** Porto Alegre: Sulina.

_____. **Ciência com consciência.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

_____. **A inteligência da complexidade.** 3.ed. São Paulo: Peirópolis, 2000b.

_____. (a). **Amor, poesia, sabedoria.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **A religação dos saberes.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

MUNHOZ, M. L. P. **A Psicopedagogia para a Construção do Sujeito.** Caderno de Psicopedagogia vol. 1 nº1. julho- dezembro, 200,pp.84,92.

NICOLESCU, Basarab.(a) **O Manifesto da Transdisciplinaridade.** São Paulo: Triom, 1999.

_____. (b)**Um novo tipo de conhecimento - transdisciplinaridade.** In Educação e transdisciplinaridade. Brasília: Ed. UNESCO, 1999.

_____. **Declaração de Veneza – 1986; Carta de Transdisciplinaridade – 1994; Declaração de Locarno – 1997; Que Universidade para o amanhã? Em busca de uma evolução transdisciplinar da Universidade,1997; Responsabilidade das**

Universidades para com a Sociedade – 1997 in www.transdcongress.com.br
(1º acesso em 26 de junho de 2005)

PAIN, Sara. **Subjetividade e objetividade: Relação entre desejo e conhecimento.** CEVEC (Centro de Estudos Vera Cruz): São Paulo, 1993.

_____. **Diagnóstico e Tratamento de problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. **A função da ignorância.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PEREIRA-AUGUSTO, Maria Alice. **A Ética como tema transversal: um estudo sobre valores democráticos na escola.** (Dissertação de Mestrado). FE-USP 2001.

PERRENOT, Philippe. **A Prática reflexiva no ofício do Professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETRAGLIA, Cristina Izabel. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber.** Petrópolis: Vozes, 2001

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo.** São Paulo: Martins fontes, 1998.

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil.** São Paulo: Cosac Naify, 2001.

PLACCO, Vera. Maria Nigro de Souza. **Formação e Prática do Educador e do Orientador: confrontos e questionamentos.** Campinas. SP: Papyrus, 1994.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do Vínculo.** São Paulo: Martins fontes, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido. **Redefinindo a habilitação ao magistério a nível de 2º grau.** mimeo.(apresentado na V Conferência Brasileira de Educação, Brasília, DF, 1988).

PUEBLA, Eugênia . **Educar com o Coração.** São Paulo: Peirópolis, 1997.

RATHS, L. *et al.* **Ensinando a pensar.** 2 .ed. São Paulo: EPU, 1977.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro.** Campinas: Papyrus, 1990.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e competência.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

RIBEIRO, Maria. Lúcia. Santos. **História da Educação Brasileira.** 19ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

RODRIGUES, Maria Lúcia. **Horizonte do Educador.** Disponível em: http://edgarmorin.sescsp.org.br/arquivo/download/arquivos/HorizontesDoEducador_2003.doc/ acesso em 26 de janeiro de 2004.

RANDOM, Michel. **O pensamento transdisciplinar e o real.** São Paulo: Triom, 2000

- RATHS, L. et al. **Ensinando a pensar.** 2 .ed. São Paulo: EPU,1977.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **Currículo:** uma Reflexão Sobre a Prática. Porto Alegre: Artes Médicas:1995.
- SALTINI C. P.Junior. **Afetividade & Inteligência:** A Emoção na Educação - Vol. 1.
- SAINT-EXUPERY, Antony. **O pequeno príncipe.** 45.ed. Rio de Janeiro: Agir,1997.
- SANTOS-NETO, Elídio. **Educação Transpessoal.** São Paulo: PUCSP,1998, (tese de doutorado)
- SCOZ, Beatriz. (org.) BORGES, A. L. GAMBINI.R. **(Por) Uma educação com alma:** a objetividade a subjetividade nos processos de ensino aprendizagem. 2 ed.Petrópolis, R J: Vozes, 2000.
- SILVA, Maria Cecília Pereira. **A paixão de formar: da psicanálise a educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- SOUZA-NETO, João Clemente. **De Crianças e Adolescentes Abandonados:** Estratégias de Sobrevivência. São Paulo: Edifio, 1993
- STEINER, Rudolf. Lanz. **A Pedagogia Waldorf** - Caminho para um Ensino mais Humano. 6 ed. São Paulo: Ed. Antroposófica 1998.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TURATO, Egberto. Ribeiro. **Tratado da metodologia clínico-qualitativa:** construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas. Petrópolis, RJ: 2003.
- WEIL, Pierre. *et al.* **Rumo à Nova Transdisciplinaridade.** São Paulo: Summus, 1993.
- VARELA, Francisco J. **Sobre a competência ética.** Lisboa: edições 70,1992 .
- ZOHAR, Danah. **O Ser quântico.** São Paulo: Best Seller, 1990.

ANEXO 1

QUESTÕES

- 1) Quais são os valores que estão presentes no seu dia-a-dia como professor?
- 2) Quais os valores que norteiam sua vida?
- 3) Como e de que forma esses valores passaram a fazer parte de sua vida?
- 4) Qual foi o professor que mais marcou sua vida? Por quê?
- 5) Em sua opinião, quais seriam os valores que norteavam a prática do professor mencionado na questão 6 (anterior)?
- 6) Em sua opinião existe diferença entre ser professor e ser educador?

RESPOSTAS

Quando questionamos os professores a respeito dos *valores que estavam presentes no seu dia-a-dia*, 48% responderam que os valores da categoria aqui classificados como Ação Correta; 16% responderam que os valores contidos na categoria Amor; 14% disseram que os valores da categoria Não-violência; 13% responderam que eram os valores da categoria Verdade; 9% disseram que eram os valores da categoria Paz. Na categoria Ação correta o valor Respeito esteve presente em 42% das respostas enquanto que os valores Solidariedade (categoria Não-violência) e Amor (da categoria Amor) estiveram presentes em 13% e 7% respectivamente.

Ao questionarmos os professores a respeito dos **valores que norteavam sua vida**, obtivemos as seguintes respostas: 45% disseram Ação Correta (no qual o valor Respeito esteve presente em 44% das respostas); 18% responderam Amor e em igual porcentagem Verdade, no qual o valor Amor esteve presente em 18% das respostas; 15% responderam Não-Violência, em que o valor Solidariedade esteve presente em 23% das respostas; 4% responderam Paz.

Na questão **“De onde adquiriram os valores?”**, 32% dos professores entrevistados adquiriram os valores da família, 30% adquiriram da sociedade e 38% adquiriram da família e sociedade juntamente.

No questionamento “**Qual o professor que mais marcou sua vida?**”, 44% responderam que foram os *professores do primário*, 22% *da faculdade* e 10% *do magistério*. Outros 14% coube a *outros professores*.

Perguntamos também *que valores estes professores pensavam estar presentes no fazer destes professores que foram seus mestres* e tivemos como resposta: 53% respeito, 22% solidariedade, 14% honestidade e 11% amor.

Outro dado interessante que aqui registramos se dá ao questionarmos os professores se havia **diferença em ser Professor e ser Educador**. 52% responderam que *Sim*. Questionamos também os professores se eles acreditavam que *seus valores poderiam influenciar a vida do aluno* e 100% responderam *Sim*.

ANEXO 2

Annie Rottenstein :Artista plástica, arteterapeuta e tanatóloga francesa radicada no Brasil. Utiliza a arte como instrumento de expressão e conscientização, principalmente em assuntos ligados à perda. Ministra palestras e os cursos *Arte da ponte: Valorização da vida pela arte e Relações essenciais: Reconhecimento e ordem* (em parceria). Professora convidada na equipe da Formação Holística de Base da Unipaz. Membro do Departamento de Tanatologia da Associação Médica de Minas Gerais. Membro fundador da Associação Mineira de Arteterapia.

Carlos Rodrigues Brandão: Psicólogo, Mestre em Comunicação e em Antropologia Social pela UnB, Doutor em Ciências Sociais pela USP, livre-docente em Antropologia do Simbolismo pela Unicamp. Pós-doutorado em Perúgia e Santiago de Compostela, professor visitante da Universidade de Cambridge, professor titular do Departamento de Antropologia da Unicamp. Professor colaborador do departamento de Antropologia da Unicamp, Professor do Programa de pós-graduação da UFG.

Carlos Sebastião Andriani: Presidente da Fundação Dpuglas Andriani, parceira da Fundação Peirópolis. Administrador de empresas, pós-graduado em finanças, Mestrado em Valores Humanos e professor da FGV – nos cursos de Pós-graduação para a disciplina Ética nas Organizações.

Daniel Munduruku: Índio da nação Munduruku, formado em Filosofia e licenciado em História e Psicologia. Mestrado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo. Autor do Livro infantil “Historia de Índio”.:

Edmundo Pelizari Filho: Capelão e conselheiro pastoral da Igreja Velho Católica. Professor de Teologia (*Biblical and jewish Spiritual Tradition*) na Alexandria Institute for Advanced Spiritual Studies (NY - USA). Membro da Comunidade Nativa “Tribe of Christ” dos índios cherokee (USA).

Francisco Marques (Chico dos Bonecos): Poeta, contista e desenrolador de brincadeiras. Formado em Letras pela UFMG. Desenvolve oficinas para professores de Ensino Fundamental e Educação Infantil. Sua obra “Galeio”, lançada pela Editora Peirópolis, recebeu o “Prêmio Odylo Costa, filho – O Melhor Livro de

Poesia – 2005”, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Franklin José Heilbuth: Compositor, escritor de histórias infantis. Presta atendimento para secretarias de governo através de cursos e seminários em diversos Estados do Brasil. Pedagogo pelo Instituto de Educação de Minas Gerais, orientador educacional especializado em Educação Especial pela Universidade de Pós-Graduação de Piracicaba/SP. Ex-professor da Universidade Federal de Uberlândia, ex-assessor da Secretaria de Educação Municipal, ex-coordenador de Educação Especial da Superintendência Regional de Ensino. Criador do projeto que deu origem ao Centro de Educação Especial de Uberlândia, que foi referência em Minas Gerais.

Gustavo Korte: Conferencista internacional em transdisciplinaridade em valores humanos, advogado civilista internacional há 34 anos. Nos últimos 27 anos dedicou-se aos estudos filosóficos em busca da linguagem comum a todos os seres. É autor de vários livros.

Juarez Tadeu de Paula Xavier (Olossum e Axogun): Sacerdote iorubá. Jornalista pela PUC/SP, Mestre em História e doutorando pela USP.

Kaká Werá Jecupé: Índio txukarramãe criado pelos guaranis, professor de tradições indígenas e líder de grupos de desenvolvimento humano baseado nessas tradições.

Lama Padma Samten (Alfredo Aveline): Professor, escritor, presidente do Centro de Estudos Budistas Bodisatva. Físico com bacharelado em mestrado pela UFRGS. É o primeiro lama da linhagem Ningmapa com nacionalidade brasileira.

Marilza Helena Betanho: Assistente social e coordenadora nacional do MAB - Formação em Educação para a Paz. Educadora facilitadora de grupos de convivência e vivências, consultora do Ministério de Saúde na área de Saúde do Adolescente.

Marina Francini: Terapeuta energética e “rebirther” responsável no Brasil pelo trabalho terapêutico de Mãos sem Fronteira. Especialista no Programa de Alimentação “Living Food” da Dra. Ann Wigmore.

Mário Lúcio da Silva: Professor de Física, orientador educacional e conferencista em programas de educação e desenvolvimento humano e em tradições espirituais. Estudante e divulgador do Programa de Educação em Valores Humanos – Educare de Sathya Sai Baba. Conferencista e consultor nas áreas de relacionamento interpessoal em organizações. Professor de Hatha e Raja Yoga. Terapeuta em Ayurvédica, Alinhamento Ancestral e Constelações Familiares.

Maristela Ramos: Professora de Educação Física e de Valores Humanos da rede municipal de ensino de Uberaba. Professora de Valores Humanos da Fundação Peirópolis. Focalizadora de Danças Circulares e Sagradas. Coordenadora e dinamizadora do curso “A arte da ponte”.

Osório Roberto dos Santos: Psicanalista, administrador, diretor executivo por 15 anos de multinacional com mais de dois mil funcionários - case mundial na instituição e no mercado -, consultor de empresa em Desenvolvimento Humano. Coordenador de centenas de grupos em workshops sobre liderança em empresas de grande porte. Autor de livro sobre educação e desenvolvimento humano. Passou por todos os Estados brasileiros organizando a comunidade, criando centros culturais e desenvolvendo projetos de arte-educação com crianças carentes.

Raquel Pereira Alves: Educadora. Formação: Educação em Valores Humanos, Educação para a Paz, Filosofia. Educação para o Pensar. Especialização em Psicodrama Pedagógico e Dinâmica de Grupo. Coordenadora do Curso de Educação em Valores Humanos da Fundação Peirópolis. Arte-Educadora em formação. Dez anos de experiência na formação continuada de Educadores. Experiência no desenvolvimento humano de grupos.

Rosa Maria Viana: Doutora em Ciências Sociais, Socióloga. Docente da Universidade Salgado de Oliveira em Goiânia, onde coordena o Programa Universo da Paz. Foi Diretora do Campus Semente da Fundação Peirópolis e consultora do PNUD/ONU.

Sonia Aparecida Gonçalves: Mestranda em Educação pela Uniube/MG. Coordenadora do Curso de Pedagogia da Uniminas/MG. Pedagoga formada pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Ciências em Valores Humanos pela Uniube/MG. Alfabetizadora do Mobral. Diretora da APAE de Uberlândia, orientadora educacional na Escola de Educação Básica da UFU, educadora social de projetos sócio-educativos para adolescentes e jovens no Movimento de Adolescentes Brasileiros e na Fundação Peirópolis.

Ubiratan D'Ambrósio: Doutor em matemática, cientista de renome internacional, professor emérito da UNICAMP, membro do Conselho do Pugwash Conference on Science and World Affairs. Signatário das declarações do Fórum “Ciência e Cultura” da UNESCO. Presidente do Instituto de Estudos do Futuro.

Walmir Cardoso: Físico, Mestre em História da Ciência, professor da PUC/SP, presidente da Sociedade Brasileira para o Ensino da Astronomia (SBEA), conselheiro da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC), produtor e apresentador da série “Olhando para o Céu” – TV Cultura SP

Walmir Cedotti: Psicanalista, consultor de empresas em Desenvolvimento Humano, comunicólogo social, arte-educador, pesquisador de tradições indígenas e sua cosmovisão no Brasil e no exterior. Professor na Fundação Peirópolis. Autor de vários livros de enfoque transpessoal.

Frequentemente são convidados outros professores para participarem dos cursos da Fundação Peirópolis, como é o caso da pesquisadora em questão.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)